
3 1761 07046775 8

Ky

[illegible]

45

Ao meu tio Antonio Jordão
como prova de amizade
offe

Jordão

CAMÕES



CYPRIANO JARDIM

CAMÕES

DRAMA HISTORICO EM 5 ACTOS

Representado pela primeira vez nas festas do tricentenario
no Theatro de D. Maria II

PORTO

IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA

MDCCCLXXX

A MEU IRMÃO

O DOUTOR

LUIZ JARDIM

Luiz:

A dedicatoria d'este livro traduz o cumprimento d'um dever.

Como obreiro da instrucção do povo, tu trabalhaste sempre com affinco, para que, representando-se este drama, o povo soubesse bem a historia do Poeta que lhe assegurou a nacionalidade.

Pois, já que entre nós existe, além da do sangue, a união do trabalho, dediquemos, nós dois, este livro a nossa mãe, na esperança de que, algum dia, se possa applicar áquella que nos educou, a phrase que eu escrevo no quarto acto: «Felizes as mães que teem, por historia, a historia dos seus filhos...»

Cypriano Jardim.

SOBRE O DRAMA

Desde que começou a desenvolver-se no espirito portuguez o pensamento do Centenario de Camões, comprehendêmos que entre as manifestações d'este jubileu nacional seria o drama a fórma de arte que melhor se prestaria á glorificação do genio que synthetisa a vida historica d'esta nacionalidade. O drama é uma evocação á vida; a arte adivinha o passado e levanta-o, fal-o passar de novo diante dos nossos olhos. Prestando a Camões a homenagem devida pelas gerações de tres seculos, quem não quereria vel-o outra vez actuando na galhardia dos sentimentos que o inspiraram, soffrendo a dôr que nos communicou nos seus cantos, para no fim acclamal-o como um athleta que triumpha, e que envolve a sua patria na auréola immortal da sua gloria? O drama possue esta vara magica da evocação. Precisavamos de um drama para completar as festas do Centenario de Camões; d'entre as fileiras consagradas da litteratura official ninguem surgiu com o trabalho novo, e para vergonha da sua esterilidade mental, apenas se limitaram a estafados prologos, um ou outro folheto sem ponto de vista, e, o

que é peior, serviram-se da posição casual em que se achavam para difficultar as creações de espiritos mais fecundos.

Foi n'estas condições que Cypriano Jardim nos annunciou o desejo de escrever especialmente para o Centenario um drama sobre Camões. Não o dissuadimos da empreza, nem o precipitámos n'ella; fallamos simplesmente a verdade, restabelecendo as condições historicas e philosophicas sob as quaes o drama deveria ser escripto. Mais de vinte dramas em que é heroe Camões existem escriptos em portuguez, francez, italiano, hespanhol, allemão e dinamarquez; em todos elles Camões é um typo ideal, uma figura de convenção, sem o minimo vislumbre de realidade. Entre 1808, em que se escreve a primeira composição, e 1879 em que apparece um drama lyrico em catalão (1), fizeram-se profundos estudos sobre

(1) Eis a lista bibliographica dos diversos dramas escriptos sobre Camões:

Staffeldt, Camões, scena dramatica em dinamarquez, 1808; traduzida nos *Eccos da lyra teutonica,* do inglez de Runkel.

Wilhelm von Thery, Camões, 1823.

Anonymo, Camoens, drame historique, 1829.

Chezy and Schmid, Camoens.

Munch Bellinchausen, Camoens, tragedia, 1837.

Idem (Frederick Halms), Camões, 1839.

Uffo Horn, Camoens in exil, 1839.

Saint George, L'esclave du Camoens, 1843.

Luiz Antonio Burgain, A morte de Camões, 1843.

Mestschersk, Camões, imitação do allemão, 1845.

Victor Perrot et Dumesnil, Camoens, 1845.

Alexandre Monteiro, Camões, em 4 actos, 1847.

Francisco Manoel Raposo de Almeida, Leitura academica de Camões, 1847.

a biographia do poeta, sobre a grande época de quinhentos em que elle é uma das principaes figuras, e sobre o caracter da sua individualidade gigante. Nenhum d'estes resultados fôra aproveitado para reconstruir pelo drama a figura sublime de Camões. Tradições falsas, sentimentos convencionaes, ignorancia da sociedade portugueza da época da renascença, eis os elementos sobre que se edificaram os dramas em que Luiz de Camões é o protogonista. Dissemos ao escriptor enthusiasta, que não metesse mãos ao drama sem tomar um pleno conhecimento das descobertas historicas dos modernos camonianos. Cypriano Jardim estudou os documentos colhidos por Juromenha, leu detidamente os materiaes acumulados na nossa *Historia de Camões*, e a somma dos elementos de realidade viva e cheia de situações novas era tão abundante, que os episodios commoventes e tragicos da vida do poeta

Eugène Garay de Monglave, Camões, drama manuscripto, 1849.
Carolina Coronado, Sigêa; n'este drama entra Camões.
De Deslandes, Camoens, drame historique.
Burgain, Luiz de Camões, drama em 5 actos, 1849.
Antonio Feliciano de Castilho, Camões, imitação liberrima de Victor Perrot e Dumesnil, 1849.
Leone Fortis, L'ultime ori di Camoens allo ospidale de Lisbona, scena dramatica in versi.
—— Camões, poema dramatico representado pela Ristori em Lisboa.
—— Camões, ò un Poeta ed un Ministro, drama em 5 actos e epilogo, 1851.
Raposo d'Almeida, Camões, drama, 1851.
Bacharel Joaquim José Teixeira, Camões, tragedia inedita (ap. Wolf).
Casimiro de Abreu, Camões e o Jáo, scena dramatica, 1856.
Don Marcos Zapata, Camões, drama lyrico em um acto, representado em Barcellona em 1879.
Xavier de Paiva, Camões em Africa, scena dramatica, 1880.

não cabiam em um drama em cinco actos. O trabalho artistico consistiu em escolher d'essa complexidade de situações ricas, as que eram mais surprehendentes, mais significativas, e em ligal-as entre si com o nexo da deducção, que na obra do theatro consiste em tornar o movimento a funcção do sentimento. Vimos pela primeira vez um Camões verdadeiro; o proprio assumpto alevantava o auctor. Quando o drama recebeu a primeira consagração em uma leitura na Sociedade de Geographia de Lisboa, immediatamente se propalaram rumores que o drama fôra escripto por mim! Honro-me em extremo em ter contribuido por trabalhos de erudição historica, de ha muito publicados, para que o auctor do drama abandonasse os typos convencionaes e procurasse recompôr a realidade; honro-me pela boa fé com que acolheu as minhas palavras, e com a franqueza com que me mostrou o seu plano; honro-me mais ainda, porque depois de escripto o seu drama não o considerou com o direito á luz sem ouvir o nosso juizo definitivo. Até aqui a minha relação com a obra; a construcção integral pertence ao que se apropriou dos elementos descobertos pela critica e pela historia, os ligou entre si, os conduziu ás situações sublimes, em que Camões nos apparece sob um aspecto mais profundo, o da verdade emergente da realidade. Bastava ter sido escripto para a festa nacional do Centenario, para que o drama fosse sympathico a nós todos, e para que prestassemos ao auctor um reconhecimento de boa confraternidade litteraria; não succedeu assim. Ca-

balas mesquinhas se empenharam para difficultar a sua representação solemne; vencidas em Lisboa, triumpharam no Porto. O drama *Camões*, era para Cypriano Jardim um repto, uma affirmação, a conquista de um logar entre a moderna geração litteraria, que tendo-se exercido na critica, no romance, na poesia, na historia, deixara o theatro entregue aos devaneadores romanticos. O drama alcançou a consagração de ser ouvido, repetido e victoriado na festa para que fôra escripto, e o auctor contrahiu o perpetuo compromisso que provocou com a sua obra nova.

THEOPHILO BRAGA.

PERSONAGENS DA PEÇA

Camões	Srs.	*Posser.*
D. Manoel de Portugal	»	*S. d'Almeida.*
D. Alvaro da Silveira	»	*B. Machado.*
João Lopes Leitão	»	*J. Costa.*
D. Francisco de Portugal	»	*A. Rosa.*
Pedro d'Andrade Caminha	»	*A. Antunes.*
D. Francisco Coutinho	»	*J. Vieira.*
Duarte Rodrigues	»	*Alves.*
D. Antonio de Lima	»	*Pires.*
D. João III	»	*C. de Lacerda.*
Francisco Barreto	»	*Dr. L. C. Pereira.*
O Bispo de Gôa	»	*Pires.*
Calisto de Sequeira	»	*Pinto de Campos.*
João Toscano	»	*Maggiolli.*
Manoel Serrão	»	*P. Brazão.*
D. Miguel Rodrigues Coutinho	»	*J. Vieira.*
Antonio (escravo de Camões)	»	*Valle.*
João de Paiva, medico	»	*A. Alves.*
Catharina d'Athayde	Srs.as	*D. Rosa Damasceno.*
D. Francisca d'Aragão	»	*L. Lopes.*
D. Guiomar de Blasfé	»	*C. Pereira.*
Luiza Sigêa	»	*C. Antunes.*
Paula Vicente	»	*Emilia.*
D. Maria Boccanegra	»	*Amelia.*
D. Joanna de Blasfé	»	*A.*
D. Leonor de Noronha	»	*Estephania.*
A Infanta D. Maria	»	*Zenoglio.*
Luiza Barbara	»	*Virginia.*
D. Ignez de Camões	»	*C. Antunes.*
D. Maria Figueirôa	»	*A. Pereira.*
D. Thereza Anriques	»	*E. Antunes.*
D. Anna de Sá de Macedo	»	*Falco.*

Fidalgos, damas, pagens, porteiros da canna, bailadeiras, escravas, alabardeiros, padres, arautos, besteiros, cavalleiros armados, etc , etc.

PERSONAGENS DO DRAMA

Camões

Luiz de Sá de Camões, filho de Simão Vaz de Camões, nascido de familia fidalga hespanhola (Camãnos), e de D. Anna de Sá de Macedo, filha d'uma nobre familia de Santarem. Nasce em 1524, em Lisboa. Depois dos estudos em Coimbra, onde foi feito *bacharel-latino*, entra em 1542 na côrte de D. João III. Em 1546 é desterrado do Paço, e vae para Africa, onde perde o olho direito no cerco de Mazagão. Passados dois annos volta á côrte, de onde sahe para novo desterro em 1550, partindo para a India em 1553. Em 1556 parte para a China, despachado *Provedor dos defuntos e ausentes de Macáu*. Volta d'alli, preso, em 1558, e, depois de varios trabalhos, sempre mais crescidos, regressa á patria em 1570, publica os *Lusiadas* em 1572, e morre no hospicio de Sant'Anna em 10 de junho de 1580. (Juromenha, *Obras*, tomo I. Theophilo Braga, *Historia de Camões*, parte I.)

D. Manoel de Portugal

Terceiro filho do conde de Vimioso. Fidalgo poeta e chamado, na côrte, o *Lume do Paço*. Um dos melhores e o ultimo amigo de Camões, que lhe deveu a mortalha. Introductor do Poeta, nos *serões* da Infanta D. Maria, fazia a côrte a D. Francisca d'Aragão, confidente, ao que se suppõe, de Catharina d'Athayde, como D. Manoel o

era de Camões. (Jur., *obras*, t. I, p. 30, 37. 104. D. Francisco de Portugal, *Arte de Galanteria*, p. 168.)

D. Alvaro da Silveira

Fidalgo poeta, filho do conde da Sortelha. Militou com Camões na India, e alli estreitaram a antiga amisade da côrte. Despachado capitão d'Ormuz, em 1558, morreu no combate de Baharem em 1559. Camões fez á sua morte, a elegia inedita que começa: *eu só perdi o verdadeiro amigo*... etc. (Jur., t. I, p. 35, 37, 81, 88. Theophilo Braga, p. 156, 237, 277.)

João Lopes Leitão

Poeta palaciano, amigo de Camões. Foi desterrado e preso para a sua casa de Pedrogam, *por ter entrado a ver damas do Paço sem licença do porteiro*. Militou com Camões na India, onde assistiu ao celebre *banquete das trovas*, no qual disse umas coplas, que juntas a um soneto feito a Camões, na representação do *Auto de Filodemo*, constituem tudo o que hoje resta dos versos d'este espirituoso poeta. Por alguns epitaphios de Pedro d'Andrade Caminha, e por uma carta, pelo mesmo Caminha escripta a Heitor da Silveira, presume-se que Lopes Leitão morreu n'um temporal do mar da India. (Jur., t. I, p. 37, 86. Theophilo Braga, p. 146, 237, 239, 264 e seguintes. Caminha, *Obras*, p. 361.)

Pedro d'Andrade Caminha

Camareiro do infante D. Duarte, sobrinho de D. João III e Poeta erudito da côrte. Foi grande inimigo de Camões, que o venceu em todos os generos de poesia, logo que entrou no Paço. Acrescentaria talvez o odio de Caminha, o ser Camões amado por Catharina d'Athayde, a quem Pero Caminha dirigiu muitos dos seus versos, e, por fim, o epitaphio, como se vê das suas *Obras* (p. 269, e outras). O seu odio a Camões não deixa duvida alguma, logo que se attente na visivel direcção que todos os seus epigrammas levam, para menoscabo do Poeta. (Theophilo Braga, p. 96, 141, 146, 147, 181. Caminha, *Obras*.)

D. Francisco de Portugal

Fidalgo da côrte, auctor da *Arte de Galanteria*, livro em que se encontram curiosos pormenores, de grande auxilio para o estudo da época, e conhecimento dos personagens da côrte de D. João III. (Jur., p. 30. Theophilo Braga, 153.)

D. Francisco Coutinho

Mordomo-mór da Infanta D. Maria, e, em 1561 governador da India, e conde de Redondo. Para evitar, desde já, a rectificação da possivel critica, cumpre-nos declarar que o epigramma de Camões, citado no 3.º acto, e feito a D. Miguel Rodrigues Coutinho, foi pelo Poeta enviado a este Governador, e não ao Viso-Rei D. Constantino de Bragança, como alli se diz. D. Francisco Coutinho, foi casado com D. Joanna de Blasfé, dama vinda de Hespanha, no sequito da Rainha D. Catharina. (Jur., p. 83, 88. Theophilo Braga, 131, 280.)

Duarte Rodrigues

Reposteiro do Paço, e depois feitor em uma armada da China. Era padrasto de Estacio da Fonseca, em cuja casa foi representado o *Auto d'El-rei Seleuco*. (Jur., p. 72.)

D. Antonio de Lima

Mordomo-mór do infante D. Duarte, filho de D. Manoel, e depois camareiro-mór de seu filho D. Duarte, duque de Guimarães. Casou com D. Maria Boccanegra, dama hespanhola que acompanhou a Rainha D. Catharina. D. Maria Boccanegra teve duas filhas: D. Catharina de Athayde, amante de Camões, e uma outra para a qual passou o cargo de Catharina, logo que esta *morreu na côrte, moça,* segundo resam os chronistas, e o alvará de tença. (Jur., p. 34. Theophilo Braga, p. 139.)

D. João III

Rei de Portugal. Filho do primeiro casamento de D. Manoel.

Francisco Barreto

Governador da India em 1555, com 39 annos de idade. Despachou Camões *Provedor dos defuntos e ausentes de Macau*, mandando-o recolher a Gôa, preso, por malevolencia e intrigas d'invejosos. *Mexericado por amigos*, como diz Manoel Correia. Foi um dos Governadores mais justos e honrados que nas Indias tivemos. (Jur., xv, 70, 81. Theophilo Braga. 236.)

O Bispo de Gôa

Não tem, no drama, papel que exija esclarecimentos. Sabe-se d'elle, que, eivado das doutrinas jesuiticas, já acceites e applicadas no reino, forcejou por introduzir na India as praticas do tribunal terrivel, que só foi definitivamente estabelecido em Gôa, no governo de D. Constantino de Bragança. (Ferd. Denis, p. 286.)

D. Miguel Rodrigues Coutinho

Fidalgo portuguez, a quem os soldados pozeram a alcunha de *Fios-seccos*, pela sua valentia no segundo cerco de Diu. Quiz *embargar* o Poeta, por dividas, tendo Camões de appellar para a amisade de D. Francisco Coutinho, que o soltou, lembrado talvez das amaveis redondilhas feitas na côrte por Camões a sua filha D. Guiomar de Blasfé. (Theophilo Braga, p. 281 e seguintes.)

Calisto de Sequeira

Fidalgo de Gôa, devasso e fanfarrão. Seria talvez um dos satyrisados por Camões nos *Disparates da India*, e *Satyra del Torneio*. (Jur., p. 136. Theophilo Braga, p. 221.)

João Toscano

Amigo de Calisto de Sequeira, e, por certo, seu companheiro como victima dos epigrammas, e talvez das vias de facto do Poeta, que, n'esse tempo, era chamado o *Trinca-fortes*, pelo seu amigo de Portugal, o poeta humoristico Antonio Ribeiro Chiado. (Theophilo Braga p. 221.)

Manoel Serrão

D'uma carta de Camões, a um amigo de Lisboa, vê-se que Manoel Serrão era cego d'um olho, como o Poeta, e que, como valente o tomou para testemunha n'um duello. Na sua carta, refere-se Camões com agrado, a Manoel Serrão, como sendo um bravo, que: *sicut et nós manqueja d'um olho*, etc. (Jur., p. 61, 62. Theophilo Braga, p. 221.)

Antonio

Escravo da Ilha de Java. Ao cargo de *Provedor dos defuntos e ausentes,* andava annexo um *naique que serve de lingua,* como se vê no *Orçamento do estado da India,* feito por Antonio d'Abreu (o engenhoso). Antonio, ligado a Camões pelo seu officio, confidente talvez das suas maguas e saudades, mais se deixaria prender pela injustiça da prisão do Poeta, a ponto de o acompanhar na sua volta a Gôa, affrontando, com elle, os perigos d'uma vida, que todos os dias crescia em desillusões e miserias. Os rasgos da dedicação do escravo, nunca desmentidos até ao fim da sua vida, tornam este personagem altamente sympathico, e dão a Antonio um quinhão importante em todos os contratempos e desgraças, tão abundantes na existencia do infeliz Poeta.

D. Catharina d'Athayde

Filha de D. Antonio de Lima, e de D. Maria Boccanegra. É a dama que a tradição nos dá como sendo aquella a quem se dirigiam todos os versos e queixas de Camões. A não ter uma existencia real, devera ser inventada esta individualidade, fatalmente necessaria para a recomposição romantica da vida do heroe. Se Pethrarca tinha a sua Laura, Dante a sua Beatriz, Bernardim Ribeiro a sua *Aonia,* exige a lenda que Camões tenha a sua Natercia, alvo e inspiração dos seus versos. (Jur., p. 34. Theophilo Braga, 139, 257.)

Luiza Sigêa

Dama erudita, da côrte da Infanta D. Maria. «Natural de Toledo, segundo diz Feijó, sobre ser erudita en la

Philosophia y buenas lettras, fué singular en el ornamento de las lenguas, porque supo la latina, la grega, la hebrea, la arabiga, y la syríaca: en estas cinco lenguas se diz que escribió una carta a Paulo III., etc.» O sr. visconde de Juromenha, cita o assentamento do livro das moradias da côrte, no qual esta dama gosava do ordenado de 6$000 reis, com o cargo de *Latina*. (Jur., p. 31. Theophilo Braga, p. 119.)

Paula Vicente

Filha de Gil Vicente. Consta que o ajudou a compor muitos dos seus bellos *Autos*. Escreveu varias comedias, talvez representadas na côrte, e hoje, infelizmente, perdidas. Foi auctora d'uma *Arte ingleza*, a primeira que appareceu em Portugal. (Jur., p. 31. Theophilo Braga, p. 42, 119.)

D. Guiomar de Blasfé

Dama da Infanta D. Maria. Nas *Obras* de Caminha encontram-se muitos versos feitos a esta dama; ella, comtudo, soube preferir os de Camões, a quem os pedia, despresando sempre as intrigas que o odiento Caminha preparou ao Poeta. Casou com D. Simão de Menezes, que foi morrer em Alcacer-kibir. (Apud. Theophilo Braga, Sousa. *Historia geneal.*, t. XIII, p. 799.)

D. Francisca d'Aragão

Dama da rainha D. Catharina. Era sobrinha de Francisco Barreto, e foi cortejada por D. Manoel de Portugal. Por este motivo talvez, vista a amisade dos dois poetas, foi D. Francisca d'Aragão a confidente amorosa de Catharina d'Athayde, e, mesmo depois da sua morte, sustentou correspondencia de cartas com Camões, depois da volta do Poeta, a Portugal. (Theophilo Braga, p. 131, 237. *Arte de Galant.*, p. 168.)

D. Leonor de Noronha

Dama da Infanta, e filha do marquez de Villa Real. Como as duas Sigêas, e Paula Vicente, era uma das eru-

ditas da côrte. Traduziu do latim a *Eneida de Marco Sabelico.* (Jur., p. 31. Theophilo Braga, p. 120.)

D. Joanna de Blasfé

Mulher de D. Francisco Coutinho, e mãe de D. Guiomar de Blasfé. Veio de Hespanha no sequito da rainha D. Catharina, e era dama de grande formosura e riqueza. (Theophilo Braga, 131, 280.)

D. Maria Boccanegra

Dama egualmente hespanhola, e pertencente tambem ao sequito da rainha D. Catharina. Casou em Portugal com D. Antonio de Lima, do qual teve, além d'outra filha a amante do Poeta, D. Catharina. (Jur., p. 41, 494. Theophilo Braga, p. 37, 139.)

A Infanta D. Maria

Filha do terceiro casamento de D. Manoel. Aconselhada pela rainha D. Leonor, aprendeu o latim, para lêr os officios divinos, segundo diz João de Barros. Morreu em 1577, anno em que appareceu o cometa que tanto aterrou Lisboa, por ser considerado annuncio e aviso da morte de D. Sebastião, e do reino, em Alcacer-kibir. (Jur., p. 30, 123. Theophilo Braga, 119.)

D. Ignez de Camões

Prima do Poeta, pelo ramo dos Severins, descendentes de Vasco Pires de Camões. Casada com Manoel Pegado, com elle embarcou para a India, e lá encontrou o Poeta, e muitos outros parentes, como dizem os srs. visconde de Juromenha e Theophilo Braga.

D. Maria Figueirôa

Apesar de vermos citada nas obras do sr. visconde de Juromenha uma dama d'este nome (t. III, p. 502), não foi nosso intento dar a esta senhora o mau papel que tem do drama. D. Maria Figueirôa, assim como

D. Thereza Anriques

São personagens de fantasia, exigida por pura necessidade de architectura dramatica.

Luiza Barbara

As incertezas em que os sabios investigadores visconde de Juromenha e Theophilo Braga, se viram forçados a apresentar esta individualidade, talvez importante nos episodios dramaticos da vida do nosso Poeta, levaram-nos a dar-lhe uma feição quiçá demasiado romantica. Os entendidos certo a avaliarão, e esperamos que hão de aceital-a como a mais aproximada da verdade scenica, sempre que o caracter de Luiz de Camões, que nos parece verdadeiro, possa consentir á critica a apreciação a que aspiramos.

D. Anna de Sá de Macedo

Nascida de familia nobre de Santarem, casou com Simão Vaz de Camões, do qual teve Luiz de Camões. Acompanhando a Coimbra, com seu marido e filho, então de 3 annos de idade, a côrte de D. João III, que fugia á peste de 1527, lá viu seu marido gastar toda a sua fortuna, para sustentar o Rei, a ponto de voltarem pobres, para a sua casa da Mouraria. Aos *doze annos*, foi o filho estudar para o collegio de Santa Cruz de Coimbra, de que seu cunhado D. Bento de Camões, era Prior Geral. Em 1569 morreu seu marido, Simão Vaz, e em 1570, depois da *peste grande*, vem encontral-a, *muito velha e muito pobre*, o filho que voltava da India, doente, e no mesmo estado de pobreza da mãe. D. Anna de Sá, depois de assistir aos ultimos momentos do seu filho, sobreviveu-lhe ainda quatro annos, como prova o alvará de tença de reis 15$000, descoberto pelo sr. visconde de Juromenha. (Jur., p. 11, 15, 85, 128, 172. Theophilo Braga, p. 310.

Um medico, fidalgos, Damas, pagens, porteiros da canna, soldados, escravas, bailadeiras, etc.

ACTO I

PERSONAGENS DO 1.º ACTO

(ÉPOCA 1549)

Camões (25 annos)	D. Catharina d'Athayde (16)
D. Manoel de Portugal (26)	D. Francisca d'Aragão (18)
D. Alvaro da Silveira (22)	D. Guiomar de Blasfé (18)
João Lopes Leitão (23)	Luiza Sigêa (24)
D. Francisco de Portugal (30)	Paula Vicente (24)
Pedro d'Andrade Caminha (30)	D. Maria Boccanegra (45)
D. Francisco Coutinho (50)	D. Joanna de Blasfé (45)
Duarte Rodrigues (50)	D. Leonor de Noronha (25)
D. Antonio de Lima (50)	A infanta D. Maria (26)
D. João III (47)	Um pagem

Fidalgos, damas, porteiros da canna, etc.

N. B. As indicações — direita, esquerda — são sempre direita, esquerda do espectador.

ACTO I

(1549)

Na côrte de D. João III. O theatro representa a sala das Pêgas no palacio de Cintra. Adornado, com sumptuosidade, ao gosto do tempo, com pannos de raz, representando galeões e batalhas portuguezas. Ao fundo, grande porta, ou arco que dá entrada d'uma especie de terraço, para o qual se sobe por escadaria de pedra, adornada com estatuas. As paredes enfeitadas com objectos da India, e Brazil: leques, estofos, pratos, cofres de charão, etc. Á esquerda, um poleiro doirado, com um papagaio, ou arára. Á direita, um estrado, tendo aos lados, e, mais baixos, assentos de brocado, ou tamboretes rasos do tempo. Ao fundo, esquerda, mesa antiga, com papel, e tinteiro com pennas de pato.

SCENA I

D. Francisco Coutinho, Duarte Rodrigues

D. Francisco Coutinho *(entrando a conversar com Duarte Roiz)* — Grande nova me daes, sr. Duarte Rodrigues!... Grande, e, por tal, muito para ser aproveitada... De boa fonte sabia eu já que alguma coisa tramava o poeta. Que os seus modos de disfarce, e conversas apartadas com João Lopes Leitão, bem descobriam tenção occulta, e pouco de se tomar á boa parte...

Duarte Rodrigues *(descendo)* — Pois é como vos digo, sr. D. Francisco Coutinho. Em casa de meu enteado, Estacio da Fonseca, foi representado o tal *Auto de Luiz de Camões*. E parece que tanto de intenção foi escripto, e tão vivas eram

as referencias, que muito me admirará se passar um dia, sem que a historia do acontecido chegue ao conhecimento de sua Alteza...

D. Francisco — Que chegue?... Não é o caso novo, nem vejo eu que seja de tal monta...

Duarte Roiz — Não vêdes? Mas é que não sabeis que o Auto, ao que me disseram, trazia sentido a lembrar coisa succedida n'esta côrte...

D. Francisco — Ah!

Duarte Roiz — Vêde pois se me não mortificará o caso, a mim, que tenho cargo no Paço...

D. Francisco — E quem sabeis que estivesse a ver a representação?...

Duarte Roiz — Os amigos do auctor. D. Manoel de Portugal, João Lopes Leitão... D. Alvaro da Silveira... Pero Caminha...

D. Francisco *(atalhando)* — Pero Caminha, dizeis?... Então deixae: que se lá estava Pero Caminha, certo será o discurso, e, logo atraz, o epigramma! De sobra sabeis que se não prezam os dois poetas; officiaes do mesmo officio... Mas, como particular da casa, Caminha levará a palma...

Duarte Roiz — Só fio a sua victoria do valimento!... Porque, posto não seja, da confraria, para mim tenho que os versos de Luiz de Camões, são de bem mais subido tomo, do que os do camareiro do sr. D. Duarte...

D. Francisco — Que, por ser camareiro, soube guardar o tal valimento! Sirva-vos isto de regra, sr. Duarte Rodrigues!... Mais vale quem quer, do que quem póde!... *(reparando ao fundo)* Mas ahi vem Caminha!... Olhae que já a estas horas traz na ideia o verso que logo dirá no serão...

SCENA II

Os mesmos. Pero Caminha

D. Francisco *(continuando para Caminha)* — Dizei-nos vós o que ha do Auto do vosso collega?...

Pero Caminha *(descendo)* — Meu collega será no versejar, que não no resto de seu porte em côrte de Reis!... Sabeis do novo caso?...

Duarte Roiz — Se do Auto fallaes, todos o sabem já...

Caminha — D'elle fallo. É mais um feito... em que o sr. Luiz de Sá de Camões *(com desdem)* toma para si a parte principal, dando de novo exemplos que, a serem seguidos, breve porão em perigo a cordura e isempção que El-rei tanto quer guardadas em sua côrte...

Duarte Roiz — Acertado dizeis, sr. Pero Caminha; a representação do Auto, ao que ouvi dizer, muito dará que fallar no Paço... e, em se sabendo que foi meu enteado que prestou a casa...

Caminha — Certo virá ter comvosco a colera de El-rei, quando souber da tenção a que alcança a urdidura da peça!... Mas, não vos amofineis por emquanto, que ainda ha amigos para os que o são. Ajudae-me vós no empenho em que ora ando, que não vos fará El-rei offensa, antes vos louvará pelo cuidado, como a vassallo cumpridor das suas ordens, e curador diligente da honra de sua casa. Mister é contar-lhe...

Duarte Roiz *(apressado)* — Certamente! Deixae que, em se sabendo do caso, não serei eu dos ultimos a apresentar a El-rei a verdade do meu zelo...

Caminha — Melhor fôra que, primeiro do que todos...

Duarte Roiz — Primeiro?... Parece-vos?...

D. Francisco — E muito bem, a meu vêr! Tenho que, se vos fordes já contar a El-rei tudo o que foi passado com o *Auto do Rei Seleuco*, escripto por Luiz de Camões, e representado em casa do vosso enteado Estacio da Fonseca, contra o vosso juizo, mas com agrado de João Lopes Leitão, D. Manoel de Portugal, Jorge da Silva, e outros, certo que El-rei vos acolherá a intenção, e vos dará talvez maior tença e honrarias do que aqui haveis por emquanto...

Duarte Roiz — Mas porém... se El-rei me perguntar do argumento da peça?... Ella segundo ouvi... chocava coisas, em tempo passadas no interior do Paço...?

Caminha — Não pucheis pelo juizo, já que não sabeis historia antiga. O argumento do *Auto do Rei Seleuco* vem a ser o seguinte: Seleuco, rei da Syria, era casado com Stratonice. Antiocho, filho de Seleuco, apaixonou-se pela madrasta, e vae morrer d'amôr. Seleuco, que vê não poderem as drogas salvar o filho, dá-lhe a madrasta!... Entendeis?...

Duarte Roiz — Entendo... até ahi. Agora o que elles diziam?... Como póde El-rei?...

Caminha — Tomar de má sombra o auto?... Lembrae-vos do que foi passado n'esta côrte, por occasião do terceiro casamento d'El-rei D. Manoel... Bem sabeis que o senhor rei D. João, então infante, havia ajustado casamento com a princeza D. Leonor?...

Duarte Roiz — Que o sr. D. Manoel tomou para

si, fazendo d'ella a sua terceira mulher!... Ah!... Entendo agora! D. Manoel fez, a seu filho, o contrario do que El-rei Seleuco fez ao seu...

CAMINHA — E assim, não cahindo ao sr. D. João III o bom papel de Antiocho, virá o *Auto de Camões* a ser epigramma ao seu engano, e muito de molde a acordar-lhe desejos de tirar vingança... do auctor...

D. FRANCISCO *(sollicito)* — Ou de qualquer outro que na representação consentiu...

DUARTE ROIZ *(timorato)* — Verdade!... verdade é!... Bem avisados andastes... em me amostrar tamanho perigo... Vou-me, em seguida, contar tudo a El-rei!... *(Detem-se ao vêr entrar D. Joanna de Blasfé.)*

SCENA III

Os mesmos. D. Joanna de Blasfé *(com um rôlo de papel na mão)*

D. JOANNA *(descendo, ao marido)* — Encontrei-vos, emfim!... que ha duas horas que ando em vossa demanda!... Novas trago, e grandes!...

D. FRANCISCO — Em boa hora venham!... Dizei breve!... *(Caminha e Rodrigues parecem affastar-se.)*

D. JOANNA *(aos dois)* — Não vos riparteis, senhores, que para todos são de interesse... Sabeis já da representação do *Auto do Rei Seleuco*?...

DUARTE ROIZ *(plangente)* — A quem o perguntaes, senhora!...

D. JOANNA *(mostrando o rôlo)* — Pois bem: eil-o aqui!...

D. Francisco *(surprehendido)* — O auto!...

Caminha *(alegre)* — O original!...

D. Joanna *(orgulhosa)* — Alcancei-o por meu afilhado Ramirez, moço da camara de Estacio da Fonseca. E, como já soubera do accaso das duas historias... tive que nos devia servir...

Caminha *(com intenção)* — E muito... visto que accaso não houve, mas proposito claro!...

D. Francisco *(confirmando)* — N'este instante se partia o sr. Duarte Rodrigues a contar a El-rei toda a tenção do escripto...

Caminha *(o mesmo)* — E bem póde agora levar a prova da sua diligencia!... *(olhando para Duarte Rodrigues)* sr. Reposteiro!... D'aqui vos estou vendo já almoxarife dos paços da Alcaçova, ou thesoureiro das moradias da côrte!...

Duarte Roiz — Amen, sr. Pero Caminha! Que para mim tenho que bem o mereço!... *(para D. Joanna)* Dae-me vós o papel, senhora!... *(tomando o rôlo)* Vou-me a El-rei, e confio que em breve sabereis novas!...

Caminha — Dizei-lh'o bem por miudo... que lhe não fique a mais pequena duvida...

Duarte Roiz *(partindo)* — Confiae do meu zelo... *(Sáe ao fundo, tomando á esquerda.)*

SCENA IV

Os mesmos, menos Duarte Rodrigues

Caminha *(voltando-se para os dois)* — Cuido bem, senhores meus, que não vae mal encaminhado o empenho!...

D. Francisco — Certo que sim!... Dentro de

uma hora haverá El-rei lido o auto, e bem se póde presumir do que fará!...

D. Joanna *(com força)* — Desterrar o poeta!... Não tem dois caminhos... a seguir!...

Caminha *(sorrindo)* — Receio bem que vos enganeis, por emquanto. Nem sempre convém aos reis levantar os pontos de honra... e tenho que o senhor D. João III, mesmo que muito ferido pela referencia, algum motivo achará... que melhor lhe encubra a vingança...

D. Joanna — Mas... qual?...

Caminha — Descançae, senhora minha, que ha de apparecer motivo a explicar a vingança do *Auto do Rei Seleuco!*... N'esta hora vos prometto eu, senhores, que o vaidoso Luiz de Camões não mais justificará a fama... de entreter amôres com vossa filha, a sr.ª D. Guiomar de Blasfé...

D. Francisco *(irritado)* — Pero Caminha!... Tal liberdade!...

Caminha *(encolhendo os hombros)* — É a liberdade... de socio na conspiração!... Vós, senhores, odiaes Luiz de Camões, porque, sendo pobre de dinheiro, ergueu olhos para vossa filha, a herdeira dos ricos fidalgos hespanhoes!... Eu odeio Luiz de Camões, porque, sendo rico de talento, é festejado como o primeiro poeta da côrte, e das damas querido como... nenhum outro!... Aqui tendes a verdade, que não consente disfarces... E, a que viriam elles, se todos nós queremos perder o poeta?

D. Joanna — Terrivel sois para inimigo, sr. Pero Caminha!... Melhor será pois ter-vos como amigo, e tenho fé que o sereis nosso?

Caminha — Para tal confio no meu engenho, e

no interesse dos meus associados! *(olhando ao fundo)* Mas olhae: cuido que vem chegando D. Antonio de Lima... Avisado será não nos encontrar juntos...

D. FRANCISCO *(dando a mão á mulher)* — Vamo'-nos nós, e aguardemos as novas, logo no serão... *(Sobem.)*

CAMINHA — Fio bem... que alguma coisa fará... o accaso... *(Os dois sahem.)*

SCENA V

Pero Caminha, D. Antonio de Lima

CAMINHA *(só)* — O accaso... bem preparado pelos odios de todos... *(aponta)* porque suspeito bem que D. Antonio de Lima comsigo traz material para a obra!... Elle que venha... que preciso é...

D. ANTONIO DE LIMA *(descendo e olhando em roda)* — Senhor... Pero Caminha...

CAMINHA — Alguem procuraes, sr. D. Antonio de Lima?...

D. ANTONIO — Verdade é: D. Maria, minha mulher, mandou-me recado, que muito me queria fallar...

CAMINHA *(com uma ponta d'ironia)* — De Luiz de Camões?...

D. ANTONIO *(sobresaltado)* — Como o sabeis?...

CAMINHA — Presumpções tiradas do que vae... Bem sabeis que o nome do poeta *(com intenção)* insigne!... por tal fórma anda em todas as boccas e pensamentos... E, quando se traz uma coisa no pensamento... não tarda nunca o instante,

em que as acções relatem... o que nos anda na ideia...

D. Antonio — Cuido perceber onde intentaes chegar... mas... se de mim quereis fallar, vos digo já que laboraes em grande engano!... Luiz de Camões não guarda tanto recato em seus galanteios, que não tenha deixado perceber a direcção d'elles, que não é, acreditae, a que se vos afigura...

Caminha — Milagre será se, em coisas d'amôr, mais apurada vista havereis do que eu... mas emfim... não vos quero contradizer... De mim sabeis já, que vos sou dedicado, e que, servir-vos a bem da vossa honra, será sempre o meu mór empenho.

D. Antonio *(em confidencia)* — Sei, e por tal de vós fio o que hontem descobri... Que não nos oiça alguem?... *(Vão espreitar e voltam.)*

Caminha *(descendo)* — Ninguem virá. As damas preparam-se para o serão, que, parece, será hoje dos melhores... A senhora Infanta, por sua propria bocca recommendou a Camões que não faltasse...

D. Antonio — E o poeta bem se desempenha do encargo, tomando sempre o passo a quem mais direito assiste no discretear com senhoras... Quer deixar-vos na sombra, sr. Pero Caminha! a vós que ereis tido como o primeiro poeta da côrte...

Caminha — Que quereis, sr. D. Antonio!... É que eu sei grego, e venero e respeito os velhos poetas dos serões do senhor rei D. Manoel!... Aquelles que tanto sabiam!... Luiz de Camões, o estudantinho de Coimbra, veio para ahi com os versos da escóla italiana e pretende mudar o gosto e

a moda, despresando os nossos bons classicos, com aquelles atrevimentos de phrase e invenções de palavras novas, a que elle chama liberdade de pensamento!... Em verdade vos digo que é um pôtro que bem precisa ser peiado! Devéras me espanta não o haverem perdido já aquelles seus constantes despresos pelas regras da etiqueta!...

D. Antonio — A etiqueta, dizeis bem!... É o faltar á etiqueta o que o ha de perder!... Bem mal avisado andou D. Manoel de Portugal em cá o trazer ha sete annos!... Que isto aqui, como dizia Gil Vicente na Romagem dos Agravados: «é um mar perigoso onde pesca muita gente!»

Caminha — E o Chiado?... no seu Auto das Oito Figuras?...

> Olha, conhece teu mal
> não te engane o bem do paço
> pois n'elle gastas o aço
> e ficas no ferro tal!...
> Que aquelle que bem cuidasse
> ante que no paço entrasse
> o que ha de ser ao deante:
> certo que escolhesse ante
> coisa com que se matasse!...

D. Antonio *(rindo)* — Ah!... ah!... Cuido bem que foi para uso do poeta que o Chiado escreveu os versos!...

Caminha — Vámos porém ao que mais vale; dizei o que sabeis do homem, para que possa ajudar-vos...

D. Antonio *(em confidencia)* — Ouvi pois. Sabeis que, ha tempos a esta parte, todos os versos

de Camões se dirigem a dama ignorada, á qual dá o nome de Natercia...?

Caminha — Certo que sei: e que a palavra Natercia é o anagramma de Catherina, tambem o sabeis vós. E, como é Catherina a dama desconhecida, suspeitaes vós que seja a sr.ª D. Catherina d'Athayde, vossa filha...

D. Antonio — Que estaes dizendo, Pero Caminha?... Minha filha, nunca!... Pois não sabeis que ha n'esta côrte tres Catherinas de Athayde?...

Caminha — Verdade é. Mas, quem bem as conheça todas, verá tambem que vossa filha, e minha senhora, ás outras muito sobreleva em graças e formosura... Essa será, por certo...

D. Antonio *(com força)* — Essa é mister que não seja, entendeis?...

Caminha — Perfeitamente. Só resta descobrir meio de encaminhar os sentidos do mundo para qualquer das outras duas. Dizei pois o que vos acode, sobre o melhor modo de conduzir a traça...

D. Antonio — Ouvi então: — Disse-me hontem Frei João do Rosario, confessor de D. Catherina, da que é filha de Alvaro de Sousa e de D. Filippa d'Athayde, que ha tempos se tem apercebido de uma certa tristeza nos modos e fallas da sua confessada...

Caminha — Enleios de menina môça...

D. Antonio — Mais que enleios será... porque, aconselhando-a o padre sobre o porte que lhe convém guardar deante dos galanteios dos poetas, toda ella se sobresaltou quando o bom homem lhe trouxe para exemplo — os motes, que tão a miudo são dados pelas damas para as voltas, redondilhas e outros versos de Luiz de Camões!...

CAMINHA — Ah!...

D. ANTONIO — D'aqui podeis vêr que se poderá aproveitar o dizer de Frei João do Rosario, fazendo perceber ao resto da côrte ser aquella, e não outra a Catherina do poeta!... Supponde a coisa em pleno serão!...

CAMINHA — Certo causará escandalo, e, em Sua Alteza a Rainha horror, quando souber que o caso já mereceu censura de Frei João do Rosario!... Fio bem que está descoberto motivo para desaggravo do auto...

D. ANTONIO *(admirado)* — Do auto?... Não entendo...

UM PAGEM *(chegando á entrada)* — Manda El-rei por vós, sr. D. Antonio de Lima.

CAMINHA — Ahi tendes a explicação! Ide ter com El-rei, sr. D. Antonio... e valei-vos do que ouvirdes, que para consulta sois chamado...

D. ANTONIO *(partindo)* — Razão tereis para o conselho... Vamos!... *(Sae o pagem, e elle atraz.)*

SCENA VI

Pero Caminha, depois D. Maria Boccanegra

CAMINHA *(só)* — Dizer em verso, no serão, dos sobresaltos da dama afigura-se-me pouco para o effeito e muito para zombaria do vaidoso... E agora, depois de tanto tempo de trabalho, não posso eu soccorrer-me a meio fraco, e de pouco seguro resultado... Mister é influir o animo d'El-rei, para que o golpe venha de cima... Ha de ajudar-me Frei João do Rosario, creando-lhe, no espirito abalado, a colera christã que nasce dos

escrupulos de consciencia!... Vou-me a procurar o jesuita!... *(Vae a partir, mas detem-se vendo entrar D. Maria.)*

D. MARIA — Á ponto vos deparo, sr. Pero Caminha!... Á cata de meu marido, a quem mandei recado, julgo caso de ventura dar comvosco aqui...

CAMINHA — Será minha, a ventura, senhora, se para alguma coisa vos prestar!... Com o sr. D. Antonio de Lima estive até agora; mandou por elle El-rei, quando nos estavamos a entreter ácerca do poeta da fama...

D. MARIA *(sobresaltada)* — De Camões fallaes?... Poeta e heróe deveis dizer!... Que se não abre bocca n'esta côrte, que não seja para apregoar o engenho e gentileza do sr. Luiz de Camões!... E lá fóra? Se até o povo o aclama por essas ruas, e os mercadores sahem ás portas para o ver passar?... Pois olhae que, por mais que pense, não descubro, ao cabo, a razão de tão grande fama, se, tudo o que sabe, aprendeu, comvosco, com Lopes Leitão, Manoel de Portugal, e tantos que já cá tinhamos!...

CAMINHA *(sorrindo)* — Mais alguns meritos que nós outros haverá o poeta!... Não será, por ventura, de menos peso em animos femininos, o mysterio guardado em amôres... E bem sabeis, senhora, que *(Recita)*

A mulher sempre mais ama
Quem d'amôres já tem fama!...

E fama tem elle, de sobra, de desconhecidos amôres...

D. MARIA *(irritada)* — Em quanto desconheci-

dos forem!... Porque, em chegando o dia do descobrimento... *(dando-lhe um papel)* Ora lêde-me isso!

CAMINHA *(vendo o papel)* — É um *mote* com sua *volta!... (reparando)* Em acrostico! Ah!... O mote é... Luiz! *(Volta o papel. Lê:)*

Lume d'esta vida
Veja-me esse lume
Iá que se presume
Sem o ver perdida...

Luiz!... E o resto... *(volta o papel)* Catherina d'Athayde!... *(Lendo muito depressa:)*

Concedei luz tal
A quem vós cegaste
Toda me tiraste
Essa só me vale...
Razão é...

D. MARIA *(atalhando e fallando muito depressa)* — Parae!... Que vêm para o serão!... Sabeis agora quem é a dama... Catherina d'Almada, filha de D. Francisco da Gama... prima d'elle... e sobrinha do seu amigo D. Manoel de Portugal... Guardae o verso e fazei d'elle bom uso, que não quero que se boqueje em minha filha... entendeis?... Vou-me ao encontro de sua Alteza... *(Sae para a direita.)*

CAMINHA *(só, com o papel na mão)* — Que seja Catherina de Sousa, ou Catherina d'Almada, ou Catherina de Lima, como melhor cuido, é sempre uma Catherina d'Athayde que aqui está!... Que El-rei o saiba, e d'isso haja provas, é tudo! Ah!... que o desaggravo do *Auto do Rei Seleuco* parece

que a ponto veio para perfeita justiça!... Vingo-me assim d'um inimigo, e rival... porque em breve Catherina!... Em breve eu serei o que mais valerá na côrte em honrarias e distincções reaes!... e então, Catherina!... então!... Vou-me ao gabinete d'El-rei!... *(Sáe para a esquerda, cumprimentando as damas que entram.)*

SCENA VII

Luiza Sigêa, D. Guiomar de Blasfé, Paula Vicente, Caminha *(sahindo)*

D. Guiomar *(cumprimentando Caminha)* — Caso grande será, o que leva a affastar-se de damas, tão consumado palaciano!...

Caminha *(da porta)* — Deveres do meu cargo, senhoras minhas!... Mas não havereis que esperar, que já vem subindo os srs. D. Francisco de Portugal, e D. Alvaro da Silveira... E breve chegará aquelle... que mais se espera e deseja!... *(Sáe cortejando para a esquerda.)*

D. Guiomar *(voltando-se para as outras)* — Refere-se a Luiz de Camões, amostrando sempre no discurso a escura inveja que o senhorêa... Receio bem que por este homem alguma desgraça venha um dia ao poeta!...

Paula Vicente:

Oxalá que tal desgraça
Não tenha dois a ferir...

D. Guiomar — Desacertada é a chufa, mais o verso, Paula Vicente! Melhor que todas, deveras

tu saber que vae notada differença entre galanteios, e amôr!... E, já que com versos vieste, quero contestar-te á letra com outros, de Gil Vicente, teu pae: *(Recita)*

Se já não fôra tomada
D'amôr mortal que me tem,
Segundo pareceis bem
C'os vossos fôra contada!...

(Apparecem á entrada D. Francisco de Portugal e D. Alvaro da Silveira.)

SCENA VIII

As mesmas. D. Francisco de Portugal, D. Alvaro da Silveira

D. FRANCISCO *(descendo)* — Que vejo, senhoras minhas!... As damas do Paço em torneio de rimas, sem que se veja sombra de poeta!... Caso é este que vae d'encontro a todas as regras da minha *Arte de Galanteria!...*

PAULA VICENTE — Ensinae-nos vós o que hemos de fazer, sr. D. Francisco de Portugal!... Que o vosso famoso livro não sirva só para uso de Suas Altezas... Mais carecemos nós das suas ordenações, do que aquelles que, por direito divino, já nasceram instruidos e sabedores...

D. FRANCISCO *(assustado)* — Calae-vos já, senhora!... Que não soam bem taes palavras aqui!... mormente n'esta casa!... Lembrae-vos que estaes na sala das pêgas, e attentae que, nos tempos de nigromancia que vão correndo,... *(aponta o tecto)*

alguma d'ellas sahirá da pintura para vos ir delatar!... *(Riem todas, olhando o tecto.)*

Paula *(rindo)* — Razão tendes, sr. D. Francisco! Estes meus ditos... que eu quero dar...

D. Francisco — Como sentenças! Geito que vos ficou de haverdes ajudado vosso pae nas suas comedias e satyras para o povo... representadas aos Reis!...

Luiza Sigêa — Dizeis bem, sr. D. Francisco! Esta Paula!...

D. Francisco — Vêde vós como me approva a sr.ª Luiza Sigêa!... E já que quereis citação da *Arte de Galanteria*, sabei que as fallas de flôres e amôres são prendas que bem cabem ás damas: «Assim ellas farão uma endeixa ou uma redondilha, e saberão responder a um mote» sem que se encontre em seu sentido palavra que ande mettida em julgamento de feitos, ou coisas da governança! Façamos pois endeixas e redondilhas, senhoras... e mais nada... que tudo o mais que se faça arriscado será!... *(voltando-se)* De D. Alvaro da Silveira vejo eu que se está morrendo porque comece o serão.

D. Alvaro — Não acertastes, sr. D. Francisco! Novas da India me tem trazido cortada toda a vontade, para festas e diversões...

D. Guiomar *(zombando)* — Triste andaes, sr. D. Alvaro? E a damas o dizeis? Sois como o vosso amigo Luiz de Camões, que não passa um instante, que se não fique a chorar males de coração ferido... por mão desconhecida...

D. Alvaro *(sorrindo)* — Desconhecida será a mão para quem não lhe attenta no sentido... Conheço-a eu, que, mal de mim!... seu companheiro

sou no ferimento... É mão branca... e fina que eu vejo...

D. GUIOMAR *(escondendo rapida as mãos)* — Olhae que vem a senhora Infanta!... *(erguem-se todas e esperam. A Infanta D. Maria, acompanhada por D. Catharina d'Athayde, D. Francisca d'Aragão e outras damas, passa ao fundo, pelo terraço, da direita para a esquerda, sem parar. Quando tem passado:)* Ai! que vae Sua Alteza pela Rainha e não lhe dei o seu recado! Mandou-me que lhe dissesse que não viria ao serão! E agora?... que fazer?...

D. FRANCISCO—Seguir a senhora Infanta e dar-lhe aviso! E como a *Arte de Galanteria* manda que se não deixem as damas pelos escuros do Paço, ide vós, senhoras, que eu vos acompanho!...

PAULA VICENTE — Vamos!... *(Quando vão a partir apparecem á entrada Camões e D. Manoel de Portugal. Ao verem os dois as damas querem sahir apressadas.)*

SCENA IX

Os mesmos. Camões, D. Manoel de Portugal

CAMÕES — Deixaes-nos, senhoras minhas?... Pois de tão má sombra serei, que, mal chegando aqui, logo de mim fujam as tres Graças apressadas?...

PAULA VICENTE — Nem fugidas, nem apressadas vão as Graças, sr. Luiz de Camões! Por vaidoso fallaes que não vos tememos nós!... *(olhando as duas e reparando)* Nós... as duas!... Eu e Luiza Sigêa... porque Guiomar... pregou os olhos no chão... *(Gesto de D. Guiomar.)*

D. Manoel *(sorrindo)* — Caso é para mote de volta, Luiz!... Ou os olhos não se attrevem, ou não querem!... E entre não poder, e não querer...

Camões *(sorrindo)* — Por não querer foi, que são desventuras minhas!... e por tal me queixo!... *(Dirigindo-se a Guiomar)*

Olhos, não vos mereci
Que tenhaes tal condição:
Tão liberaes para o chão

(Guiomar ergue os olhos)

Tão irados para mi!...

(abaixa-os)

Baixos e honestos andaes
Por vos negardes a quem
Não quer mais do que aquelle bem
Que vós no chão espalhaes?...
Se pouco vos mereci,
Não m'estimeis mais que o chão.
A quem vós o galardão
Daes, e mo negaes a mi!...

D. Manoel *(a D. Guiomar)* — Que responder, senhora?...

D. Guiomar *(depois de hesitar: parte)* — Que... que logo me vingarei! Heis de ser castigado!...

Camões *(cortejando)* — E grande seja o castigo que maior será a ventura! *(Sahem as tres, seguidas por D. Francisco de Portugal.)*

D. Francisco *(passando, a Camões)* — Crêde que o fará!... Mister é aperceber-vos de todas as armas!... *(Camões faz um gesto a descançal-o.)*

SCENA X

Camões, D. Manoel de Portugal, D. Alvaro da Silveira

D. Manoel *(descendo)* — Attenta no que disse D. Francisco, Luiz!... Guerra de senhoras... é a peior!...

D. Alvaro *(descendo)* — Tanto mais... sendo D. Guiomar filha de Castella!...

Camões *(preoccupado)* — Demos de mão a devaneios, amigos!... Sabeis o que ha?...

D. Manoel — Volta a historia da luz, que, ao entrarmos, me amostraste?...

Camões — Sempre!... Sempre!... Porque não ha duas horas passadas, desde que recebi parte de Estacio da Fonseca, de haver desapparecido de sua casa o *Auto do Rei Seleuco!...*

D. Manoel e D. Alvaro — Ah!...

Camões — De grande traição suspeito!... Aonde está D. Antonio de Lima?... E Pero d'Andrade Caminha?... O covarde, o invejoso Caminha?... Ai!... Manoel!... Que aquella luz no gabinete privado d'El-rei!...

D. Manoel — A tal hora... para estranhar é!... E, talvez não, por fim!...

Camões — Não te enganes, amigo!... Sabem todos que nunca El-rei entra n'aquelle quarto em passando a hora de vespera... E dia claro, sabe-se tambem que não ha lá entrar, senão D. Antonio de Lima, Pero Caminha e o seu inquisidor geral D. Frei Diogo da Silva!... Pois bem, amigos!... Á hora em que vos fallo, está El-rei ouvindo lêr o *Auto do Rei Seleuco!...*

D. Alvaro — Não vejo em tal, motivo para terror... o Auto reza de caso de historia antiga...

Camões — Que moderna se tornará, desque um cortezão de má fé, com intenções de leitura, despertar a memoria do que foi acontecido aqui!... Depois... o passado?...

D. Manoel — Ainda ha mais?...

Camões — E muito, por desgraça!... Ha dez annos que o sr. D. João III tirou, por demanda, a meu tio D. Bento de Camões, um thesouro que fôra achado no mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, de que elle era prior geral... e no anno seguinte...

D. Alvaro — Mais ainda?...

Camões — No anno seguinte, foi tambem o prior geral de Santa Cruz desapossado das rendas do priorado, vagas por morte do infante D. Duarte, irmão d'El-rei... Pois D. João III chamou as rendas a favor de D. Duarte seu filho bastardo, com sentença do Papa, e empenhos da companhia de Jesus!... Dizei pois se me não devo arreceiar, eu que sou sobrinho de D. Bento de Camões, e odiado por Antonio de Lima e Pero Caminha, ambos familiares de D. Duarte, e ambos ligados para explorarem e accenderem o estupido fanatismo d'El-rei!...

D. Manoel — Luiz!... Perdes o senso!...

Camões — Tens razão!... Aqui, mister é callar, senão... perde-se o senso!... Mister é callar, e deixal-os lá, a ordenar-me a ruina!... O infame Caminha!... o bôbo do epigramma soêz!... o sapo do meu talento!... E Antonio de Lima!... o ambicioso!... o pae d'ella, Manoel!... Ah!... que se não fôra esta funda adoração por Catherina!...

D. Alvaro — Bem!... A ti voltas emfim, caval-

leiro namorado!... Salva-te o excesso do amôr dos excessos da loucura!...

CAMÕES — Salvará, por certo!... Que, se não fôra este receio de a perder, ha quanto tempo já não haveria eu esmagado estas serpes que assoviam, e mordem da sombra!... Mas ella...

D. MANOEL *(olhando ao fundo)* — Ella... chega ahi como o sol!... não vês!...

D. ALVARO *(olhando)* — É alegre serão teremos, que não vem a Rainha... a nuvem negra das nossas alegrias!...

SCENA XI

Os mesmos, a Infanta D. Maria, D. Catherina de Athayde, D. Francisca d'Aragão, Luiza Sigéa, Guiomar de Blasfé, Paula Vicente, D. Leonor de Noronha, D. Maria Boccanegra, D. Joanna de Blasfé, D. Francisco de Portugal, damas, fidalgos, pagens, etc. *(Os tres fazem ala da esquerda. A Infanta traz na mão um papel enrolado, e atado com linha preta.)*

INFANTA *(descendo para a direita)* — Senhores... *(Os tres curvam-se)* Poucos sois ainda... Ah!... não faltastes, Luiz de Camões? Nem menos era para esperar de cavalleiro que a nenhum cede o passo... Seja de espada, ou de penna, o torneio, em todos sois o primeiro...

CAMÕES *(curvando-se)* — Senhora basta!... Que se assim continuaes, certo vireis a comparar-me a algum dos heróes do Palmeirim, do vosso dedicado Francisco de Moraes!...

INFANTA — Não o digaes, por zombaria!... Houvera-vos elle conhecido a tempo, que já eu vos

encontraria no livro, quando Francisco de Moraes m'o offereceu!... *(Dirige-se ao estrado, seguida pelas damas, que tomam logar nos tamboretes, á excepção de D. Catherina e D. Francisca, que vão sentar-se junto da mesa que está á esquerda.)*

D. Francisco — Nem fôra a distincção mais que justiça...

Infanta *(voltando-se, a D. Francisco de Portugal)* — E não o digaes com outro sentido, D. Francisco, que tal é a verdade inteira!... *(para as damas)* Mais que o digam a nossas damas... Não será verdade, Catherina d'Athayde?...

D. Catherina *(enleiada)* — Senhora... sim...

D. Manoel *(baixo a Camões, com um suspiro)* — Ditoso Luiz!...

Infanta *(a D. Francisca)* — Já o eu não pergunto a Francisca d'Aragão... que cuido bem ser d'outro aviso?...

D. Francisca *(enleiada)* — Senhora... eu...

Camões *(baixo a D. Manoel, sorrindo)* — E agora?...

Infanta *(a D. Francisca)* — Nada vos pergunto, socegae!... *(voltando-se para Luiza Sigêa)* Tomae a vossa carta, Luiza Sigêa. *(Dá-lhe o rolo que trazia na mão, reparando)* Que estaes olhando, senhores?... Parece que vos faz reparo a carta?... Pois descançae, que não vos fica d'esta vez, motivo para remoques!

D. Alvaro — Senhora!... Nós... *(Camões e D. Manoel sobem para junto da meza, onde ficam conversando com as duas, Catharina e Francisca, dando comtudo attenção ao que se passa.)*

Infanta — Aquella carta foi mandada a Luiza Sigêa por Sua Santidade, Paulo III!... N'ella lhe

agradece o nosso Santo Padre a offerta do seu livro — Descripção de Cintra — todo pensado e escripto, desque em Cintra estamos! Por isso Sua Santidade tanto se mostra maravilhado do engenho e saber da nossa *Latina!*

D. Francisco — De sobra apreciados já!...

Infanta — Certamente!... Mas o que não sabeis talvez, é que a offerta do livro fôra acompanhada por carta, escripta em cinco linguas differentes!?...

Todos os homens — Ah!...

Luiza Sigêa — Senhores!... Senhora!...

Infanta — Tanto que d'ella não logrei perceber, senão o que resava em latim... *(maliciosa)* Do resto que Luiza diria a Sua Santidade... não n'o sei eu... e por isso consinto que de taes segredos... murmurem á vontade...

Paula Vicente *(rapida)* — Eu... por mim... estou prompta!...

D. Guiomar *(o mesmo)* — Mais eu!...

Infanta — Sim?... Pois socegae-vos já, que não havereis em que maldizer!... Sua Santidade é discreto amante, e toda a sua resposta escreveu em latim. E essa, toda eu li, com o que aprendi por conselho da senhora Rainha D. Leonor, que tinha como sem efficacia a leitura dos officios divinos, em outra lingua que não fosse a de Virgilio...

D. Francisco — Que como Virgilio lêdes, senhora!...

Infanta *(olhando á roda)* — Mas vae correndo o tempo, e não chega Lopes Leitão... nem Pero Caminha... a dizer-nos um dos seus epigrammas, que tão bem dispõem os animos para o serão...

D. Guiomar — Pero Caminha ia a sair d'aqui,

quando chegavamos. E de momento seria o motivo, tanto nos pareceu açodado...

Infanta — Zelo ou dever foi, que me pareceu agora enxergar claridade no gabinete privado de meu irmão e senhor. Em conferencia estarão com o sr. Inquisidor Geral, que tão a miudo anda roubando El-rei a estes nossos passatempos.

D. Manoel *(descendo)* — Praza a Deus, senhora, que, da influencia das suas doutrinas, não venha o acabamento d'estas alegrias do Paço...

Infanta — Razão tendes, D. Manoel!... Bem temo eu que assim succeda, que para tal se vae inclinando tudo!... Se até D. Francisco de Portugal já ordena na sua *Arte de Galanteria*, o modo porque uma dama resará na igreja, pelas suas contas...

D. Francisco — Verdade é, senhora!... Mas olhae que já o faço, para as salvar dos excessos de zelo... profano!... Por isso lá digo: «nem no côro fará demasiado arruido com as contas, pois não parecerá assim que é devota, mas sim que chama devotos!»

Infanta — Severo sois, D. Francisco, e mal avisado andaes, que não são severidades para senhoras!... De vós sei, ha muito, que andaes ajudando meu irmão na sua fraqueza pelos inquisidores, que até os preceitos, tão galantes, da vossa Arte, se vão tornando agora em conselhos de frade pregador, ou escrupulos de canonista!... Olhae, vós, senhores!... *(aponta, Camões desce)* Olhae, Luiz de Camões!... Vêde vós como em serão do Paço está praticando Leonor de Noronha! Não traduz agora a Eneida do seu querido Marco Sabelico, mas reza por umas contas!... *(D. Leonor esconde as contas.)*

D. Manoel — Que não faziam arruido, como

tão bem ordena o livro de D. Francisco!... *(As damas riem-se.)*

D. Guiomar — Senhora!... tal acção de Leonor... grande castigo merece!... O sr. Luiz de Camões!...

Infanta — Certo que sim... e que seja a pena consoante a tamanha falta!...

Camões *(a D. Leonor)* — Ordens cumpro, senhora minha! e assim: *(Recita)*

Peço-vos que me digaes
As orações que resastes,
Se são pelos que matastes
Se por vós que assi mataes?
Se são por vós são perdidas:
Que, qual será a oração
Que seja satisfação
Senhora, de tantas vidas?!...

(Batem todos os homens as palmas, respeitosamente. D. Francisco de Portugal aproxima-se do papagaio.)

Infanta — Não vale a culpa tão bons versos, Leonor!... Bem pódes pedil-os e guardal-os, que são para se extremar dos mais!... Escrevei-os vós Luiz de Camões; dou-vos licença para que os offerteis a Leonor de Noronha...

D. Leonor *(olhando com malicia para Catharina)* — Senhora... não sei eu... se... *(Catherina volta a face, fingindo distracção.)*

Infanta *(que percebeu o gesto de Catherina)* — Se Luiz de Camões t'os offertará de bom grado?... Ora!... Para muito mais é a sua cortezania!... *(a Camões)* Ahi tendes papel... n'essa mesa... Dae-lhe uma penna, Catherina d'Athayde...

Camões *(chegando á mesa, baixo a Catherina)* —

Uma penna da vossa mão?... para juntar a tantas que já cá tenho!...

CATHERINA *(tomando a penna)* — Reparae antes... nas que andaes semeando... Tomae a penna...

INFANTA — Dizei-me vós, D. Manoel, o que sabeis do meu Palmeirim?... *(Reparando em D. Francisco de Portugal que está junto do papagaio)* Ah!... D. Francisco!... Não vos abeireis d'essa ave que é muito atravessada de bico!... Desque veio das terras de Santa Cruz, que ninguem alcançou ainda abrandar-lhe a fereza com que a todos recebe. Só Paula Vicente o trata de perto, e, para tal conseguir, tenho que lhe terá citado algumas das suas comedias, ou alguma regra da sua arte ingleza!...

PAULA VICENTE *(erguendo-se, aproximando-se)* — Deixae, senhora!... D. Francisco algum preceito haverá para elle, tirado da sua obra!... *(aproximando-se)* Não lhe chegueis a mão, mas lançae-lhe a regra... de longe!... Vá!...

D. FRANCISCO *(voltando-se)* — Gracejaes, senhora?...

PAULA VICENTE — Olhae: dizei vós o conselho, que eu lh'o repito!... Vá!... *(dizendo a cantar:)* «será sempre de razão que um papagaio, em vivendo no Paço, conserve o seu bico...» Vá! Dizei!... *(Riem-se todos.)*

D. ALVARO *(adeantando-se)* — Se m'o consentis, senhora, fio que não me offenderá a mim... vindo das vossas mãos delicadas... Deixae que o tome nas minhas... *(Aproxima o braço do poleiro.)*

PAULA VICENTE *(rapida)* — Oh! Não! *(D. Alvaro retira o braço apressado)* Que vos fez?...

D. Alvaro — Nada, que valha... *(Recua um pouco.)*

Infanta — Mordeu-lhe!

Paula Vicente *(tendo visto o braço d'Alvaro)* — Rasgou-lhe a manga do jibão!... *(voltando-se para o papagaio)* Máu!... Máu!... Máu!... *(rindo muito)* ah!... ah!... ah!...

Infanta *(rindo)* — Não ouvis aquelle *máu*, D. Alvaro?...

D. Alvaro — Senhora, ouço... e vou responder-lhe já!... *(Dirigindo-se a Paula Vicente:)*

Senhora minha: tres vezes
Que é mau, dizeis sem razão;
E, ride-vos muito embora!
Porque, olhae vós!... se mau fôra
Quem nos rasga o estofo, então
Que nome dareis, senhora,
A quem rasga... o coração!...

(Paula fica enleiada)

D. Guiomar — Ai! que se te foram os risos, Paula!... Vêde vós, senhora, como se lhe mudou o parecer?...

Infanta — Bem está!... Não a amofineis vós, que já está repesa do que fez! *(Camões desce á Infanta, com o papel em que escreveu)* Graças pela minha dama tangedoura, D. Alvaro. *(Acceitando o papel a Camões, com intenção)* Vê-se bem do sentimento da trova, que muito havereis poetado com Luiz de Camões pelas margens do Mondego...

Camões — Verdade é, senhora! Por lá deitámos tristezas, e, juntos, accrescentamos saudades e de-

sejos, porque breve chegassem estas horas de ventura dos serões de Vossa Alteza...

D. Guiomar — Que poeta cortezão, senhora!... Deixae-o vós discretear, que não ha, em tudo o que diz, um só ponto de verdade!... Saudades e desejos!... e mentiras!... Por lá cantou, e por lá amou!... E, de cantar e amar por toda a parte, se lhe affeiçoou a musa de tal sorte, que hoje, já não sabe se canta a quem ama... ou se ama a quem canta!...

Camões *(com graça)* — Que dizeis, senhora?... Certo me calumniaram!...

D. Guiomar *(erguendo-se e indo buscar uma vela a um dos candelabros)* — Se o calumniaram, ides vêr!... *(tirando a vela e descendo)* Que o sr. Luiz de Camões é vario em amôres, sabem-n'o todos já! Basta aquelle seu mote, que diz:

Não sei se me engana Helena
Se Maria, se Joanna;
Não sei qual d'ellas me engana!...

A *volta* bem sabida é!... Mas achei coisa melhor!... De Coimbra!... *(descendo, baixo a Camões)* Jurei vingar-me!... *(alto, voltando-se)* Que talvez seja disfarce, trazer assim a alma repartida... *(para Catherina)* Quereis ouvir, D. Catherina? *(para Camões)* Segurae vós a vela, sr. poeta. *(baixo a Camões)* Se eu jurei!... *(Camões segura a vela, sorrindo.)*

Infanta — Ouçamos!... ouçamos!... que ha muito já que não temos tão entretido serão!...

D. Manoel *(do outro lado de Camões, a D. Guiomar)* — Cautella, senhora!... Que não vejo tremer a mão que segura a luz!... É como se empunhasse uma espada!...

GUIOMAR — Pois mais para temer do que mil gentios, é isto que tenho aqui! *(tira do seio um papel)* Ouvi bem, e lembrae-vos que foram feitos em Coimbra... *(D. Catherina olha triste. Lê:)*

Se me d'esta terra fôr
Eu vos levarei, amôr!...

CAMÕES *(sobresaltado, baixo)*—Senhora!... Como podestes?...

GUIOMAR *(baixo, sorrindo)* — Alcançar os versos?... Mysterio! *(Lê:)*

Se me d'esta terra fôr
Eu vos levarei, amôr!...

(Olha-o sorrindo; lê:)

Se me fôr e vos deixar
(Ponho por caso que possa)
Esta minha alma que é vossa,
Comvosco me ha de ficar.
Assi que, só por levar
A minha alma se me fôr
Vos levarei, meu amôr!...

(Olha para Catharina, que tem a cara apoiada em uma das mãos. A vela treme na mão de Camões, que vendo-a fital-o, reage. Lê:)

Que mal póde maltratar-me
Que comvosco seja mal?
Ou que bem póde ser tal
Que sem vós possa alegrar-me?...
O mal não póde enojar-me
O bem me será maior
Se vos levar, meu amôr!

INFANTA — Repeti, Guiomar!... Repeti!... Outra vez!... *(D. Guiomar quer repetir, Camões foge*

com a luz, D. Guiomar deita-lhe a mão á vela, pucha-a para si, Camões cede, e a vela dá no rosto de D. Guiomar.)

D. GUIOMAR *(com um gritinho)* — Ai!... *(Erguem-se algumas damas e vão a D. Guiomar.)*

D. FRANCISCO *(descendo um pouco)* — Queimou-vos o rosto!...

CAMÕES *(baixo a D. Guiomar)* — Castigo do céo!...

D. GUIOMAR *(alto)* — Nada foi!... *(baixo a Camões, dando-lhe a vela)* Levae vós a vela, que estaes vingado!...

CAMÕES *(tomando a vela, baixo)* — Ainda não!... *(Sobe a pôr a vela no candelabro.)*

INFANTA *(a D. Guiomar)* — Sentae-vos aqui, Guiomar; e vós, terrivel poeta, vinde já pedir perdão, do mal que fizestes!...

CAMÕES *(descendo)* — Tal é o meu desejo, senhora!... *(Recita:)*

Amôr que a todos offende
Teve senhora, por gosto
Que sentisse o vosso rosto
O que nas almas acende.

(Para os homens)

Aquelle rosto que traz
O mundo todo abrasado
Se foi da chamma tocado
É porque sinta o que faz.

(Para D. Guiomar)

Bem sei que amôr se vos rende:
Porem o seu presupposto,
Foi sentir o vosso rosto
O que nas almas acende!...

(D. Manoel e D. Alvaro abraçam Camões)

INFANTA — Mas isso não é pedir perdão!... Muito ao contrario!...

D. GUIOMAR *(afflicta)* — Deixae, senhora, deixae... Eu perdoo-lhe já... se não fará peior! *(Riem-se todos.)*

INFANTA — Grande poeta sois, Luiz de Camões!... Isto vos digo aqui porque vos não cercam invejosos!... Entre amigos, e verdadeiros... estaes... *(Detem-se vendo Pero Caminha.)*

SCENA XII

Os mesmos. Pero Caminha

D. MANOEL *(vendo Pero Caminha, baixo a Camões)* — Até agora!...

CAMÕES *(vendo Caminha, baixo a D. Manoel)* — Alegria em que vem!... torpeza grande commetteu!...

CAMINHA *(chegando á Infanta, curvando-se)* — Senhora!... Que me absolva da culpa, o cumprimento d'ordens... de quem nasceu para as dar!...

INFANTA — Mais sentireis vós, Pero Caminha, não haver chegado a tempo, para ouvir a Luiz de Camões as melhores redondilhas que em serões do Paço tem feito!...

CAMINHA — Certamente, senhora!... O sr. Luiz de Camões é o poeta de melhor quilate que até hoje tem apparecido, a sustentar a escóla de Sá de Miranda... Pena será que algum dia acabe o thesouro do sentimento, d'onde as joias vão sahindo tanto á farta!... Succederá ao thesouro... o mesmo que á nossa India... que, a cada viagem, nos vae mandando mais minguados productos... Depois, em

não mandando nada... ninguem fallará mais na India... Acaba-se a lenda do Preste João... e ninguem acreditará no que nos vier contar... aquelle doido do Fernão Mendes Pinto!...

CAMÕES — E dos heroes que descobriram e conquistaram a India, não haverá que dizer?... Não haverá!... Que ha já 51 annos que em terra da India saltou Vasco da Gama, e ninguem cantou ainda a historia d'essa conquista!...

CAMINHA — Fazei vós a historia, sr. Luiz de Camões!...

CAMÕES — E porque não?... Se para tal me sinto com vontade, e, mais ainda, com amôr da patria!...

CAMINHA — Pois já que vos estaes revelando, consenti que eu aclare o resto a Sua Alteza... *(á Infanta)* Senhora: a historia das coisas da India está já começada... E vou dizer-vos uns quatro versos d'ella, que o sr. Luiz de Camões me amostrou... quando eramos amigos... *(Camões faz um gesto de investir.)*

D. MANOEL *(retendo-o, baixo:)* — Sê prudente!...

CAMINHA — Aos versos fiz eu um epigramma, que direi em seguida. Dizia pois o sr. Luiz de Camões, na invocação do seu poema... que ha de ser:

Dae-me uma furia grande e sonorosa
E não de agreste avena, ou frauta ruda
Mas de tuba canora e bellicosa
Que o peito acende, e a côr ao gesto muda!...

E agora o epigramma:

Dizes que o bom poeta ha de ter furia
Se não ha de ter mais és bom poeta
Mas se o poeta ha de ter mais que furia
Tu não tens mais que furia de Poeta!...

Camões *(investindo com elle)* — Assim a tiveras tu, vate praguento!...

Infanta *(grito)* — Camões!...

Camões *(detendo-se)* — Senhora, perdoae!... São arrebatamentos de genio!... Em vossa casa estou... mas... á fé!... que algum dia callarei a bocca a estas malquerenças e ingratidões...

Caminha *(a meia voz)* — Caso vos sobre tempo...

Camões *(que ouviu)* — O que?... *(para D. Manoel)* Ah! os meus presentimentos!...

Infanta — Esqueçamos o caso, senhores. Bem sabeis, Luiz de Camões, que só se falla de quem vale... Mal vos fica pois mostrar a Pero Caminha que assim vos assomaes por uns epigrammas... que, afinal, nos divertem...

D. Manoel *(baixo a Caminha)* — Que nos divertem!... É sempre aquella a moeda com que se pagam vilezas!...

D. Guiomar *(olhando ao fundo)* — Senhora: ahi chega o sr. João Lopes Leitão...

SCENA XIII

Os mesmos. João Lopes Leitão

Infanta *(continuando no que disse Guiomar)* — Que terá de nos pedir perdão do seu peccado, dando-nos conta dos logares por onde andou, para assim faltar ao serão...

Lopes Leitão *(chegando á Infanta)* — Não andei por longes terras, senhora: dever d'amisade me levou para junto de quem soffria...

Infanta — De amisade e amôr seria o dever, mas o soffrimento...

Lopes Leitão — D'amôr seria, senhora, ainda que m'o elle não dissesse... nem a ninguem... Que cuido mais facil arrancar-lhe a vida, que o seu segredo...

Infanta *(curiosa)* — De quem fallaes pois?... Não nos tenhaes assim, n'esta suspensão!

Lopes Leitão — Fallo d'um bom poeta, e nosso amigo, a quem hoje encarceraram no Limoeiro... Jorge da Silva...

Infanta *(desfallecendo)* — Ah!...

D. Francisca e D. Catherina *(soccorrendo-a)* — Senhora!...

Infanta *(reagindo)* — Nada é!... Desfallecimentos que ha tempos sinto... *(erguendo-se)* Vamos, senhoras!... *(para os homens)* Voltae ámanhã, cavalleiros... que sempre me dareis prazer... *(Sáe amparada a D. Francisca, para a direita, seguida pelas damas, á excepção de Catherina, que vae ficando para traz. Os homens vão á porta fazer ala, ficando Camões. Quando as damas vão a sahir, Catherina passa por Camões, sem que ninguem veja, á excepção de Caminha que os observa.)*

D. Catherina *(passando, baixo a Camões)* — Fica!... Prestes voltarei!... *(Sobe e segue as damas. D. Francisco e Caminha seguem tambem. Camões, D. Manoel, D. Alvaro, Lopes Leitão descem.)*

Caminha *(sahindo atraz de todos, áparte)* — Aprazaram encontro!... Se será chegada a occasião?

SCENA XIV

Camões, D. Manoel, Lopes Leitão, D. Alvaro

D. Manoel *(approximando-se de Camões)* — Alheado ficaste, Luiz?...

Lopes Leitão *(o mesmo)* — Ficou-se a scismar na prisão de Jorge da Silva...

Camões *(tomando as mãos dos dois)*—Fiquei!... Scismo na ventura de Jorge da Silva... preso por amôr!... Não foi outro o motivo!... Aquelle sobresalto da Infanta!...

D. Manoel—Silencio, imprudente!... Calla-te!... que bem póde chegar a tua vez!...

Lopes Leitão — Silencio!... Aqui... mister é medir as palavras... e o som d'ellas.

D. Alvaro *(rindo)* — E as acções, Leitão amigo?... Conselhos e bons dás tu... emquanto a palavras!... Pena é que só para ti guardes o pouco pensado dos feitos! *(entra D. Antonio de Lima)* Ainda hontem...

Lopes Leitão—Entendo-te a referencia!... Vens a fallar na minha entrada... *(Calla-se, vendo D. Antonio.)*

SCENA XV

Os mesmos. D. Antonio de Lima

D. Antonio *(entrando da esquerda)* — Senhores... *(olhando)* Retirou-se já a senhora Infanta... d'El-rei lhe trazia recado... *(para Lopes Leitão)* Mas já que aqui vos encontro, darei fim, e, com magua minha, á segunda incumbencia. *(Silencio)*

Sr. João Lopes Leitão: manda El-rei, nosso senhor, que, em sendo manhã, vos retireis á vossa casa na provincia, adonde vos conservareis preso, até que á sua vontade real apraza chamar-vos de novo á côrte... *(Espanto. Camões quer fallar, D. Manoel detem-n'o.)*

LOPES LEITÃO *(contendo-se)* — E podereis dizer-me... o meu crime, sr. camareiro-mór? Caso seja *ainda* de justiça conhecer o réo a sua culpa?...

D. ANTONIO — Soube El-rei que entrastes a ver damas do Paço, contra a vontade do porteiro...

LOPES LEITÃO *(ironico)* — Ah!... Mas vêde vós... como pequeno é o castigo para tão famosa culpa!... Foi deveras generoso o sr. Inquisidor Geral!...

D. ANTONIO *(não se sentindo á vontade)* — São avisos d'El-rei... em que me não cabe entrar... Vou-me em demanda da senhora Infanta. Sabeis se tomou para os seus aposentos?... Quer El-rei fallar-lhe, antes que se recolha...

D. MANOEL — Ah!... Quer El-rei fallar-lhe?... A estas horas? *(retendo Camões que quer fallar)* Para os seus aposentos foi, sr. camareiro-mór!...

D. ANTONIO — Pois com Deus vos ficae, senhores!... *(Sáe para a direita.)*

SCENA XVI

Os mesmos, menos D. Antonio de Lima

LOPES LEITÃO *(depois de demorado silencio)* — Tristes tempos vão sendo estes, meus amigos!... Tristes!... Que já se vão alongando por cima das

nossas cabeças umas grandes mãos desconhecidas... mãos enormes, terriveis... que começam a abrir-se para largar as superstições, os terrores que fazem fanaticos... e que em breve se fecharão para empolgar as nossas riquezas, o nosso ouro... fazendo pobres!... Os jesuitas!... Quem é que não vê os jesuitas?... Vejo-os eu!... Em toda a parte os vejo!... Ao pé de cada berço em que se nasce, dentro de cada casa em que se vive, á cabeceira de cada leito em que se morre!...

D. MANOEL *(sollicito)* — João, que te perdes!...

LOPES LEITÃO *(com um gesto de desdem)* — Perdido estou eu já!... E mais perdido andava no dia em que aqui entrei!... Amigos... Adeus!...

D. MANOEL — Comtigo vamos, João!... *(para Camões)* Vem, Luiz!...

CAMÕES — Não posso!... Minha sr.ª D. Catherina... mandou-me que aqui a esperasse...

D. MANOEL *(indo a elle)* — E ficas?... Só?... Tu?...

CAMÕES *(baixo)* — Como tu ficarias, Manoel, se D. Francisca d'Aragão... assim t'o ordenára... *(para os outros)* Ide vós, amigos... Breve serei comvosco...

LOPES LEITÃO *(querendo sair, mas hesitando)* Mas... tu... só com ella... aqui?... Doido estás, Luiz!... Olha para mim!... Vê Jorge da Silva!... louco poeta!... que não queres attentar n'estas desgraças... que por ahi andam já!... Louco!... Que não queres vêr a escura fatalidade que vem pesando n'esta côrte de Portugal, desque a influencia dos padres tanto anda virando os animos dos nossos Reis!... Vamo-nos todos d'aqui, que já cá não temos que fazer!... Vamo-nos!... Vamos!...

que já por ahi andam os corvos que nunca descem senão em logar onde cheire a carne morta!... Vamos!... Vem, Luiz!...

CAMÕES — Não vou!... Mandou-me ella que esperasse, esperarei!... E antes que seja morte o porque espero... esperarei pela morte!...

D. MANOEL *(para os outros)*—Tem razão, elle!... E para que ateimar se todos nós fariamos o mesmo! *(Subindo)* Fica-te pois, Luiz!... e o teu amôr te guarde!... Adeus!... *(Sobem todos. D. Alvaro da Silveira ao passar aperta-lhe a mão em silencio. Sáem os tres.)*

SCENA XVII

Camões, depois D. Catharina d'Athayde

CAMÕES — Amigos são, e dos melhores!... Coisa tão rara aqui... Aqui, onde me tem corrido oito annos de vida enganosa... e mais enganada ainda por estas esperanças e fantasias... que quando quero abraçal-as se me vão todas em fumo!... Mas, que valem queixas, ao cabo?... Que valem desenganos d'um só, se para todos vem os desenganos?... Jorge da Silva!... esse triste, que sem esperança amava!... O misero! que lá do escuro de um carcere... se ficará ainda amando... a quem para lá o atirou!... E tal é a sorte que se alcança aqui... e tal será a minha sorte!... Bem m'o dizias tu, logo que aqui cheguei, honrado D. João de Castro!... Bem m'o dizias tu: «Moço! não queiras a vida da côrte!... Não na queiras!... Antes te vás a batalhar á India e por lá escrevas a historia das

nossas conquistas!... De lá truxe eu isto!...» E amostrava-me o seu livro, o Roteiro do Mar Roxo, que alli escrevera, n'aquella sua quinta da Penha Verde, e que no anno seguinte offereceu ao Infante D. Luiz... Tinha razão, o heroe da Azia!... e devera ser-me exemplo e conselho!... Aqui se gasta a vida inutil, e se espera a ignorada morte!... Fugir!... Eu devia fugir!... Partir-me, com elle, ha tres annos... mas já não era possivel, já não podia... já não! porque ficava ella... e eu amava-a!... a ella!... a minha Natercia!... A minha *(vendo Catharina)* Catherina!... *(Catharina corre a elle: n'este momento passa Caminha da esquerda para a direita, fazendo gesto de ameaça.)*

CATHARINA *(descendo)* Luiz!... *(contendo-se e retrahindo-se)* Senhor... Luiz de Camões...

CAMÕES — Senhor?... senhor... *(rompendo)* porque?...

CATHARINA *(balbuciando)* — Porque... porque... o nosso amôr... porque... estas relações... porque... porque é mister acabar com tudo, Luiz!...

CAMÕES — Acabar... dizes!...

CATHARINA — Sim... para isso vim...

CAMÕES — Tu?... Vieste?...

CATHARINA — Vim!... Era preciso vir... dizer-te... oh! meú Deus!...

CAMÕES — Mas... Acaba!...

CATHARINA — Dizer-te... que não venhas mais aqui... que não me verás... que não volto aos serões...

CAMÕES — Que o teu amôr acabou!...

CATHARINA — Que o meu amôr... Sim... Sim... Que o meu amôr *(revoltando-se contra si propria)*

Não!... que eu não sei mentir!... mas... nós... Luiz!... nós... já o não podemos dizer um ao outro!... Já não podemos!...

Camões — Porque? Quem o impede? Quem?...

Catharina — Quem?... O destino!... A tua vida, Luiz!... Se tu soubesses!

Camões — Sei!...

Catharina — Não sabes!

Camões — Sei!... Tu tens medo!... Bem sei que dentro d'estas paredes é um perigo fallar, respirar, pensar! Bem sei!... Mas sei tambem que te amo, Catherina!... E que não tem esta casa, nem o mundo! perigos para mim, logo que eu traga dentro do peito o só pensamento do teu amor!... O meu... o meu amor... esse... cresce com as desgraças, cresce! porque agora... agora mesmo me sentia eu mais forte, quando pensava que Jorge da Silva póde ámanhã ser executado, por amar a nossa...

Catharina — Cala-te! Cala-te, Luiz! e ouve-me!... Não fallemos nos perigos... Mas ouve-me! ouve-me, que te fallo... como se estivesse na hora de morrer!...

Camões — Catherina!...

Catharina — Perdoa!... mas ouve-me... ouve!... Tu não queres perder-me?... renunciar para sempre?...

Camões — Que dizes tu?... Perder-te?... Perder-te?...

Catharina — Não queres?... Pois bem, Luiz!... É mister acabar com esta vida d'enganos... e fantasias...

Camões — Acabar?...

Catharina — Sim, Luiz!... sim!... Meu pae...

bem no sabes, é ambicioso... e é o valido d'El-rei... tu não és rico...

Camões — Não sou... *(com desilluzão...)* Que não sou rico!... E és tu quem m'o dizes? tu!...

Catharina *(ardente)* — Porque te amo, t'o digo!... Porque te amo, entendes?... porque... porque não quero perder-te!... Sou eu agora que não quero!...

Camões — Tu?... não queres?...

Catharina — Não!... porque quero que sejas grande, Luiz!... É preciso!... É! tu não pódes aspirar á minha mão, emquanto fôres Luiz de Camões, o cortezão leviano, o poeta dos serões do Paço!... Mas a ti te hão de pedir que me escolhas para mulher, quando fôres Luiz de Camões, o afamado guerreiro dos combates da Africa e da India, o vencedor de mouros e gentios, o conquistador, o heroe, emfim!...

Camões — E o poeta tambem!... Que o hei de ser, e grande!... Ah!... Comprehendo-te a final, Catherina d'Athayde!... Comprehendo-te, admiro-te e n'este instante se muda em adoração pela sancta... o fundo amôr que eu sentira pela mulher!... Porque tu ensinas-me!... animas-me!... salvas-me!... Tu tens razão!... Não é vida isto!... Já o eu havia pensado, já!... Mas faltavam-me as forças para t'o dizer... porque tinha de te deixar... porque...

Catharina — Porque sou mulher e podia esquecer-te!... Injusto eras!... Injusto!... porque te juro qui pela minha honra de mulher, pelo nosso amôr te juro, que por ti esperarei n'este mundo, e depois... no céo... se cá em baixo não puder mais ver-te!...

CAMÕES *(indo ajoelhar-lhe aos pés)* — Oh! Catherina!... minha Catherina!... minha! Ah!... *(Separam-se logo ao verem o Rei)* Perdidos!

CATHARINA — Animo! *(Separam-se, Camões para a esquerda, Catharina para a direita. Ao fundo vê-se o Rei D. João III, tendo ao lado a Infanta D. Maria, afflicta, e atraz todas as damas, fidalgos, etc. D. Antonio de Lima, Duarte Rodrigues, D. Francisco Coutinho, Pedro Caminha, etc.)*

SCENA XVIII

D. João III, Camões, Catharina, Infanta, etc., etc.

REI *(para a Infanta, descendo)* — Agora vêdes, senhora, a razão que vos assistia quando alcunhaveis de severas as minhas practicas ácerca dos desvarios das vossas damas! *(A Infanta quer fallar, elle detem-na com a mão e aponta)* Vistes, como eu vi, Luiz de Camões aos pés de Catherina d'Athayde!... Pois... mister é fazer justiça, porque do que vi, me ficou a mim conhecimento bastante para a explicação *(mostra um papel)* d'este acrostico, que começa em Luiz e prosegue com... *(vendo no papel)* Catherina d'Athayde!...

CAMÕES *(querendo fallar)* — Senhor...

REI *(com gesto altivo)* — Ainda vos não fallei!... *(para a Infanta)* D'onde se vê que, na minha côrte, mal chega o tempo para as diversões poeticas, e colloquios secretos nas sallas do Paço, sem que uma hora reste para ser empregada na leitura dos livros sagrados, no recolhimento que salve as almas, perdidas por essas desvairadas

profanidades! *(Aponta para Catharina)* Os serões do Paço, acabaram esta noite!

INFANTA *(querendo fallar)* — Senhor!...

REI *(detendo-a com o gesto)* — Disse!... *(voltando-se para Camões)* Luiz de Camões!... O senhor Rei D. João I mandou cortar a cabeça ao seu valido, por haver entrado de noite no Paço: o mesmo fez D. Affonso V a Diogo de Sousa!... Deveis saber isto, vós que tão lido sois na historia!?...

CAMÕES *(tomando attitude firme)* — Senhor, sei! Mas sei tambem que não foi por esses *feitos,* que o povo chamou a D. João I — o de Bôa Memoria, — nem a Affonso V — o Africano!...

REI *(espantado)* — Que ousadia!... Trazeis o povo! aqui!...

CAMÕES *(forte:)* — O povo, senhor!... O povo que faz os Reis!... O povo que com o seu sangue, lhes escreve o nome na Historia!...

REI *(furioso)* — Pois para o povo, e negro povo d'Africa ireis!... Desterrado!...

CATHARINA *(com dignidade)* — Desterrado estava já, senhor!... e por mais alta vontade!... Desterrou-o o amôr!... Desterrei-o eu, ainda agora, quando lhe chamei... meu marido!...

REI *(dando um passo para ella)* — O que?!...

CAMÕES — Perdoae-lhe, senhor!... Perdoae a Catherina d'Athayde!... Quem sabe... se a ella devereis algum dia o futuro do vosso nome!? *(com solemnidade)* Senhor Rei D. João III!... Em 1524, no anno em que morreu Vasco da Gama, nasceu Luiz de Camões!... Quiz pois o destino que, ao descer o grande heroe ao tumulo, ficasse a sua eternidade n'um berço! *(voltando-se para os fi-*

dalgos) Deixae-me agora sahir, que já disse a Portugal, o que vou fazer no desterro!... *(Sobe, e volta-se para o Rei, vendo que os cortezãos não lhe abrem passagem.)*

Rei *(fazendo um signal)* — Deixae-o sahir...

Catharina — Deixae-o sahir, deixae! Deixae sahir Luiz de Camões que vae, d'aqui a cinco mil leguas, fazer a posteridade da patria!... *(Camões faz um gesto de adeus, sáe, e Catharina cáe desfallecida no hombro de Francisca d'Aragão. Cáe o panno.)*

ACTO II

PERSONAGENS DO 2.º ACTO

(ÉPOCA 1555)

Camões (32 annos)
D. Alvaro da Silveira (28)
Francisco Barreto (38)
O Bispo de Gôa
João Lopes Leitão (29)
Calisto de Sequeira (27)
João Toscano (34)
Manoel Serrão (34)
D. Miguel Rodrigues Coutinho (45)
Luiza Barbara (22)
D. Ignez de Camões (30)
D. Maria Figueirôa (30)
D. Thereza Anriques (26)

Fidalgos, damas, escravas, bailadeiras, pagens, alabardeiros, etc., etc.

ACTO II

(1555)

Na India. Salla dos retratos, no palacio do Governo em Gôa. Salla magnifica, adornada com vasos da India, estofos orientaes, panoplias de armas dos indigenas, e aberta ao fundo por dois grandes arcos, sustentados por duas columnas. Ao longe vê-se o mar com galeões, fusta, caravellas, etc. Em volta da salla assentos de brocado de ouro; nas paredes retratos dos Governadores: Vasco da Gama, Affonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida, Lopo Vaz de Sampaio, D. João de Castro, etc. Fóra das columnas, uma especie d'atrio, figurando a salla ser ao rez do chão, podendo assim vêr-se quem chega. Os assentos da esquerda estão sobre um estrado, cujo degrau fica junto d'uma porta, que dá para o gabinete do Governador.

SCENA I

D. Alvaro da Silveira, D. Ignez de Camões

(Ao sobir o panno, vem chegando da esquerda um palanquim, trazido por cafres e seguido por quatro escravas acobreadas.) Pára ao meio, uma das escravas abre um chapeu, e sáe de dentro D. Ignez de Camões. Ao mesmo tempo chega da direita D. Alvaro da Silveira que lhe dá a mão e entra com ella. As escravas que acompanhavam o palanquim ficam ao fundo, excepto uma, que segue D. Ignez para lhe pôr uma almofada debaixo dos pés, logo que ella se quer sentar. O palanquim retira-se.)

D. ALVARO *(descendo, com D. Ignez pela mão)* — Cedo viestes, senhora: que não deram ainda signal da volta do nosso Governador, da sua visita ao hospital real.

D. Ignez — Mais me maravilha a mim a vossa presença aqui... Querido, como sois, de D. Francisco Barreto, caso é para scismar não o haverdes acompanhado. Eu, mais cedo vim, por saber novas do meu parente e vosso amigo. Dois dias ha que o não vejo...

D. Alvaro — Nem ninguem!... Ninguem o vê... nem que o veja o conhece! Vosso primo, senhora, tão mudado anda do que foi, que nada deixou, em seus modos e fallar, por que a gente se lembre d'aquelle gentil Luiz de Camões que tanto galanteava nos serões do senhor D. João III!... Para mais agora... a morte do seu amigo D. Antonio de Noronha, tão abatido lhe traz o animo, por aquellas imaginações com que faz o caso seu...

D. Ignez — Seu?... Pois como póde tal?...

D. Alvaro — Sabeis que D. Antonio de Noronha foi combater para Ceuta mandado por seu pae, que assim o queria affastar dos grandes amôres que trazia com D. Margarida da Silva...

D. Ignez — Neta do conde de Abrantes, sei!... E como por lá andou tambem apartado dos seus amôres, quer Luiz tomar para exemplo seu o caso do amigo!... Referia-se talvez á morte d'elle, a egloga que ha dias me disse, mandára para Portugal?...

D. Alvaro — Verdade é!... Devia ser mostrada em Lisboa a Luiz de Lemos, amigo de ambos. Penso que a amostrou tambem ao nosso Governador, que em grande conta o tem...

D. Ignez — Assim elle não andasse sempre tão apartado de quem mais lhe quer e o estima!... Mas deu-se agora a tristezas, e, o que mais é, nem consolado quer ser!... Poetas!...

D. Alvaro — Que quereis, senhora?... Sempre se consola quem chora! E que póde elle haver aqui para se consolar, se não foram as lagrimas dos seus versos?... Chora o amigo, mais a sua terra!... O amigo... morreu ás mãos dos mouros d'Africa... a sua terra... a nossa terra, senhora... se morrerá tambem, ella?... e ás mãos de quem, agora que toda a nossa esperança ajuntámos sobre a cabeça d'uma creança de poucos mezes?... D. Sebastião...

D. Ignez *(atalhando)* — Dizeis bem, D. Alvaro!... desque morreu o infante D. João, o unico filho d'El-rei, parece que andam por toda a parte, ruins annuncios de futuro... E, tão grandes, e tristes, são os agoiros, que até á India vieram... Por isso, Luiz...

D. Alvaro — Luiz de Camões olha para as coisas do reino, com os seus olhos de poeta sem ventura, e de portuguez leal... E, quem sabe, se, por já andar lendo no futuro do reino, d'ahi lhe virá a adivinhação do seu proprio?...

D. Ignez — Do seu?... Até hoje, cuido que não haverá motivo para desgosto grande... A sua Catherina continua a viver na côrte, e, penso que firme ainda, nas promessas que lhe fez...

D. Alvaro — Certo que sim... Mas, á roda d'ella, andam as invejas... e os ciumes... que algum dia lhe crearão no animo, a desgraça do amante... Suspeito, desde muito... que Pero Caminha ama Catherina d'Athayde!... E, dominando elle, como domina, a vontade de D. Antonio de Lima... Guardae-me segredo d'isto, senhora!... *(olhando ao fundo)* E, mudemos de conversa, que ahi chega a D. Maria Figueirôa!... Coisa ri-

dicula lhe succedeu, que parece vir enfadada!... *(D. Maria tem descido do seu palanquim, como D. Ignez de Camões.)*

SCENA II

Os mesmos. D. Maria Figueirôa

D. Maria *(descendo)* — Ai!... que não fui a primeira!... Pois n'esse empenho vinha, que muito quero fallar com o vosso parente!... Salve-vos Deus, senhora D. Ignez de Camões... E vosso primo? Não chegou ainda? Ah!... Se soubesseis do que me agora succedeu com o Calisto de Sequeira?... da parte que d'elle recebi?... Pois não sabeis?...

D. Ignez *(sorrindo)* — Quando o disserdes?...

D. Maria — Pois sabei que vinham os dois tunantes, o Calisto de Sequeira, e o João Toscano, sahindo a porta da cidade, quando eu atravessava a Ribeira das Galés. Adeantou-se o Calisto, e, fazendo parar o meu palanquim: «*os meus* emboras vos dou, senhora minha, já que tanto vos distinguiu o nosso grande poeta!...» Ora imaginae como eu fiquei!... Supponde da minha furia, vendo-me assim abocanhada pelos *chichelos* dos homens!... Eu, a mulher de Francisco Rodrigues Coutinho!

D. Alvaro — Disse-vos então o Calisto que vos cantára Luiz de Camões?...

D. Maria — Qual historia!... Se tal fôra... emfim... ainda lh'o perdoára!... Mas peior... e muito peior foi!... Parece que, na comedia que se re-

presenta esta noite, se canta caso d'amôr muito igual ao meu caso com o Miguel Coutinho...

D. IGNEZ —Ah!... Como o vosso?... Então?... como o não contastes, não o sabemos nós...

D. MARIA — Nem admira... que não sois de cá!... Pois o meu caso... *(emendando)* o meu caso escusado será saber-se!... É historia passada... que não deve voltar á collecção!... e d'ahi vem a minha furia!... Se tal fez o poeta... com o Miguel terá de haver-se!...

D. ALVARO — Não vos enfadeis tanto, senhora: que o que houver logo se verá. Mas já vos digo que, se vos couber do auto a parte da pastora Florimena, antes vos deveis alegrar, e satisfazer, do que entrar, antes de tempo, em agastamentos mal cabidos...

D. MARIA — Sim?... Pois contae-me vós um pouco do tal auto de... de Filodêmo... que já no nome eu me detenho... sem lhe atinar com o sentido...

D. IGNEZ *(sorrindo)* — Pelo que a Luiz ouvi lêr... era Filodêmo um principe... Por aqui vêdes, D. Maria, que com principes vos achareis... se fordes parte na comedia...

D. MARIA — Filodêmo?... singular nome para principe!...

D. ALVARO — Filodêmo, é palavra grega, formada d'outras duas: *Filos* e *dêmos*, o querido do povo. Vem a ser uma delicada allusão ao nosso Governador, em honra do qual se dá a representação...

D. MARIA — Ah! o nosso Governador é o principe, e eu sou a Florimena?

D. ALVARO — Que D. Miguel Coutinho, disfarça-

do em principe *Venadoro,* encontra a encher a sua talha, como a Samaritana.

D. Maria — Ah! Tambem encontra a Samaritana!... é arriscado, o tal principe!... Mas... emfim... não me agastarei com o Poeta, se, em tudo, fizer o que dizeis. *(Ouve-se muito ao longe o som de sinos e trompas.)* Mas ahi se parte de volta, o nosso Governador; com sua senhoria virá, por certo, o senhor Luiz de Camões... Quero pedir-lhe um bom logar na salla... *(olhando)* Ai!... que ahi vem os dois brejeiros!... *(Apparecem ao fundo Calisto de Sequeira e João Toscano).*

D. Alvaro — Não vos offenderão aqui, socegae...

SCENA III

Os mesmos. Calisto de Sequeira, João Toscano

D. Maria *(respondendo a D. Alvaro)* — Nem eu lhes tenho mêdo!... Deixae-os commigo! *(alto a Sequeira que desce)* Vinde cá, sr. Calisto de Sequeira! Vinde cá! Quero notar-vos que as zombarias mal pensadas, e peior sabidas, não são para se dizerem a D. Maria Figueirôa, mulher de D. Miguel Rodrigues Coutinho!

Calisto de Sequera *(curvando-se, ironico)* — Por alcunha o Fios-seccos!

D. Maria — Bragante!

João Toscano — Não vos agasteis com o meu amigo, senhora minha! A alcunha de vosso marido é honra... Ganhou-a dos soldados, ou talvez do proprio D. João de Castro, a sua valentia no segundo cerco de Diu!...

Calisto — Quando elle passou ao fio da sua

terrivel espada, quarenta mil turcos das tropas do Rumecão!

JOÃO TOSCANO — E assim se chamou *Fios-seccos,* porque se viu que, ao cabo de tamanha degolação, os fios da terrivel espada ficaram de todo enxutos!...

D. ALVARO — Mal parece, senhores, que quem se presa de cavalleiro, se tome de razões com damas!... Com mulheres batalhaes?

CALISTO *(desdenhoso)* — Isso vemos!... que me parece bem... que ainda por aqui não enxerguei sombra d'homem...

D. ALVARO *(querendo investir)* — Não?... Pois eu vol-o mostro!...

D. MARIA *(detendo-o)* — Deixae, sr. D. Alvaro!... Com meu marido é o caso, e em breve chegará para fazer voltar atraz estas arrogancias de palavras... que só palavras, e mais nada, são!... Deixae que elle chegue!...

CALISTO — Tendes que me passará ao fio da sua terrivel espada como aos soldados do Rumecão?... Em tal não confieis, senhora!... D. Miguel Coutinho não póde querer a minha morte!... Devo-lhe sessenta pardáus!...

JOÃO TOSCANO — Para o pagamento dos quaes... não possue ainda... nem a tenção!... Mais honrado sou eu!... Estou cheio de tenção de lhe pagar *cem*, logo que me abone mais cincoenta, que é quanto lhe devo!... N'isto cuido eu bem mostrar, senão cabedal de dinheiro, ao menos, cabedal de juizo!...

D. MARIA — De juizo varrido andava elle, quando foi confiar o seu dinheiro, de quem não lhe intende o favor!...

Calisto — Favor vos parece, senhora?... Prudencia, lhe deverieis chamar!... Sempre D. Miguel haverá mais segurança no seu dinheiro, confiando-o de nós, que em Gôa nascemos, e vivemos sempre, do que d'aquelles que, em chegando do reino, se vão logo arriscar as vidas em combates e navegações perigosas...

João Toscano — E mais voltando, os que voltam, doentes, e tão pobres, como d'aqui se foram...

D. Alvaro — Pobres voltarão... e pobres voltam, senhores!... Porque, a esses... para ser heroes... não lhes sobrou o tempo de ser negociantes!...

Calisto — Heroes... os que o são!... Que alguem conheço eu, que, partindo para combater, por lá gastou o tempo em ociosidades de trovas e lamurias...

D. Alvaro — A quem aponta a referencia?... Dizei-o já, se ousaes?...

Calisto *(sem vêr Camões que entra e desce)* — Certo que ouso!... Pois quem ha aqui que não saiba o que por lá fez certo guerreiro poeta que, ao partir, levava a espada, para só usar da penna, logo que se tratava de combate!... Fallo do vosso amigo...

João Toscano *(acabando a phrase)* — Luiz de Camões!...

D. Alvaro — Á fé, que sois uns cobardes!... *(Calisto quer ir para elle, quando Camões, que tem descido, lhe toma o pulso, segura, e depois repelle.)*

SCENA IV

Os mesmos, Camões

Camões *(repellindo Calisto)* — Á fé, que sois uns cobardes!...

D. Ignez *(com um grito)* — Luiz!... *(D. Maria faz um gesto ao mesmo tempo.)*

Camões — Perdoae-me os modos, senhoras... mas é que estes homens... são, em verdade... uns covardes!... E são os primeiros filhos dos soldados d'Albuquerque!... e os primeiros tambem d'essa raça envilecida pelas ambições d'uma traficancia baixa, que prefere a paz d'uma mercancia que avilta, aos orgulhos dos riscos, dos perigos que ennobrecem!... Uns covardes!... Que no abaixamento, e na corrupção dos seus costumes dissolutos, deixam perder esta terra, essas cidades, essas grandes construções alevantadas e amassadas com o sangue de seus paes!... Porque taes vão os tempos, e peiores irão sempre, que para isso se inclina tudo!... Sim!... Sim!... Porque, desque um dia os nossos Reis sonharam com as terras do Preste-João, as conquistas só deviam ter tal nome, para que n'elle se escondessem e disfarçassem as vinganças, as ambições, as paixões desordenadas que em todos os animos se crearam, logo que um mouro d'estas regiões apartadas gritou em portuguez a Vasco da Gama: «Boa ventura!... boa ventura!... muitos rubis! muitas esmeraldas!...» E, quando os rubis do Pegú, as esmeraldas de Babilonia, as sedas da Persia, e a pimenta de Malaca começaram a encher os nos-

sos galeões, para logo começou tambem a perder-se todo este imperio, porque os heroes fizeram-se mercadores e as suas espadas só eram desembainhadas para servirem de rasoiras aos alqueires em que se mediam as riquezas!... Ainda hoje os estrangeiros chamam Doirada á capital da India!... Mas Gôa, a Doirada, será despresada e pobre, porque os seus filhos andam por ahi perdidos na ociosidade e no vicio, e por ahi andam a apregoal-o, abandonados do brio e da virtude, á espera que ainda chegue de Portugal uma, ou outra armada que traga os soldados que combatem, e conquistam, e morrem, deixando-lhes as riquezas que sustentam e augmentam a sua corrupção e deshonra!... Traidores aos altos pensamentos de nossos paes, mais infieis sois vós do que esses naturaes que cá achamos!...

Calisto *(furioso)* — Pois contae... que ás mãos d'estes infieis... heis de morrer!...

Camões *(com desprezo)* — Se tal me succedêra... grande seria por mim, o desprezo da sorte!... Mas, para mais alto destino estarei, por certo, guardado!... Matar-vos-ei a ambos, dentro n'uma hora, atraz da cerca do Bom-Jesus!...

João Toscano *(querendo partir)* — Lá vos aguardaremos!...

Camões — Não esperareis muito, descançae!... *(Volta-se a conversar com as damas.)*

Calisto *(baixo a João Toscano)* — Capaz será de o fazer!... Vamo-nos a convidar o Manoel Serrão... seremos tres... *(D. Alvaro observa-os.)*

João *(baixo a Calisto)* — Vamos!... Que é mister acabar com o valentão, que tanto nos injuría e despreza!... *(partindo a Camões)* Até breve!...

que em breve se vos acabará a alcunha, senhor *Trinca-fortes!*

CALISTO *(a D. Ignez)* Resae-lhe por alma, senhora!... *(Sáem ao fundo para a direita.)*

D. ALVARO *(querendo seguil-os)* — Vilões!...

SCENA V

D. Ignez, D. Maria, Camões, D. Alvaro

CAMÕES *(detendo D. Alvaro)* — Detem-te, amigo, que não valem esses vis a colera d'um homem honrado!... Insultam mulheres!... Pois, sem falla ficarão, juro-o!...

D. MARIA *(sollicita)* — E, por mim ides brigar, sr. Luiz de Camões?

CAMÕES — Por vós, senhora minha?... Prazer, e grande, fôra... se não houvesseis marido...

D. IGNEZ — Nova loucura ides fazer, Luiz!...

CAMÕES — A ultima será, prometto!... Com esta acabará a aventura da minha aventurosa vida!... e d'ella me virá lição para vida nova!... Mas era até mister, uma ultima aventura!... Era!... Que eu bem sinto que me ia já esquecendo do que á patria devo, n'estas enganadoras delicias de Gôa, a Doirada... d'esta capua do Oriente!...

D. ALVARO — Tens razão, Luiz!... Que, depois da ultima expedição ás Costas da Arabia, parece que andamos adormecidos para tudo o que seja lucta e combate...

CAMÕES — E quem não se deixaria adormecer... se todos dão a estes ocios uns nomes de proveito, para a satisfação das paixões de cada um?... Se elles lhe chamam grandeza... augmento... com-

mercio, e se são commerciantes os Reis, os Governadores, os Capitães de mar, os soldados, todos!... Se essas armadas que tem partido para o Estreito de Méca, levando a Cruz nos pavilhões das suas náos, são mais armadas que vão saquear, roubar, em nome de Deus, do que frotas de guerreiros de Christo, que vão crear uma civilisação que dê a Portugal o nome que a historia lhe pede!... Ah!... Quero acordar d'este somno, que vejo ahi um rapaz de 39 annos, e, n'elle, a vontade, que é o valor, e a justiça!... Tenho fé que breve mudarão as coisas, tanto creio em Francisco Barreto!...

D. MARIA *(olhando ao fundo, onde chega um palanquim com o acompanhamento dos antecedentes)* — Ahi chega D. Thereza Anriques!...

CAMÕES *(voltando-se e subindo)* — Dever é offerecer-lhe a mão... *(Vae ao fundo.)*

D. MARIA — Que açodamento!... Não se perde vosso primo, sr.ª D. Ignez!... D. Thereza Anriques, é hoje a mais rica dama de Gôa...

D. IGNEZ — Mal o conheceis, senhora!... Em pouco tem Luiz as riquezas... e bem melhor lhe fôra... se d'outro modo pensasse...

D. MARIA *(á parte)* — Se pensará, me certificarei... Que invejas não haveria por ahi? E... depois... eu...

SCENA VI

Os mesmos. D. Thereza Anriques

D. THEREZA *(descendo de vagar com Camões)* — Já não me fio de vós, senhor poeta!... Ha já bem

seis dias que me haveis promettido a redondilha... e, até hoje... aguardo sempre...

CAMÕES — Deixae, senhora... que mais valerá o improviso, logo que motivo d'elle se encontre...

D. THEREZA *(com vaidade)* — E tendes que se encontrará?...

CAMÕES *(amavel)* — Na vossa mão ponho a esperança...

D. THEREZA *(chegando ao pé das damas)* — Senhoras... chego adeante... como alviçareira... O nosso Governador... não tardará a chegar... Com elle me pareceu vêr vosso marido... sr.ª D. Maria Figueirôa... Assim vejo, que sosinha viestes?...

D. MARIA *(com intenção)* — Verdade é!... Aqui nos temos deleitado com a conversa do sr. Luiz de Camões... podieis haver chegado mais cedo...

D. THEREZA *(ironica)* — Talvez... mas, nem por muito madrugar... *(para D. Ignez)* E dou-vos os meus emboras, por verdes vosso primo restituido á alegria, e ás damas, de quem tão arredio andava... *(Camões curva-se, D. Ignez responde baixo e ficam conversando.)*

D. ALVARO *(do outro lado, baixo a Camões)* — Eu, e Lopes Leitão, vamos comtigo... Receio traição!... Capazes os julgo...

CAMÕES *(baixo a D. Alvaro)* — De me matar?... Não cuides tal!... Sinto que tenho outro destino, que não o de morrer ás mãos de dois covardes d'aquelles...

D. ALVARO *(o mesmo)* — Se só dois forem!... Fallaram baixo, ha pouco... e quem sabe?... *(Ouve-se uma trompa e pifanos, e logo depois vê-se chegar ao fundo fóra, uma guarda d'alabardei-*

ros que formam com frente ao publico. Em seguida entram pagens, que formam dos dois lados, fazendo alas; entrando atraz o Governador, trazendo ao lado o Bispo de Gôa, e atraz muitos fidalgos ricamente vestidos, e enfeitados com perolas e pedras preciosas. Entre os fidalgos, João Lopes Leitão, Manoel Pegado (marido de D. Ignez), D. Miguel Rodrigues Coutinho, etc... O Governador entra com o Bispo, e Camões e D. Alvaro fazem ala da direita, emquanto D. Ignez, D. Maria e D. Thereza, se conservam da esquerda, junto dos assentos. Durante toda a cerimonia da entrada, tocam nas suas trompas uns poucos de trombeteiros, que ficam fóra, da esquerda. Depois de entrar o Governador, entra da esquerda Luiza Barbara á frente d'algumas escravas que vão pôr-se com ventarolas junto das senhoras.)

SCENA VII

(Quando o Governador entra, os pagens vão postar-se ao fundo e os fidalgos á direita. Entre as columnas Luiza Barbara, á frente de varias escravas acobreadas.)

O GOVERNADOR FRANCISCO BARRETO — *(descendo com o Bispo e comprimentando as damas)* — Sr.ª D. Ignez de Camões!... Caso de festa julgo, o ver-vos restituida aos ares das nossas sallas!... Tão demorada ausencia fizestes?... Entraria n'ella o estado do vosso parente?... Agradecer-vos devo, *(para Camões)* Sr. Luiz de Camões, o haverdes confiado de mim a vossa egloga. Por ella se vê, mais uma vez, que como poeta e

amigo sois sempre o melhor!... Por ella me pareceu ainda vêr que se presavam o principe e o poeta?...

CAMÕES — Grande amisade os unira, senhor. D. Antonio de Noronha justou com o infante D. João, no celebre torneio de Xabregas.

GOVERNADOR — Agora me lembro... e lá esteve tambem, se me não engano, o sr. João Lopes Leitão?

LOPES LEITÃO — Verdade é, sr. Francisco Barreto. Lá vi justar os dois amigos, que breve deviam morrer ambos... para jámais haver festas d'aquellas... Tempos que passaram...

GOVERNADOR — Melhores por certo que os que vão correndo... tanto no reino, como aqui!... *(voltando-se para o Bispo)* Que me parece bem que não são muito para ser louvados, estes tempos, e estes costumes da India!...

O BISPO — Certo, senhor, que assim é... E bem tenho eu dito a vossa senhoria, que mister é tirar d'elles remedio para a cura... Exemplos grandes... que...

GOVERNADOR *(atalhando, severo)* — Sei a que vos referis, e, com magua vejo que ateimaes no proposito!... Pois digo-vos que errado pensaes, sr. Bispo de Gôa!... As vossas sentenças e fogueiras nada remedeiam, antes a ella se aquecem tantos odios, tantas invejas, tantas vilanias que aqui achei ao chegar!... Dizei-me vós se alguma coisa tem ganho os costumes, desque ha 12 annos o bispo D. Affonso aqui publicou a bulla da Inquisição!...

O BISPO — Certo que, castigando os criminosos...

Governador *(com força)* — Não castigaes o crime!... Que o crime vive, e é sempre o que eu por toda a parte encontro!... E sois vós os instrumentos do crime!... Sois!... Porque, desde que essa bulla mandou que — *cada um viesse delatar os actos dos que usassem iresias contra a fé* — não houve mais estorvos para o libertino que queria para si a mulher d'outro, para o filho que queria herdar, para o inimigo covarde que queria vingar-se!... E ahi tendes como vós fizestes na India uma Inquisição de experiencia, emquanto não chega a verdadeira!...

O Bispo — Sr. Francisco Barreto!...

Governador — Esse é o meu nome!... Eu sou Francisco Barreto!... O novo Governador da India, que se aventura a fallar assim da terrivel instituição que, no reino, foi introduzida pelo senhor D. João III!... Pois aventuro-me!... Porque a India está perdida, e vae perdendo tambem Portugal, o nosso velho guerreiro, que se deixa adormecer nos braços da terrivel amante, da perfida!... que o desperta ás vezes, para o levar, adornado com as joias que de cá lhe mandamos, a vêr, das janellas enfeitadas com sedas orientaes, os autos de fé, que atterram, e fanatisam, e embrutecem um povo inteiro!...

O Bispo — Sr. Governador!... *(á parte)* Este homem... não serve!...

Governador *(com mais força)* — Não me tomeis a falla, sr. Bispo de Gôa!... que eu quero que bem me conheçam todos!... *(aponta os retratos)* e aquelles tambem!... Aquelles homens!... Olhae!... Reparae bem na fixidez dos seus olhares!... Em qualquer ponta d'esta salla que vos

colloqueis, os olhares d'esses homens hão de perseguir-vos sempre, claros, inflexiveis, interrogadores, como que a pedir-vos conta d'um futuro para o qual vos abriram o caminho!... Olhae!... Alli está Vasco da Gama!... O primeiro navegador portuguez!... Não voltou para traz, como Bartholomeu Dias, mas dobrou o cabo das Tormentas, e veio até aos confins da India, batalhar e descobrir!... Vasco da Gama representa a navegação!... Aquelle é Affonso d'Albuquerque!... O grande heroe do Oriente!... e do mundo! porque um mundo conquistou! Um mundo que tem por pontos cardeaes Ormuz, Gôa e Malaca! Affonso de Albuquerque representa pois a conquista!... Não lhe acertará o conceito, sr. Luiz de Camões?...

Camões — Certamente!... Affonso d'Albuquerque quiz dar á patria territorio bastante, para que Portugal podesse ser o quinto imperio do mundo, com que tanto sonhava Carlos... de Hespanha!...

Governador — E, por fim, morreu, alli, á entrada da barra, não guardando para si, de tantos despojos e conquistas, mais do que seis leões de bronze, que lhe fazem guarda ao tumulo!... Depois... os que vieram... aquelle!... Aquelle foi a fraqueza, a intriga, o roubo... Não lhe digamos o nome, que alli está para nos consolar, D. João de Castro, o santo heroe de Diu!... o pobre e honrado Castro, que depois de tentar as maiores façanhas para salvar tantas conquistas, se assentou, por fim, cançado, desesperado, nas ruinas de essas fortalezas, a chorar as loucuras d'estas regiões, onde não logrära fundar o imperio da honestidade!... D. João de Castro representa a virtude!... Pois bem, senhores!... Se Gama repre-

senta a navegação, Albuquerque a conquista, e Castro a virtude, eu, Francisco Barreto, eu quero representar a justiça!... A justiça que é castigo, e premio tambem!... E para começar pela justiça o meu governo, começarei por premiar. Approximae-vos, sr. Luiz de Camões...

CAMÕES — Por mim, senhor?...

GOVERNADOR — Sr. Luiz de Camões. Sabeis como, ha 13 annos, ardeu, no breve espaço de tres horas, a nossa rica e bella cidade de Liampó, nas costas da China?... Alcançamos do Imperador Khang-hi, a posse d'um rochedo, onde se assentou a villa de Macau. Vindo hoje a saber que alli são esbulhadas dos bens que lhes pertencem as familias dos que morrem, mister hei de acabar com taes roubos, fazendo arrecadar os espolios dos nossos, por homem sabedor das leis, e capaz de as manter com seu valor. Os vossos estudos, em Coimbra, fizeram-vos *bacharel-latino;* e a vossa coragem foi provada nos combates d'Africa e Achem! O cerco de Mazagão deixou-vos na fronte essa cicatriz, que é o sello dos valentes!... Nomeio-vos pois provedor dos defuntos e ausentes em Macau. Partireis em março, na armada que leva por capitão a Francisco Martins.

CAMÕES — Immerecida é a honra, senhor: e, por certo, excesso de favor!

GOVERNADOR — Nem favor, nem honra immerecida. Antes me alegro por vos haver dado emprego d'onde tireis ocios para o acabamento do vosso grande poema!... *(voltando-se para os fidalgos)* Cuido, senhores, que ninguem terá por mal acertada a escolha que deixo feita?...

D. ALVARO — Se honrado foi o nosso amigo, se-

nhor, mais o sois vós que lhe aquilatastes o valôr!...

GOVERNADOR — Dizeis bem, e acertado seja sempre o vosso conceito, senhor capitão d'Ormuz!...

D. ALVARO *(surpreendido)* — Capitão d'Ormuz? Mas... de quem fallaes?

GOVERNADOR — De vós fallo, D. Alvaro da Silveira!... No mar vae a carta em que peço a El-rei a vossa capitania. *(a todos)* E já que comecei por praticar dois actos, os primeiros de verdadeira justiça, devo dizer-vos tambem, senhores, que é minha vontade que acabem hoje as festas da minha posse do governo. Taes festas, por muito prolongadas, tem dado logar a licenças e larguezas, que mister é reprimir!... E, pois que estamos na ultima noite dos festejos, vejamos, antes do Auto do nosso poeta, as bailadeiras de Ceylão, que nos querem entreter. *(voltando-se para o fundo)* Ide vós por ellas, Luiza Barbara!... *(Luiza Barbara sáe para a esquerda, seguida pelas escravas... Governador voltando-se para os fidalgos:)* Luiza Barbara é uma captiva de Méca, com que me presenteou o capitão de Cochim, D. Fernão de Tavora...

LOPES LEITÃO — E formosa é, na verdade!...

GOVERNADOR — Formosa, e muito sabedora de prendas femininas. Tange delicadamente o seu *sarangui* e, em bordados e conservas, excede a todas as companheiras. Julgo-a honesta, e differente no seu porte, do geral das escravas d'aqui. *(a Camões)* Cuido que o senhor provedor-mór, por vezes tem tido occasião de lhe aquilatar o ingenho?...

Camões — Verdade é, senhor. Tem a sua conversa valor pouco vulgar, e são tão formosos como o rosto, os seus sentimentos de honesti...

D. Maria *(atalhando, irritada)* — Pelo calôr que vos toma, ao fallar da *escrava*, parece que vos dá o coração, a vista que não haveis no rosto!

Camões *(digno)* — Certo dará, senhora!... Mormente pensando que nunca a *escrava* me disse, o que ora acabo de vos ouvir...

D. Thereza — A mim não m'o ouvireis vós, não!...

D. Maria *(á parte)* — Fui imprudente... mas hei emendar a mão... *(Entram as bailadeiras, conduzidas por Luiza Barbara. As duas principaes vão beijar a mão do Governador, ao estylo do paiz, e as outras sentam-se em semi-circulo, com os seus instrumentos deante. As duas começam uma dança oriental, lasciva. Os fidalgos dispõem-se em semi-circulo por detraz do das escravas. Camões, Lopes Leitão, Alvaro da Silveira á esquerda, sendo Camões o mais proximo da rampa. As damas nos tamboretes mais á frente. Luiza Barbara á direita do semi-circulo das bailadeiras, não larga com os olhos Camões. D. Maria percebe, e está sempre a querer fallar a Camões, que se curva para ouvir. O Governador n'uma cadeira mais alta, da direita, tendo á sua direita o Bispo, e á esquerda D. Miguel Rodrigues Coutinho, (vedor da fazenda.) Depois da dança, ergue-se o Governador, e os mais imitam-no.)*

SCENA VIII

(Durante o bailado)

GOVERNADOR *(erguendo-se e descendo até ás bailadeiras, e voltando-se para os fidalgos)* — Heis de confessar, senhores, que seriam as nossas Indias, encantadas terras, se não foram tão de barro, algum dos homens que as tem governado!... Porque, bem sabeis todos o que nós hemos feito aos naturaes... e como elles se teem vingado!... Enriquecendo-nos, e deleitando-nos!... *(para Luiza Barbara)* Levae-as vós, Luiza Barbara: levae-as á cópa, e dae-lhes os presentes que lhe estão destinados. *(Luiza Barbara conduz as bailadeiras, que ao passarem pelo Governador lhe beijam a mão)* Eis como elles nos pagam... tantos males que lhes havemos causado!... *(erguendo a voz)* E já que em pagas fallei, ficae sabendo, senhores, que ámanhã levarei o dia em dar ordem ás rendas d'El-rei, que serão feitas em publico, na praça do Leilão. A ellas poderão concorrer indios e portuguezes, que é o que manda a justiça! E, como me consta de muitas fraudes e enganos nos contractos antigos, d'ora em diante haverá praso para se tornar nullo o contracto logo que fraude appareça. Acabará tambem o mercado da *Baratilha*, que não devo consentir que em cidades portuguezas se faça venda publica de fructos do roubo!... Quero emendar os vicios!... Que falte um só aos meus mandados, que logo será lançado no *Passo de Gondali*, para servir de banquete aos crocodilos da la-

gôa! Mas isto será para ámanhã!... Vamo-nos agora a ouvir o Auto de Filodêmo, já que estamos para ficar sem o nosso poeta!... Podeis ir tomar os vossos logares, que lá estarei em breve. Antes, preciso passar pelo meu gabinete. *(A D. Miguel Coutinho)* Acompanhae-me vós, senhor Vedor da Fazenda... *(Cumprimenta, curvam-se todos, e sáe á esquerda, seguido por D. Miguel Coutinho. Em seguida, vão saindo pelo fundo todos os convidados, tomando á esquerda, de vagar.)*

João Lopes Leitão *(a Camões)* — E eu vou-me a decorar um soneto em tua intenção, que quero dizer, em começando o auto... Mas... *(apalpa-se)* ficou-me no gibão! se lá estará ainda o meu mouro?... *(Quer subir e é detido por D. Alvaro que o leva para a direita.)*

D. Alvaro *(baixo, rapido a Leitão)* — Luiz teve pendencia com Calisto de Sequeira, e vão brigar atraz da cerca do Bom-Jesus!... Sequeira e João Toscano fallaram baixo antes de partir... Temo traição...

Leitão *(baixo a D. Alvaro)* — Dois contra um?!...

D. Alvaro *(o mesmo)* — Ou tres, ou mais!...

Leitão *(o mesmo)* — Bem!... Não o perder de vista e ir tambem!... *(Sobem ambos, conversando.)*

D. Ignez *(passando por Camões)* — Primo!... Agora... bem vêdes... que...

Camões *(sorrindo)* — Em mim confiae... que será a ultima vez!... O outro Luiz de Camões... morreu!...

D. Ignez *(subindo)* — Oxalá!... Adeus!... *(sobe, sendo cumprimentada por Lopes Leitão e D. Alvaro que estão ao fundo e a seguem. Camões fica pensativo.)*

D. Maria *(atraz de todos, chega ao fundo e volta)* — N'ella pensa!... Breve me convencerei! *(desce)* Só ficastes, sr. Luiz de Camões?...

SCENA IX

Camões. D. Maria Figueirôa

Camões *(voltando-se)* — Por curto espaço, que me devo á representação... Antes d'isso, senhora... devo pedir-vos perdão... pela replica que, ha pouco, vos dei...

D. Maria — Perdoar-vos?... Não!... se fui eu a primeira... Mas parece-me que fallaveis da cativa de modo tal... que...

Camões — Pois em tal vos pareceu haver desacato ao resto das damas?... Luiza Barbara, uma escrava... cada qual na sua condição...

D. Maria — Não ha condições... em coisas d'estas!...

Camões — D'essas?

D. Maria — D'estas... das que... d'aquellas em que entra... bem me entendeis!...

Camões — Que vos entendo?...

D. Maria — E se já me haveis dado provas de preferencia... sim... porque o haverdes-me vós apresentado na vossa comedia... como sendo a pastora samaritana...

Camões — A pastora?... Que estaes dizendo?... Se vos explicasseis...

D. Maria — Não vim com outro intento... nem vós deveis perder tempo... que vos esperam... Olhae!... Ámanhã estará meu marido todo o dia na Praça do Leilão... aonde o chama o seu cargo

de Vedor da Fazenda... Podereis pois... ir... passar... sem perigo... pela Travessa do Collegio dos Jesuitas... Ao meio dia...

CAMÕES *(á parte)* — Mas esta mulher!... que descaro!... *(alto)* Dizeis então?... que... ao meio dia...

D. MARIA — Podeis ir sem receio... E não vos dê canceira o dinheiro que a meu marido deveis... que se ha de alcançar...

CAMÕES *(fitando-a muito)* — Poderei então... ir... sem receio... passar... ou mesmo entrar... e os vossos escravos?...

D. MARIA — Surdos e mudos serão, descançae! e no que diz respeito ao dinheiro... aos cem pardaus... lembrava-me eu...

CAMÕES *(com força)* — Não vos lembreis, senhora!... que n'essas lembranças se vae toda a vossa honestidade!... Não vos lembreis, não!... Que Luiz de Camões, pobre e desterrado a milhares de leguas da sua patria, possue ainda o cabedal de honra bastante, para não se vender a uma mulher pelo dinheiro que deve ao marido!...

D. MARIA — O que?... pois vós?...

CAMÕES — Ide-vos d'aqui, senhora!... Ide-vos!... que quanto mais tempo vos demoraes, mais ireis envergonhando as barbas de quem vos fez portugueza!

D. MARIA — Insolente!... a meu marido alludis!... Pois não partireis para Macau... sem que primeiro lhe pagueis!... Juro!... Heis de pagar-lhe os cem pardaus que lhe deveis!...

CAMÕES — Devesse-lhe eu cem xerafins! E podeis fazer o que vos aprouver! De mim ficae certa que, mesmo que por vosso marido eu seja em-

bargado, coisa alguma lhe contarei, para me salvar, das propostas que acabaes de me fazer.

D. Maria *(sahindo desesperada)* — Eu me vingarei, deixae!... Breve sabereis quanto val o odio d'uma mulher!...

SCENA X

Camões, depois Luiza Barbara

Camões *(só)* — E aqui está adonde chegaram estes costumes da India!... Ai!... A fé com que eu me parti para estes paizes encantados, nas tradições de Portugal!... para encontrar... a ambição, a inveja, os odios nos homens, a vaidade, a corrupção nas mulheres!... Nas mulheres!... que ainda aqui as não encontrei... senão d'aquellas!... *(Aponta ao fundo, e vê Luiza Barbara.)* Ah! Luiza Barbara!... Vens a avisar-me...

Luiza Barbara *(descendo)* — Eu vinha... dizer-vos que está cheia a sala... e só falta sua senhoria... o Governador...

Camões — Ah!... Vens dar-lhe parte?

Luiza — A elle?... não... Vinha em vossa demanda...

Camões — Minha?...

Luiza — Sim... Dizer-vos...

Camões — Fizeste bem Luiza: é tempo; vou-me a entreter os convidados... será a ultima vez...

Luiza — Depois...

Camões—Depois, parto... que não seja ámanhã!...

Luiza — Para Macau... tão longe, ao que dizem...

Camões — Longe é, por certo... mas lá chegarei a salvamento...

Luiza — Chegareis... sim... mas só!... Nem um amigo levaes comvosco!...

Camões — Ninguem, Luiza!... Vou-me á ventura, e sem saudades, que não as posso ter d'isto...

Luiza — Saudades não levareis... não... mas...

Camões — Mas?...

Luiza — Talvez as deixeis por cá...

Camões — Tambem não!... A ninguem posso deixar saudades!... Minha prima é feliz, vive vida farta e descançada... qualquer dia volta a Portugal...

Luiza — Vossa prima... sim... mas outros...

Camões — Outros, quem?

Luiza — Sei lá!... ás vezes... a gente... não sabe quem nos quer...

Camões *(reparando no ar de Luiza)* — Quem nos?... Estranho-te hoje, Luiza Barbara!... Que tens tu?...

Luiza *(enleiada)* — Eu?... eu... tenho dó de vos vêr partir... assim... sósinho!...

Camões *(admirado)* — Tu?... tu tens dó?...

Luiza — Tenho!... E... se quizesseis...

Camões — Se eu quizesse?... Acaba!...

Luiza — Bem sei que nada vos importaria a affeição d'uma captiva, sei... mas... se me o consentisseis... se quizesseis... eu... eu ia comvosco... ia... só para vos fallar d'estas amizades que cá deixaes...

Camões — Tu?... tu acompanhavas-me?... tu?... para uma terra distante, que nem eu mesmo conheço?... E ias, tu... assim... sem destino... Mas sabes tu, Luiza, quem eu sou, e o que ando a fazer n'esta vida?... Sabes?...

Luiza — Sei que sois infeliz... e que vos... que vos estimo!... Sei que tendes inimigos que vos

odeiam, e que vos hão de perder sem remedio!... sei!...

Camões — Mas não sabes que por tal fórma anda apegada a mim a desgraça, que desgraçados são todos quantos a mim se chegam... não sabes!... Isto não sabes tu, Luiza!...

Luiza — Sei que vos... sou afeiçoada, que vos... quero... muito... que n'isto penso... e d'isto vivo!... Sei que por vós daria a vida... com pena de não ter mais que dar... sei que...

Camões — Que me amas, desgraçada! Tu?... Que me amas!... A mim, que na apartada patria deixei ficar o coração! A mim, que a não ser... a ella!... a mais ninguem já posso amar n'este mundo!... E és tu, Luiza!... és tu, pobre mulher!... que me vens dizer que me amas!... Mas... quem és tu, infeliz! tu, santa e nobre creatura!... Quem és tu?...

Luiza *(triste)* — Eu?... quem sou?... eu... sou uma mulher da Arabia, da terra d'Iman, aprisionada pelos vossos no Estreito de Méca, á volta da Santa Kaaba, e, por elles vendida, como captiva, ao Capitão de Cochim...

Camões — Que te deu ao Governador da India, como presente capaz de lhe ganhar a benevolencia!... E tinha razão, o Capitão de Cochim... porque tu és formosa, és!...

Luiza — Sou uma escrava... que nem o refugio do sacrificio póde ter, sem licença do seu senhor!... Ah!... Levae-me comvosco!... Pedi-me ao Governador, e levae-me!... Por lá vos distrahirei as tristezas... fallando das coisas de Portugal... d'ella!...

Camões — Tu?... pois tu podias... fallar-me d'outra... a mim?...

Luiza — Se eu nunca tive esperança... de que me amasseis... nunca! E não tendes a culpa, vós, se algum dia uma escrava vos amostrou um coração de mulher!... Sei que não sou feliz; mas sei tambem que serei menos desgraçada, eu, se poder minguar-vos a saudade... essa vossa saudade que tanto crescerá no desterro para onde ides... Levae-me...

Camões *(á parte, com força)* — E é uma escrava, esta mulher... emquanto que a outra, essa que ahi esteve!... *(alto)* Olha, Luiza Barbara!... Ouve!... Eu não posso... não devo pedir-te ao Governador!... Francisco Barreto é honesto, e, como tal, me tem a mim... Que pensaria elle?... Não!... Depois, eu não devo sacrificar-te a uma sorte desconhecida... quem sabe se fatal!... Não! não! Adeus, Luiza!... ou antes, até á volta, que tenho fé, que breve hei de voltar...

Luiza *(desanimada)* — De sorte me encontrareis...

Camões *(receiando perceber)* — O que dizes tu?... Hei de encontrar-te, Luiza!... Porque me vaes prometter aqui, que por mim esperarás!... Ouve, Luiza Barbara!... Ouve!... Quero contar-te o que hoje hei medo de contar... até á minha sombra!... Ouve!... Eu fui amado por uma mulher nobre, e boa, que de mim fez, isto que sou! Porque foi ella! ella só, que, por amor, me desterrou de si, e da terra em que ambos nascemos!... Desterrado do amor, por Africa andei a batalhar e a soffrer, e, durante todo esse tempo de combates, e miserias, jámais me abandonou, — um instante de fome!... — a imagem d'aquella mulher que por mim esperava, forte na sua crença, e esperança-

do na minha!... E, apartado d'ella... eu desabafava nas queixas que dava aos ventos que passavam... ás aguas que corriam:

> Ó fugitivas ondas esperae;
> Que, pois me não levaes em companhia,
> Ao menos estas lagrimas levae!

Luiza *(muito triste)* — Depois...

Camões — Depois... da Africa voltei a Portugal, e de Portugal me parti para aqui, para estas Indias, onde ha quatro annos ando, á procura d'um reviramento da sorte, que venha dar-me a posse de aquelle bem, que tanto desejo, e nunca alcanço!... E aqui tens a minha vida, Luiza!... Isto sou, e d'isto vivo!... E agora vês... vês tu, que nada podes esperar de mim, pobre mulher, se vês como é mal empregado o teu amor... em quem t'o não póde pagar!...

Luiza *(com força)* — Não me entendeis! Ai! que não me entendeis!... porque não podeis saber... Ouvi tambem, ouvi!... Eu sou filha d'uma tribu, differente de todas as mais do meu paiz!... D'uma tribu, onde a mulher não póde, em toda a sua vida, ter mais do que um só amor!... Onde a mulher casada, se queima na fogueira do marido morto, para não ser d'outro homem!... Na minha tribu, aquella mulher que não alcança o amor do homem que ama, faz-se escrava, até das mulheres d'elle!... E agora... bem deveis entender que vos não peço... o vosso amor... Sinto... conheço bem que vol-o não posso pedir.... O que eu quero...

Camões — Queres... ser minha?... Pertencer-me...

Luiza *(com um grito)* — Não!... não quero!... Eu não quero pertencer-vos! Não!... Oh! não me tenhaes em tão pouco, que não quero!... O que eu quero é consolar a vossa vida, fazendo d'ella a minha vida!... O que eu quero é seguir-vos, guardar-vos, vigiar sempre por que não venha a desgraça que adivinho!... E toda a minha ventura será saber que é para vós um instante d'allivio, o instante em que pensardes que eu vivo... que estou no mundo... a amar-vos!... Serei feliz então... serei... porque de dó que seja o vosso pensamento... sempre pensaes... pouco que seja... *(Calisto e João Toscano, apparecem, fundo, direita, espreitando.)*

Camões — Mas... mas isso não é amor, mulher!... Isso é... adoração!... E tu... não és... não pódes ser uma escrava!...

Luiza — Sou uma pobre mulher, de quem um dia contareis talvez a historia... uma mulher do Oriente... que amou um portuguez... que não sabia o que era o amor!... Que o amou, e que lh'o disse... e que depois... morreu!... Ah! *(Foge para a porta da esquerda.)*

Camões *(olha em roda, sobe um pouco, admirado. Calisto e João Toscano, que tinham visto o final do dialogo, escondem-se)*—Foge?... Porque?... *(descendo)* Que não sei o que é o amor?... Sei!... sei!... Demais o sei!... porque te resisti!... *(subindo)* Ah!... Que não sabes quanto me deves, Catherina d'Athayde! *(Sáe para a esquerda, fundo.)*

SCENA XI

Calisto de Sequeira, João Toscano

CALISTO *(entrando da direita)* — Viste?... Convem-nos agora mudar d'alvitre!... Escusado será arriscar a pelle, se havemos meio seguro de vingança!...

JOÃO TOSCANO — Sim... sim... percebendo vou... que...

CALISTO — Pois não viste a coisa?... O homem esteve peitando a captiva e roubal-a ao Governador... é, por certo, a sua ideia...

JOÃO TOSCANO — Sim... fallavam... tanto á mão...

CALISTO — Se pois contarmos o caso a Francisco Barreto...

JOÃO TOSCANO *(contente)* — Perde-se o Matamoiros!...

CALISTO — E evitaremos a briga... chegando sempre á vingança! Vae-te tu a dar parte ao Manoel Serrão, que a estas horas, ralado estará de esperar...

JOÃO TOSCANO — Bem!... Vou-me a dizer-lhe... que... como diabo concertarei eu a historia?...

CALISTO — Ora!... Dize-lhe que o homem se escusou... que deu desculpas... que teve medo... sei cá... ordena lá qualquer falsidade...

JOÃO TOSCANO *(querendo partir)* — Pensarei pelo caminho... *(Pára, vendo Manoel Serrão que entra da direita.)*

SCENA XII

Os mesmos. Manoel Serrão, e depois Camões
(e os amigos)

SERRÃO *(descendo)* — Boa hora ha que vos espero!... e como não entendi bem o vosso recado...

JOÃO TOSCANO — Não entendeste?...

SERRÃO — D'elle só percebi que me querieis para terceiro, contra Luiz de Camões. *(Camões entra da esquerda fundo, e vem descendo.)*

CALISTO — Isso é. *(Vê-se Luiza Barbara, a ouvir, por detraz do reposteiro da porta, por onde entrou.)*

SERRÃO — E quem tem elle, por si?...

CALISTO — Por si?... ninguem...

SERRÃO *(espantado)* — O que?... Seriamos então?...

CALISTO — Nós dois, e tu.

SERRÃO *(o mesmo)* — Trez... contra um!...

CALISTO — Certo que sim!...

SERRÃO *(furioso)* — Certo que sim!... E não acreditava, eu! E tão doido fui, que perdi uma hora, á espera d'uns covardes!... *(Os dois querem atirar-se a elle, mas estacam vendo Camões que tem descido, e está logo atraz de Serrão.)*

CAMÕES *(estendendo a mão a Serrão)* — Sois um homem, Manoel Serrão!

SERRÃO *(ainda indignado)* — Uns covardes!...

CAMÕES — Escusaes de o repetir, que já lh'o disse eu, e bem o sabem elles! Tomae vós conta de João Toscano, que vos não quero roubar o

prazer de castigar um d'elles!... Este *(aponta Calisto)* fica por minha conta... *(Lopes Leitão e D. Alvaro, apparecem ao fundo, esquerda, vigiando Camões.)*

SERRÃO *(enthusiasmado)* — Honra será para mim, e a ninguem a cedo!... Ah!...

CALISTO *(ironico)* — Pois para outra occasião será, que não para esta!... Tanto mais que fôra desigual a partida... sendo d'ella os vossos amigos... *(Aponta, rindo, Lopes Leitão e Alvaro da Silveira.)*

CAMÕES *(volta-se e vê os dois)* — Ah!... Tambem vós receiaveis traição?

CALISTO *(ironico)* — Ou para ella foram convidados... Mas... em vão!... porque eu já não quero medir-me comvosco!...

CAMÕES *(furioso)* — Tu, villão!... já não queres?... mas quero eu!... Que tu és vibora qu'é mister esmagar!...

CALISTO *(ironico)* — Mais agora... que vos vi peitando a captiva... Luiza Barbara?...

CAMÕES *(espantado)* — Eu?... Oh!... que agora... hei de matar-te!... E has de ir!... has de ir, embora eu tenha de te picar os rins com esta espada!... *(Desembainha a espada.)*

LOPES LEITÃO *(querendo descer)* — Luiz!...

CAMÕES *(detendo-o com a mão)* — Nem uma palavra, amigos!... E já vos requeiro que não me acompanheis!... Quero eu... só eu!... matal-o!... É justiça!... É justiça livrar a terra d'estas peçonhas!... É!... porque eu estou aqui ha uma hora, e, n'uma hora, apalpei todas as vilezas, todas as infamias dos homens, e das mulheres!... Os fidalgos *(aponta Calisto e João Toscano)* são calumnia-

dores e covardes!... Os padres, hypocritas e vingativos!... as mulheres falsas e torpes!... Ah!... que chegará longe a historia d'estas miserias, se não se fizer historia d'acções grandes, que escureçam tantas lastimas!... Pois, amigos!... Essa historia, vou eu fazel-a!... Acordei em fim!... Vejo!... Não serás despresado, velho Portugal!... Não serás, que eu vou escrever *Os Lusiadas!...* Vamos!... *(Aponta a espada a Calisto, que vae saindo a recuar. N'este momento Luiza Barbara sáe da porta da esquerda, quer ir, e cae desfallecida no degrau do estrado.)*

ACTO III

PERSONAGENS DO 3.º ACTO

(ÉPOCA 1558)

Camões (35 annos)
Antonio (30)
João Lopes Leitão (32)
D. Alvaro da Silveira (31)
Francisco Barreto (42)
D. Miguel Rodrigues Coutinho (48)
Luiza Barbara (25)

ACTO III

(1558)

Um carcere da prisão do Tronco, em Gôa, contigua ao palacio do Governo. Porta á direita, fresta de grades á esquerda. Ao meio uma mesa tosca, com um escabello ao pé. Em cima da mesa, papeis espalhados. Uma cama pobre, uma bilha com agua, etc.

SCENA I

Camões, depois Luiza Barbara

CAMÕES *(só, pallido e abatido, sentado no escabello, escreve, depois de pausa recita:)*

E ainda, Nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem!
A troco dos descanços que esperava,
Das capellas de loiro, que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram...

(Pausa)

Vêde, Nymphas, que engenhos de senhores
O nosso Tejo cria valerosos,
Que assim sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!

Que exemplos a futuros escriptores,
Para espertar engenhos curiosos,
Para porem as cousas na memoria,
Que merecerem ter eterna gloria!...

(Pausa. Ergue-se)

Olhae que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo e os vossos luzitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos damnos:
Agora o mar, agora experimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos;
Qual Canace que á morte se condemna,
N'uma mão sempre a espada, n'outra a penna!...

Oh!... ditosos aquelles que poderam
Entre as agúdas lanças Africanas,
Morrer, emquanto fortes sustiveram
A santa Fé, nas Terras Mauritanas!...

Ditosos!... ah!... *(Vê Luiza Barbara que tem entrado com um cabaz no braço)* És tu, Luiza Barbara!... Mais cedo vieste hoje, Luiza!...

LUIZA *(dirigindo-se á mesa, e pondo-lhe em cima o cabaz)* — Vim... Não pude livrar-me do cuidado em que hontem fiquei... por vêr que nada quizestes, do que vos trouxera...

CAMÕES — Mais te amofinas do que eu, Luiza!... Pobre Luiza!... pobre!... tão pobre, tanto como eu!...

LUIZA *(tristemente)* — Mais do que vós, sr. Luiz!... Mais!... Porque a vós... ao menos... ainda vos não deixou a esperança... emquanto que eu...

CAMÕES — Tu... triste mulher!... tu... de todo a perdeste... quando te contei o que por amôr d'outra... em Portugal... e Africa... e India... tenho soffrido!... tudo quizeste saber... e, quando

tudo te disse... tu... continuaste sempre, resignada... corajosa...

Luiza — Bem sabeis... que eu... mais nada queria... senão que me deixasseis ajudar-vos a levar a vossa cruz... por esta montanha da vida...

Camões — A nossa cruz, Luiza!... Que tu... tambem tens a tua!... Tu, que te fizeste christã, para bem comprehenderes a grandeza do teu martyrio!... E eu... em troca de tanto sacrificio... eu, mulher!... eu... não posso dizer-te que te amo!... Não posso!

Luiza — Nem eu vol-o pedi nunca, bem n'o sabeis!... Para allivio me basta... a dôr com que o dizeis... e o pouco que por vós faço... Mas olhae... que são horas de refeição... e, desde hontem...

Camões — Que não como... ias dizer. E como queres tu, Luiza, que em mim para alguma coisa haja ainda vontade... se até para escrever me falta já!... Falta!... Que eu já não sou aquelle poeta, tão cheio de ardimento e valor, que, no meio dos móres perigos e miserias, cantava sempre, zombando das voltas do destino!... Já não sou! Agora, os versos que faço... começam a ser queixas e indignações... contra os que me vão quebrando o corpo, e, com elle, a inspiração e o engenho!... A esses... já os não procuro com a espada... não... hoje só me vingo d'elles... dizendo-lhes que as honras immortaes não as ganham os homens, encostados aos troncos dos maiores, embrulhados nas finas pelles dos animaes de Moscovia; *nem com tantos deleites infinitos*, que afeminam os peitos generosos:

Mas c'om buscar c'o seu forçoso braço
As honras que elles chamam proprias suas,
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades e ondas cruas...
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões d'abrigo nuas,
Engulindo o corrupto mantimento
Temperado c'o arduo soffrimento!...

Isto lhes digo eu hoje... porque tudo isto passei!... Lembras-te... quando m'as ouviste?...

LUIZA — Tudo o que é vosso me anda sempre na memoria... Bem n'o sabeis!...

CAMÕES — Quando aqui cheguei!... preso!... por ordem de Francisco Barreto, o homem justo... e duro tambem!... Preso... porque?... Porque as invejas... os odios... as vilezas d'estes homens andavam por cá ordenando a ruina, de quem os queria alevantar do seu abaixamento, acusando-lhes os vicios em que se perdem... E não tardou o golpe... não!... Aqui me deitaram... aqui estou... e d'aqui será mister começar caminho novo, para a ambicionada fama, para a gloria... para... ella! *(Luiza suspira; Camões volta-se)* Ah!... perdoa-me, Luiza!... pobre Luiza!...

LUIZA *(sorrindo tristemente)* — Olhae, que se vos não alimentaes...

CAMÕES — Sim, minha boa Luiza, sim... vamos!... Quero hoje fazer-te a vontade... tomarei d'esses alimentos *(dirige-se á meza)* que, com o teu trabalho, para mim ganhas!... *(pondo a mão sobre o cabaz)* Sortes que o destino deita por esse mundo, Luiza!... Eu... aqui... n'este estado!... Eu!... Luiz de Camões, filho de Simão Vaz de Camões, o rico homem de Coimbra, que, de todos

os seus cabedaes ficou pobre, para sustentar os seus reis!... *(animando-se)* Vês tu, Luiza, como elles pagaram ao pae?... Vês?... Deixando que o filho ande por aqui, n'estas Indias que nós lhe démos, a acceitar as esmolas d'uma pobre mulher, que anda pelas ruas vendendo, para ganhar com que o sustente!... Uma infeliz! Uma captiva que vem emendar, na balança dos fados, as injustiças d'aquelles que só são grandes, com a condição de ser justos! *(mudando de tom, com força)* Embora!... Que não é para elles que trabalho, não!... não é para elles que eu trabalho e lucto, e hei de vencer!... É para a minha terra!...

Para a ditosa patria minha amada!...
Á qual se o céo me dá que eu, sem perigo,
Torne com esta empreza já acabada,
Acabe-se esta luz alli commigo!

Luiza — Alma tão formosa haveis... e não vos havia eu de amar?!... Se da propria desgraça tiraes alento para novos sacrificios!... Se não sabeis senão perdoar...

Camões — Calla-te, Luiza!... Calla-te!... Que tem sido isso a minha perdição!... Em Portugal, perderam-me os falsos cortezãos, os baixos invejosos... e eu parti sem me vingar!... Aqui, tive debaixo dos pés a Calisto de Sequeira, e não o matei sem piedade!... E perdoei, e parti cheio de esperanças para Macau, sem me lembrar que aqui ficavam os odios e as ingratidões!... E Sequeira, e João Toscano, e aquella mulher devassa, cá ficaram a perder-me com Francisco Barreto, que era um homem inteiro e recto!... E, por perdoar, aqui estou preso!... Preso... Por não cumprir com hon-

ra o meu dever!... E preso ficarei... até que cheguem da China... provas...

Luiza *(solicita)*—Confiae que chegarão... *(Fica triste.)*

Camões — Chegarão... Hão de chegar!... por ordem do meu destino!... Hão de chegar!... Que tanto me vou eu convencendo já, da fatalidade da minha sorte... que já penso que é sempre mister que acabe uma desgraça... para que breve chegue outra... maior!... *(Vê Antonio que entra)* Ah!... Antonio! Que novas trazes?...

SCENA II

Os mesmos. Antonio

Antonio *(descendo)*—Chegou armada do reino, senhor, e boas noticias trouxe, que vae grande alegria pela cidade...

Camões—Alegrias?... Enganos!... Breve voltarão as tristezas, verás!... Já de Portugal não chegam novas que alegrem, desque a influencia dos jesuitas por lá tem mudado os homens e as coisas!... Mas... que sabes?... que ouviste?...

Antonio — Parece que chegou na armada, e que já se acha no palacio do governo, o novo Viço-rei...

Camões —Cuidei ha pouco ouvir arruido... isso seria. Folga o povo, e folgam os fidalgos... ao sentirem-se libertos do governo duro de Francisco Barreto!... Esperanças terão de que este lhes dê largas á licença e desregramentos de vida!... E disseram-te o nome do novo Viço-rei?...

Antonio —D. Constantino de Bragança...

Camões — Que dizes tu?... D. Constantino de Bragança!... Ah!... Mas então... estou livre, meus amigos!... *(Luiza desce, triste)* Estou livre!... porque D. Constantino... certo se lembrará de mim!...

Antonio — Que ventura!... Contaes que elle?... Pois vou-me outra vez á Ribeira das Naus, que já devem ter desembarcado os despachos do reino!...

Camões — Vae, Antonio, vae!... E boas noticias me tragas hoje, já que tão tristes m'as levaste... em Macau!...

Luiza — Não foi d'elle a culpa, senhor...

Camões — Certo que não!... nem eu te accuso, não!... Allivio até, e grande, foi para mim, ser um amigo quem me désse a nova da minha prisão...

Antonio — Melhor julguei... que vol-a désse... quem logo vos podesse... consolar...

Camões — E assim foi!... Foi, porque te vi chorar!... e é sempre menos forte a dor... quando se póde repartir... N'essa hora quizeste jurar que não mais me deixarias... e assim foi... até agora: agora!... *(voltando-se para Luiza)* Cá viemos encontrar a nossa Luiza... e cá vamos... Emfim!... não sou tão infeliz como cuidava! Tenho ainda dois amigos!... *(Aperta-lhes as mãos.)*

Antonio — Escravos fieis deveis dizer, senhor!... Que eu... mais vosso escravo fiquei... desque vos empenhastes para me resgatar...

Camões — Mais nada pude fazer, para te pagar, e bem pouco foi para o que te devia!... Que o que tu fizeste em Macau, e depois no naufragio... na foz do Mecon!... que noite!... e depois... as que se lhe seguiram!...

Luiza — E nunca me quizestes contar bem...

Camões — Como nos salvamos?... Eu, Antonio,

e o meu poema?... *(apontando a mesa)* Pobres *Lusiadas!...* Ainda tem as folhas pegadas, e cheias de sal da agua do mar!... Pobre poema!... Por baptismo tiveste a tempestade!... A morte, onde a encontrarás... tu?...

LUIZA — Mas... se o tendes aqui... se o salvastes?...

CAMÕES — Nadando com um braço... e erguendo o outro, com elle, acima das ondas!... Tens razão, Luiza. E já que salvei os seis cantos, que em Macau escrevi, tenho fé que o levarei ao cabo!... Um dia, Luiza, quando passar esta refrega da vida em que ora ando... hei de contar-te as aventuras que passei... Um dia... em hora mais feliz do que estas que vão correndo...

ANTONIO — E breve chegue essa hora!... E não sei o que me diz o coração, mas cuido que breve chegará!...

LOPES LEITÃO *(fóra)* — Luiz!... Luiz!... *(Antonio vae á porta.)*

CAMÕES — Ah! É Lopes Leitão!... Abre!...

SCENA III

Os mesmos. João Lopes Leitão

LOPES LEITÃO *(descendo, rapido)* — Meu amigo!... Grande nova trago!...

CAMÕES — Tu?...

LOPES LEITÃO — A da tua liberdade!...

LUIZA *(com um pequeno grito)* — Ah!...

ANTONIO *(jubiloso)* — Bem m'o dizia o coração!...

LUIZA *(á parte, triste)* — E o meu!...

CAMÕES — Mas... como foi?... Conta!... Francisco Barreto?...

LOPES LEITÃO — Francisco Barreto... convenceu-se a final da tua innocencia... ou antes: pôde proval-a á sua terrivel justiça!

CAMÕES — Entendo-te! Sentia a falsidade da culpa, mas queria provas...

LOPES LEITÃO — Isso é! Acaba de me dizer que pedira a tua liberdade ao Viço-rei que chegou e, com as provas na mão!... O Viço-rei... ah! não sabes talvez, que chegou novo Viço-rei?...

CAMÕES — Sei!... Mas porém... as provas?...

LOPES LEITÃO — Sei lá!... Guardou-as elle... nem nos deve importar... o caso é saber-se...

CAMÕES — Não!... não é bastante!... Quero bem conhecer d'onde me veio o golpe!... entendes?... Que eu já ando cheio de fel; e quero... *(para Antonio)* Vae tu, Antonio!... Vae-te a saber tudo!... *(Antonio sóbe, e fica atraz, conversando com Lopes Leitão. Camões desce)* Finalmente! *(Para Luiza)* Olha, Luiza! não te agastes commigo... mas bem deves comprehender... que a noticia... toda a vontade me tirou... Olha!... logo!.. logo hei de comer quanto tu quizeres... *(reparando na tristeza de Luiza)* Mas que tens tu, Luiza?... Não te alegrou a ti... a nova?... Não alegrou, não... que tens tu?...

LUIZA *(tristemente)* — Eu?... nada tenho... nada... Antes sinto alegria... porque agora... estaes livre... e feliz... e já vos não sou precisa... *(Pega no cabaz para partir)* Agora...

CAMÕES — Vaes-te?... Deixas-me, Luiza?... Agora que eu mais careço de quem me ame... de

quem me defenda... lá fóra!... Não póde ser!... Não póde!... *(voltando-se para Leitão)* Amigo!...

Lopes Leitão *(descendo; para Antonio)* — Está concertado!... *(Antonio sáe.)*

SCENA IV

Camões, Lopes Leitão, Luiza Barbara

Camões *(solemne)*—João!... Vês esta mulher?...

Lopes Leitão — Luiza Barbara...

Camões *(o mesmo)* — Luiza Barbara, sim!... A mulher que tudo me sacrificou, desde a sua liberdade até á sua religião!... A mulher que, por mim, teria morrido nas costas de Camboja, se, como tanto queria, me houvera acompanhado á China!... Luiza Barbara!... a captiva de Babel-Mandeb, que se fez christã para poder entrar n'esta prizão, a dar-me o sustento de cada dia, com o producto do que ganhava, vendendo por essas ruas!...

Lopes Leitão — Já o sabia, Luiz!... E tanto respeitei sempre o sacrificio de Luiza, que nunca te fiz offertas... com receio de a offender, a ella... Virá comnosco, Luiz!... Porque tu vaes para minha casa!... tudo concertei já com o Antonio...

Camões *(olhando Luiza)*—Tu?... concertaste?... Mas porém... Luiza?... não quer!...

Luiza *(fazendo com a cabeça signal de negação)* — Passaria por vossa amante... Não!... Tres annos vivi á vossa espera.... e não me falleceu o animo... Outros tantos esperarei... até que...

Camões — Até que?...

Luiza — Até que... eu sei!... Até que a sorte

se cance... e algum dia se cançará... *(á parte)* a a minha!... *(Camões fica pensativo.)*

LOPES LEITÃO — E chamas-te infeliz... com dedicações d'estas?... *(mudando de tom)* Emfim... depois veremos o que ha de ser! Agora vou-me a dar ordem a um banquete que, em minha casa darás, aos amigos que do reino chegaram... *(Chega á porta D. Alvaro.)*

CAMÕES — Em tua casa, seja: mas não da tua bolsa!... Deixa-me tu ordenar a festa, que, já que estamos na India, ha de sahir d'uma riqueza asiatica!...

LOPES LEITÃO *(subindo)* — Mas em minha casa! *(Vae a sahir, mas detem-se, vendo D. Alvaro, que ouviu o final da scena.)*

SCENA V

Lopes Leitão, D. Alvaro da Silveira, Camões, Luiza Barbara

D. ALVARO *(descendo)* — Na minha será, que não consinto egoismos!... Já que o primeiro não fui a dar-te a nova, deixa ao menos que seja minha, a festa da tua liberdade!... *(Abraçam-se.)*

CAMÕES *(sorrindo triste)* — Mas... vós... tão pobres sois como eu, amigos! E, pobre por pobre... Deixae... que me não sahirei mal da empreza... Até trovas heis de ter para iguarias!... *(Luiza, que tem pegado no cabaz, vae a sahir.)*

D. ALVARO *(vendo Luiza)* — Ah!... Luiza Barbara!... Serás tambem da festa, Luiza!...

LUIZA *(á parte)* — Festas... para mim... agora?... *(Sáe.)*

D. Alvaro *(que a seguiu com o olhar)* — Vae triste a tua captiva... vae!... E, a proposito, Luiz!... Que é d'aquellas endeixas, feitas ha tanto tempo... lembras-te?... N'ellas nos amostravas Luiza, como a Sulamite do Canto de Salomão:

Rosto singular,
Olhos socegados,
Pretos e cançados,
Mas não de matar!...

Camões *(sorrindo)* — Não zombes, amigo!... Não zombes d'aquella mulher, que não lhe conheces o valor!...

D. Alvaro *(ironico-serio)* — Não zombo, Luiz!... Comprehendo até a tua paixão pela bailadeira, e chego a julgal-a natural, embebido como andas na leitura dos livros sagrados da India... Tu proprio, tu, que tudo sabes, o primeiro foste a dizer-nos, que n'outros tempos se apaixonaram por bailadeiras, Aristoteles, Achilles, David...

Camões *(sorrindo)* — Talvez...

D. Alvaro — Mas vinha, o perguntar te pelas endeixas, a perseguição que todos os dias soffro de Luiz Franco Corrêa, que, mesmo na cama, onde está doente, não perde aquella furia de ajuntar os versos que por ahi deixaste espalhados!... Tem já o *Auto de Filodêmo*, e os *Disparates da India*, e, para alcançar a *Satira do Torneio*, chegou a escrever, para Lisboa, a Luiz de Lemos!...

Camões — Essa ideia tive tambem. Ajuntar tudo... e chamar *Parnaso* ao tomo... Mas penso que melhor será perderem-se os versos... se a elles, por certo, devo quantos revezes aqui tenho experimentado...

Lopes Leitão — Deixemo-nos de lamentações, Luiz!... *(sobe até á fresta)* Por ahi só vão hoje festas e alegrias, e tenho fé que as novas do reino breve te darão o contentamento antigo! *(olhando pela fresta)* O que por essas ruas vae!... Lá vem sahindo o D. Miguel Coutinho, do palacio do Governo...

D. Alvaro — O Fios-seccos?... Lá o deixei agora...

Leitão *(affirmando-se)*—E cuido que para aqui vem!...

Camões — Certo virá!... Soube que me iam soltar, e tremeu pelo seu dinheiro!... Vereis... que vem ahi... para me embargar!...

Lopes Leitão *(descendo)* — Que dizes tu?... Pois poderia atrever-se...

Camões — Não o conheceis!... Miguel Coutinho, por dinheiro, enforcaria seu pae!...

D. Alvaro *(com força)* — Pois enforquemol-o nós, nas grades d'aquella fresta!

Lopes Leitão *(sério, scismando)* —Mas porém... é sério o caso, amigos!... Se o homem traz embargo, a lei clara é, e as ordenanças rigorosas!...

Camões — São!... E eu devo-lhe os oitenta xerafins, com que resgatei o meu Jau!...

D. Alvaro *(olhando)* — Eil-o comnosco!...

SCENA VI

Os mesmos. D. Miguel Rodrigues Coutinho
(D. Miguel chega á porta e detem-se receioso)

Camões *(para D. Miguel)* — Entrae, sr. D. Miguel Rodrigues Coutinho!... Entrae!... Vindes a

dar-me novas da vossa esposa, ou da minha liberdade?... Seja qual fôr a intenção, será sempre para mim motivo d'alegria a vossa entrada aqui!...

D. Miguel *(enleiado)* — Sr. Luiz de Camões... Certo que venho... que... sube agora do nosso novo Viço-rei... o sr. D. Constantino...

Camões — De Bragança... sei!... sei já...

D. Miguel — Ah!... Sabeis?... pois... pareceu-me muito vosso affeiçoado...

Camões — De ha muito já!... Ora!... O primeiro soneto que eu fiz... foi dedicado ao irmão de D. Constantino, o duque D. Theodorico de Bragança, na sua passagem por Coimbra...

D. Alvaro — Lembro-me d'elle, como se hoje o ouvira!... Era teu tio, D. Bento de Camões, Prior Geral de Santa Cruz, e Cancellario da Universidade...

Camões *(a D. Miguel)* — Nada deve pois maravilhar-vos a sua generosidade, e justiça por mim...

D. Miguel — E justiça, dizeis bem!... porque eu... fui-me ter com sua senhoria... por vossa causa...

Camões *(fingindo expansão)* — Ah!... sr. D. Miguel Coutinho!... certo fostes a pedir-lhe a minha liberdade?... Como pagar-vos?... Como?...

Lopes Leitão *(hypocrita)* — Não ha paga bastante para o valor de tal fineza!...

D. Alvaro *(o mesmo)* — Nem D. Miguel a quer!... que bem lhe conhecemos todos a bizarria d'animo!...

D. Miguel *(confuso)* — Certo não quereria paga... se o favor houvera feito... mas... outro foi, o favor... e d'esse... tenho que me é devido... o pagamento...

Camões *(fingindo extranheza)* — O pagamento!... Ah!... pela palavra entendo agora... a que tão açodado viestes!... Entendo... mas... mal de mi'?... que vos não posso ainda pagar... embora para tal me sobrem desejos!... Mas contae, sr. D. Miguel, que algum cabedal alcançarei, para vos dar... por conta...

Leitão *(approximando-se de Camões)* — Por conta?... Certo estou de que tudo poderás pagar... na tua volta!... *(Aperta-lhe a mão.)*

D. Miguel *(receioso)* — Na volta, dizeis?...

Leitão *(com a mão de Camões segura)* — Na volta da armada!... Não sabeis que vae assentar pazes com o Samorim, a armada que chegou?... Pois n'ella se vae o nosso Luiz!... *(baixo a Camões)* Olha a cara d'elle!

D. Miguel *(assustado)* — Mas porém... é verdade?...

Camões *(sorrindo)* — Certo que é!... Bem deveis sentir quanta vontade terei eu de vos pagar o que vos devo... Na armada me vou, e contae...

D. Miguel *(furioso)*—N'esta fio que não ireis!... que para isso trago *(mostrando um papel)* este embargo!...

Camões *(admirado primeiro, e crescendo depois de tom)* — Ah!... Trazeis embargo!... Apressado andastes, na verdade!... Para vós o mesmo foi saber da minha ordem de soltura, que pedir logo nova ordem de prisão!... *(indo para elle)* Pois, sr. D. Miguel!... Rodrigues!... Coutinho!... *(D. Miguel recua. Camões pára)* Socegae... que não vos quero molestar... Não... quero só dizer-vos... que haverá, por ventura, meio... de levar a cabo o empenho, a contento d'ambos nós... Ora dizei-

me cá!... Vistes a D. Constantino semblante carregado... quando lhe contastes o motivo do embargo?...

D. Miguel — Elle?... Contristado, e muito, antes me pareceu... Mas a lei ordenava...

Camões — Bem!... Em vista do que me asseveraes... tenho que D. Constantino me dará fiança...

D. Miguel *(alegre)* — Parece-vos?...

Camões — E vós mesmo podereis levar-lhe o requerimento... D'est'arte alcançareis maior segurança para o vosso dinheiro, do que a que vos ficaria com o meu corpo dentro d'estas paredes, onde, em verdade, se não gosa uma grande saude... Quereis levar o pedido?...

D. Miguel *(radioso)* — Do melhor grado!...

Camões — Pois aguardae um pouco! *(Sóbe á mesa, e escreve.)*

Leitão *(a D. Miguel emquanto Camões escreve)* — Severo sois, sr. D. Miguel Coutinho!... Devieis lembrar-vos do estado de penuria do nosso amigo, tão pobre como nós, e, mais do que nós, preso, e acusado indignamente!...

D. Alvaro *(o mesmo)* — E pensar tambem que o dinheiro que vos pediu... tinha um destino alto, e generoso... mas vós não comprehendeis isto!...

D. Miguel *(zangado)* — O que eu comprehendo, e de sobra!... é que me acho desapossado do meu dinheiro, que, até hoje, seguro estava aqui... Emquanto que ámanhã... os meus cem xerafins...

D. Alvaro — Ah!... Já são cem xerafins!... E dizeis-vos fidalgo, vós!... Ah! ah! ah!...

D. Miguel *(furioso, querendo investir)* — Sr. D. Alvaro da Silveira!...

CAMÕES *(descendo com o papel em que escreveu)* — Tem razão, D. Miguel!... E tanto o conheço eu, que me humildo... e peço!... *(dá-lhe o papel)* Vêde vós se está em regra!...

D. MIGUEL *(recebendo o papel)* — Certo estará, vindo da vossa penna!... *(olha-o)* Mas!... que é isto?... Versos?...

LEITÃO *(chegando-se a D. Miguel)* — Versos são?... Melhor!... Mais seguro será o resultado!... Mas lêde!... lêde lá!...

D. MIGUEL *(que tem estado a lêr)* — Mas isto!... Ousaes zombar?... Commigo?...

LEITÃO *(ironico)* — Zombar, dizeis?... Só se os não entendestes!?... *(toma-lhe da mão o papel)* Consenti!... *(Lê:)*

Que diabo ha tão damnado
Que não tema a cutilada
Dos fios seccos da espada
Do fero Miguel armado?...
Pois se tanto um golpe seu
Sôa na infernal cadeia,
Do que o demonio arreceia,
Porque não fugirei eu?...

(Rindo muito) Ah!... ah!... ah!...

D. ALVARO *(rindo)* — Bem jogada, D. Miguel!... Heis de confessar!...

LEITÃO — Cá vae agora o requerimento: *(Lê:)*

Com razão lhe fugiria
Se, contra elle, e contra tudo
Não tivesse um forte escudo
Só em vossa senhoria.

Portanto, senhor, proveja
Pois me tem ao remo atado,
Que, antes de ser embarcado
Eu desembargado seja!...

D. MIGUEL *(fulo de raiva)* — Não no sereis, por vida minha!... Que não se offende sem castigo, o Vedor da Fazenda!... o primeiro empregado d'El-rei, abaixo do Governador!...

CAMÕES *(muito descançado)* — Não quereis então levar o requerimento?... Pois tenho que D. Constantino me abonaria...

D. MIGUEL *(fulo)* — Certo ficae, que não vos abonará!... que não deixarei eu fazer publica, tamanha zombaria...

CAMÕES *(no maior descanço)* — Pois outra fiança que vos dê... não vejo onde a encontreis...

D. MIGUEL *(pensando, zangado)* — Talvez encontre... o vosso escravo?...

CAMÕES *(querendo atirar-se a elle)* — O meu escravo!... oh! cão!... pois tu queres?...

LEITÃO *(detendo Camões)* — Luiz!... que agravas a tua sorte!... Ainda estás preso, Luiz!...

CAMÕES *(serenando)* — Mas este vilão!... Dizeis bem... deixa!... *(a D. Miguel, contendo-se)* Desculpae, sr. D. Miguel... é que eu não me lembrei... logo... que... que Antonio já não era escravo!... Cuidei que o soubesseis... mas... já não é escravo!... Hoje é meu amigo... e pode deixar-me quando quizer... é livre!... *(vendo entrar Antonio)* Mas elle ahi vem!... isto mesmo vos pode dizer... elle proprio...

SCENA VII

Os mesmos. Antonio

Camões *(continuando, para Antonio)* — Não é verdade, Antonio, que és livre?... que pódes deixar-me... quando quizeres?...

Antonio *(assustado)* — Deixar-vos?... a vós, senhor?... Deixar-vos?... eu?... Nada entendo... Eu separar-me de...

Leitão — Sim!... Diziamos nós agora isto ao sr. D. Miguel Coutinho... que te queria para penhor do que teu amo lhe deve... dos 80 xerafins que lhe pediu... sabes?... Mas, como és livre... não pódes ser penhor...

D. Miguel *(querendo subir para a porta)* — Não pódes... e em tal caso... ficará preso... até que...

Antonio — Ah!... mas... esperae, sr. D. Miguel!... esperae... que o meu senhor Luiz de Camões... só vos disse tal... mas foi... para me livrar... entendeis?... porque eu... eu... em verdade... não fui resgatado!... sou escravo!...

Camões *(espantado)* — Que dizes tu?...

Antonio — Eu... digo... a verdade!... Porque... Bem sabeis... creio que vol-o disse... que o dinheiro... todo se consumiu... em pagar dividas antigas... que aqui deixastes ao partir para Macau... E depois... como tudo perdestes... no naufragio... comprei fato... *(a D. Miguel)* Sem receio me podeis levar...

Camões — Ah!... que mentes, Antonio!... tu mentes para me salvar!... Mas espera!... *(corre á mesa)* Espera!... que eu tenho aqui a tua qui-

tação!... a carta d'alforria!... *(procura á pressa os papeis)* De nada te valerá o embuste!... Espera!...

Antonio *(á parte)* — Sim!... Procurae bem!... *(a D. Miguel)* Aquillo é traça de meu amo!... Podeis levar-me, que vos servirei fielmente...

Leitão *(a D. Alvaro)* — Que amigo, Alvaro!

D. Miguel *(desconfiado)* — Pensando bem... já não te aceito... não te quero para penhor... És amigo de mais d'elle... E qualquer dia... fugias-me de casa...

Antonio *(contendo o furor)* — Eu?... Faltar ao meu dever!!... *(baixo a D. Miguel)* Deixae sahir meu amo... senão... mato-vos!...

D. Miguel *(recuando)* — Tu?... Pois atreveste?... Um escravo!...

Antonio *(seguindo-o)*—Pensae... pensae bem!...

Camões — Maldição!... que não encontro o papel!...

D. Miguel *(subindo um pouco)* — Melhor será não procurar mais... já não careceis de prova... *(apparece á porta Francisco Barreto)* se sou eu o proprio a recusar o penhor... Dar-me-eis os cem xerafins, e até lá... deixae-vos estar por aqui... que não quero ser enganado... por dois...

Camões — Ah!... vilão!... *(olhando á roda)* tiraram-me a espada... mas ficam-me ainda os braços com que te vou... *(quer investir com D. Miguel, e estaca, vendo Francisco Barreto)* Ah!...

SCENA VIII

Camões, Lopes Leitão, D. Alvaro, Francisco Barreto

FRANCISCO BARRETO *(descendo e estendendo uma bolsa a D. Miguel que acceita machinalmente)* — Ahi tens o teu dinheiro, Judas Iscariote!... *(D. Miguel faz um gesto)* Ainda sou Governador da India!... Sahi!... *(Faz o gesto de apontar a porta. D. Miguel sáe, recuando. Descendo a Camões)* Para aquelle... a mão cheia de dinheiro!... Para Luiz de Camões, a mão vazia e aberta do amigo leal, e a minha espada, se d'ella careceis!...

CAMÕES *(espantado)* — Francisco Barreto!... Aqui!...

FRANCISCO BARRETO *(digno)* — Sim!... O Governador que vos prendeu, e não vos quiz soltar, para ser a justiça!... Francisco Barreto que agora vem a libertar-vos, e a abraçar-vos, logo que da vossa probidade alcançou inteira segurança!... E da vossa probidade não duvidei nunca! não! Mas ereis accusado, e eu, sendo a justiça, quiz castigar a calumnia, na proporção dos revezes que ella vos fizesse experimentar... *(Voltando-se para Leitão e D. Alvaro)* Que digam os vossos amigos, se, em todo o tempo do meu governo, eu me tenho desviado, pouco que fosse!... do caminho que a mim proprio tracei!?...

LEITÃO — Certo não, senhor!... Ás vezes rigoroso, mas recto sempre!...

CAMÕES — Mas... de segurança... de certeza fallastes?...

Francisco Barreto — Certeza!... Provas seguras para a justiça do castigo!...

Camões — E tendel-as?... seguras?... Já?...

Francisco Barreto — Já!... Antes que viesse resposta de Macau! *(mostrando um papel)* É uma noticia... escripta pelo capitão da nau perdida na costa de Camboja!

Camões — Em que eu vinha?...

Francisco Barreto — A mesma! Traz o nome do capitão...

Camões — João de Brito!...

Francisco Barreto — João de Brito!... Foi o rôlo achado no mar da China em caixa de Flandres, por uns pescadores de Borneu, que o trouxeram a Malaca, e alli a deram a um mercador de pimenta, de partida para aqui...

D. Alvaro *(alegre)* — Ha uma Providencia, Luiz!...

Camões — Acaso foi, amigos!... Ha muito já que Deus não pensa em mim...

Francisco Barreto — Pensará!... Porque, escrevendo estas linhas, não carecia o capitão de em vós fallar... Bastante fôra dar a nova do naufragio... sem entrar em promenores...

Camões — Ah!... Conta?...

Francisco Barreto — Declara o capitão que, estando a pique de dar á costa, escreve estas linhas, sem nenhuma esperança de salvamento. Que prestes são a perder-se todas as vidas, mais o carregamento, no qual vem os espolios dos defunctos, que lhe foram entregues pelo capitão de Macau, assim como o Provedor, Luiz de Camões, debaixo de prisão! Por isto se vê que, antes de embarcar, tudo entregastes com inteireza, á guarda do capi-

tão de mar! *(Estendendo-lhe a mão)* Perdoaes-me?

ANTONIO *(batendo as palmas)* — Ah!... *(Voltam-se todos para Antonio.)*

CAMÕES *(a Barreto, sorrindo)* — Perdoae-lhe o contentamento!... Novas que me alegrem... sente-as como eu...

FRANCISCO BARRETO *(sorrindo)* — Deixae-o folgar!... *(voltando-se para Camões, e mudando de tom)* Vêdes pois, quanto me haverão dito... para que eu vos mandasse voltar a Goa, debaixo de prisão. Se até o proprio vedor da fazenda... a cargo de quem estão as coisas de dinheiro...

CAMÕES — Ah!... O vedor da fazenda? Esse... por alguem foi influido .. aquella mulher...

FRANCISCO BARRETO — Uma mulher?... Dizei-m'o já, que ainda posso castigar!...

CAMÕES — Não!... não devo!... Que Deus lhe perdoe... e lhe dê melhores sentimentos... Mas dizei-me: agora?...

FRANCISCO BARRETO — Agora estaes livre!... Venho do palacio do Governo, onde acabo de pedir ao novo Viço-rei a vossa liberdade. Quiz eu que de mim partisse o desaggravo, se de mim partira a offensa... Era dever, e cuido que o cumprimento d'elle vos merecerá o esquecel-a...

CAMÕES — Jámais tive por offensa... o vosso *injusto mando,* como eu lhe chamei... Porque, embora eu sentisse, a cada instante, grandes revoltas de consciencia hourada, nunca a minha penna vos accusou senão como a:

> ... quem acha que é justo, e que é direito
> Guardar-se a lei do rei severamente.. .

(aponta os papeis da mesa) como alli tenho escripto...

Francisco Barreto *(olhando e voltando-se)* — Alli!... Ah!... tenho um logar no vosso livro!... O meu nome nos *Lusiadas!*... Oh!... não no risqueis! não!... Quero que bem me castigueis... fazendo-me immortal!... Olhae, senhor Luiz de Camões!... o vosso logar já não é aqui!... Já não deve estar na India, quem tem coração portuguez! Porque não sabeis ainda, senhores, que morreu o senhor D. João III!

Todos — El-rei!...

Francisco Barreto — Morreu!... E Portugal lá ficou agora á mercê das tramas, e das ambições dos jesuitas!... D. Sebastião tem hoje tres annos, e ficou regente do reino sua avó, a rainha D. Catherina, a creatura, a escrava cega da companhia de Jesus... e do cardeal D. Henrique, que é!... Inquisidor geral! Se todos elles conspiram para a perdição de Portugal... sabeil-o vós!... Pois mister é partir!... Acudir ao reino que se afunda!... Porque... quem sabe!... quem sabe se em breve mudaremos de dynastia!... Lembrae-vos do que hoje vos digo, senhores!... e attentae bem que o ultimo Viço-rei da India, e o primeiro nomeado depois da morte de D. João III, chama-se D. Constantino de Bragança!...

Lopes Leitão — Commigo contae já!... e com todos, não é verdade?

D. Alvaro — Certo que sim!

Leitão — E tu, Luiz!... Callado ficas?!...

Camões — Não sei, amigos!... Mas... tenho medo!... Não vos espanteis, mas... quando penso no que sou... no que hei sido... e me lembro do que

succede a todos que se me approximam... Lembrem-se! Lembra-te, João!... Na côrte eras meu amigo... e foste desterrado! Jorge da Silva... preso! Antonio de Noronha... o meu companheiro de perigos e miserias na Africa, morto ás lançadas em Ceuta!... Aqui, antes de partir para Macau, no mar da China, no naufragio, Antonio, que eu tive nos braços uma noite inteira... Tu, Alvaro, tu, que vaes ser capitão de Ormuz... o que te succederá, a ti?... Não!... Ha em mim um contagio, amigos!... Um mau olhado!... Uma sorte fatal que vos perderia na empreza!... Não quero!...

Francisco Barreto — Certo gracejaes! Nem n'outro sentido podemos tomar o que dizeis, conhecendo o quilate do vosso claro engenho!... Heis de ajudar-nos, senhor Luiz de Camões! nem vós precisaes que vos digamos do valor em que temos o vosso auxilio... Porque, se nós possuimos as nossas espadas de guerreiros, vós tendes a vossa penna, que fará que os golpes das nossas espadas tenham um som bem alto nos eccos do futuro...

Lopes Leitão — Com elle contae, sr. Francisco Barreto!... Que o que lhe dá todas estas phantasias... é o mesmo amor que tem á sua terra!...

Francisco Barreto — Com todos conto! Mas, antes de partir, mister é pensar tambem n'esta India que se vae perdendo pela nossa cubiça, e pela cubiça, ainda maior dos estrangeiros!... A armada que chegou, deve ir assentar pazes com o Camori. Assim o fiz vêr a D. Constantino. Na sua volta partiremos, e lá tereis os vossos logares, logo que se proceda á *matalotagem*. Vós, sr. Luiz de Camões, emquanto em Goa estiverdes, tendes aposento em minha casa...

CAMÕES — Graças, senhor! Mas offereceu-m'o já Lopes Leitão, e propozera-m'o desde muito, o meu amigo Diogo do Couto, para quando d'aqui sahisse...

FRANCISCO BARRETO — Dizei-vos, pois, infeliz com taes affeições!... Se de mim carecerdes, mais uma encontrareis. E adeus, meus senhores, que me vou a ordenar as coisas para a entrega do governo. *(Sáe, e os tres curvam-se.)*

SCENA IX

Camões, Lopes Leitão, D. Alvaro, Antonio

LOPES LEITÃO *(descendo)* — E bom governo foi! Melhor talvez... se não fôra aquella furia da justiça!... *(Antonio começa a arranjar a cama, etc.)*

D. ALVARO — Por ella commetteu excessos... com a mira na rectidão!... Que o digas tu, Luiz!

CAMÕES — Verdade é... Mas olhae... que nos grandes desesperos que aqui me tomavam contra elle, sempre dentro em mim havia um reparo de animo, que não me deixava odiar aquelle homem!... Não!... porque as estrophes que contra elle escrevi, não tem o fel, a funda indignação de que estão cheias, as outras, de Macau, contra Affonso d'Albuquerque, o terrivel!...

LOPES LEITÃO — Contra Affonso d'Albuquerque?..

CAMÕES — Sim!... Contra o heroe da India, que se manchou com uma acção vil!... que mandou matar um rapaz, um soldado chamado Rui Dias, por andar de amores com uma escrava sua!

D. ALVARO — Que dizes?... Fez isso Albuquerque?...

Camões — Fez!... Por lá ficou a tradição, quando elle foi a Malaca, fundar o nosso commercio com a China, e lá ouvi eu a historia do tragico successo, que tão grande gloria devia escurecer!... *(mudando de tom)* Mas larguemos agora tristezas!... *(voltando-se para Antonio)* Dize cá, Antonio!... Nada nos chegou do reino?...

Antonio — Senhor, não sei. Ficou Luiza Barbara á espera, na casa do despacho, emquanto eu me fui a cumprir os mandados do sr. João Lopes Leitão...

Leitão — E bem fizeste, Antonio!... *(voltando-se para Camões)* Que vaes ter um quarto virado ao mar, a lembrar-te a tua amada gruta de Macau!... Só não avistarás de lá, as taes ilhas de que tanto fallas...

Camões — De Typa... e Lintáu!... Que parece loucura isto, amigos!... mas quantas vezes me vem saudades d'aquella apartada solidão!... Lembra-me Antonio d'Abreu, o *Engenhoso*, tão velho, tão bom, e tão meu amigo!... É lá contador d'El-rei ha bons trinta annos!... Quantas vezes me ajudou elle no meu officio de provedor dos defunctos, para que me sobrasse mais tempo de escrever!... Ás vezes... ia dar commigo á gruta, a ouvir-me lêr os versos d'aquelle dia!... Parece que o vejo ainda, a chorar... quando lhe disse, uma tarde, as estancias de Ignez de Castro!...

D. Alvaro — Não é muito que elle chorasse... eu...

Camões — Tu és um rapaz, e elle um velho!... *(mudando de tom)* Mas lá voltava eu já a antigos cuidados!... *(para Antonio)* Olha, Antonio!... Ajunta-me esses papeis, que só de ti confio... e vê

se me encontras o tal, a quitação, que não quero mais ser victima dos teus embustes, bragante!

Antonio — Confiae de mim... que se ha de encontrar...

Leitão — E vamo-nos a respirar o ar puro, que já me vae fazendo mal este!... Que farás tu, ha tanto tempo sem outro!

Camões — A tudo a gente se acostuma!... Vamos!... *(sobe, e pára vendo entrar Luiza)* Ah!... Luiza!... Que trazes?... dá cá!... *(Luiza dá-lhe uma carta, rolo com fio preto)* Só!

SCENA X

Os mesmos. Luiza Barbara

Luiza — Mais nada havia... *(Vae para junto da meza.)*

Camões *(olhando a carta)* — De Manuel de Portugal... e nada dos meus!... Nem meu pae... nem a velhinha... a minha mãe...

Lopes Leitão — Certo não souberam que sahia armada.

Camões — Não queiras dar-me razões que não sentes!... Elles que não escreveram... é porque se arreceiaram de dar nova má... que não soffria silencio... Quem sabe?... Quem sabe se n'esta virá a nova de desgraça?!...

Leitão — Ideias tens... ás vezes... Abre!... abre lá!...

Camões — Sim... vamos a vêr... *(vae abrir a carta e hesita; renova a tentativa)* Mas... mas o que é isto?... parece que me dá medo... abrir esta carta?...

D. Alvaro — Isso que é, Luiz?... Tremes, tu?...

Camões — Não sei!... *(dá-lhe a carta)* Olha!... ahi a tens!... Lê tu!... lê!...

D. Alvaro — Mas... o que póde agora?...

Camões — Não sei!... mas... Lê tu, João! Lê!...

Lopes Leitão *(lendo)* — Amigo: Não quizera escrever-te... nunca... o devera fazer...

Camões *(interrompendo)* — Não quizera!... Diz elle? .. Prosegue!...

Lopes Leitão *(lendo)* — Nunca o devera fazer... mas peior fôra o silencio... *(vae demorando a leitura)* e, como amigo... traição...

Camões *(espantado)* — O que?... que diz elle?... *(arranca-lhe a carta)* dá cá!... *(olhando a carta)* pois... póde lá ser!... *(lê)* Coragem! *(olha para os dois estupidamente)* Coragem?... *(lê)* Morreu... a tua... Ah!... *(larga a carta que Leitão apanha)* Não ha Deus!... *(recua)* Não ha! Deus... é mentira! *(cáe no escabello, entre os braços de Luiza e Antonio, mas salta logo para a frente)* A carta!... Quero-a!... Quero a carta! Se é para mim um prazer infernal o sentir-me morrer de dôr!... Dá cá!...

Leitão *(sem lh'a dar)* — Luiz!...

Camões *(meio desvairado)* — O que?... que queres?... Morreu Catherina!... Catherina d'Athayde! Bem sei!... Bem vi!... n'essa carta!... Mas quero vêr outra vez!... dez! cem vezes!... Quero vêr bem como se morre, e até onde eu posso morrer!... Quero!... Não! não quero!... já sei o que ahi está!... Já sei!... Morreu com 23 annos!... Mataram-na os paes!... os orgulhosos!... mataram-na os odios! as ambições! o fanatismo! mataram-na!

Leitão — Amigo...

Camões *(perdido)* — Calla-te!... Callem-se!...

Morreu Catherina!... a minha amante!... a minha mulher!... Disse-o ella!... deante do Rei! *(subindo, para os dois Luiza e Antonio)* Sabem?... Disse-o ella, e morreu!... Está morta!... E eu?... eu vivo!... vivo ainda!... Já é ser desgraçado!... *(Cáe no escabello, com os cotovellos sobre a meza, e os punhos fincados nos olhos, ficando a soluçar. Luiza e Antonio ficam junto d'elle.)*

LEITÃO *(quer acudir a Camões)* — Infeliz!...

LUIZA *(detendo-o com o gesto)* — Deixae-o chorar!...

LEITÃO *(parando, e logo voltando)* — Que desventurado amor!... *(olhando a carta)* É mais que certo... Ah!...

D. ALVARO *(aproximando-se)* — O que é, João?..

LEITÃO *(olhando a carta)* — Ah! que se elle soubesse!... o resto!...

D. ALVARO — Pois mais ainda haverá?...

LEITÃO *(o mesmo)* — Se ha?!... e a este golpe não resistiria elle, não! *(mostrando)* Um epitaphio de Pedro d'Andrade Caminha!...

D. ALVARO — Sempre o disse, eu!... Eram ciumes... tantos odios... a Luiz!...

LEITÃO *(lê, um pouco apressado:)*

Aqui jaz escondida aquella dama
Formosissima e cára Catherina:
Que no mundo terá gloriosa fama
De cuja vista a terra foi indina.
Aqui chorou o Amor e d'aqui chama
Que n'esta pedra toda de honra dina,
Cantem immortaes versos e louvores,
A formosura, as Graças e os Amores...

D. ALVARO *(com gesto de tedio)* — Que miseria

d'inspiração!... *(Voltam-se os dois e ficam á espera.)*

(Em quanto se lê o fim do epitaphio, Camões ergue-se do escabello, absorto n'uma especie d'extasi, e, logo que Leitão termina a leitura, recita, vindo pouco a pouco para o meio dos dois:)

CAMÕES *(recitando)*

Alma minha gentil que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no céo eternamente,
E viva eu cá na terra, sempre triste!...

Se lá no assento ethereo onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amôr ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste!...

E se vires que póde merecer-te
Alguma coisa, a dôr que me ficou
Da magua, sem remedio, de perder-te:

Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a vêr-te,
Quão cedo de meus olhos te levou!...

(Cáe no hombro de Leitão, dando a mão a D. Alvaro. Em começando o soneto, principia o panno a descer por fórma que esteja na altura das cabeças dos tres, quando Camões acaba de recitar, continuando depois a descer até abaixo. Luiza chora junto da meza.)

ACTO IV

PERSONAGENS DO 4.º ACTO

(ÉPOCA 1571)

Camões (48 annos)	Pedro d'Andrade Caminha (52)
D. Manoel de Portugal (48)	Um medico
Antonio (43)	D. Anna de Sá de Macedo (80)

D. Francisca d'Aragão (40)

ACTO IV

(1571)

Em Lisboa. Casa de Camões, á Mouraria, contigua á capella da Senhora da Saude (então collegio dos meninos orphãos). Salla pobrissima. Duas portas á esquerda, uma (primeiro plano) do quarto d'Antonio: a outra para o interior. Á direita (primeiro plano) mesa, com duas pastas, e papeis. Ao fundo, direita, porta d'entrada. Ao meio do fundo, janella, e, á direita d'ella, dependuradas d'um prego, uma espada e por cima d'ella uma capa. Á esquerda, junto da porta d'Antonio, um escabello, um cesto de costura, uma dobadoira ao pé, etc.

SCENA I

D. Anna de Sá, depois Camões

(D. Anna está sentada no escabello, a remendar um gibão velho do filho, e a conversar com Antonio.)

D. Anna *(fallando para a porta da direita, primeiro plano)* — Ainda não, Antonio, ainda não! Mas penso que breve chegará, que o não deixarão por lá muito tempo, os cuidados que traz na tua saude!... *(escuta, e depois responde)* E então?... Mais não faz do que pagar... quanto por elle has feito!... *(escuta, responde)* Deixa lá... que has de melhorar!... Mas, acertado será não fallar tanto!... fraco estás, e, se mais fraco ficas, certo não lograrás erguer-te, como tanto queres!... Socega!... *(para o publico)* Pobresinho! Não alcançará curar-se, se assim continua, n'aquellas impaciencias, e cuidados no amo!... Tambem, o meu Luiz bem lh'as paga!... paga!... Como a ir-

mão lhe quer, e eu... eu, ao cabo, nem ciumes tenho d'aquella affeição... antes com ella me deleito!... São dois filhos que tenho agora!... eu, que, nem com um contava já!... Ah!... elle ahi vem!... *(Quer erguer-se, mas detem-se a um gesto de Camões.)*

CAMÕES *(entrando, e indo á mãe)* — Deus vos salve, minha mãe! *(beija-a na testa)* E Antonio?

D. ANNA *(encolhendo os hombros)* — Antonio... na mesma... ou mais fraco talvez... Cança, quando falla... e, depois, a sua lida continua... de pensar que já não póde ajudar-te...

CAMÕES *(scismando)* — Com as suas lições da lingua oriental... Dizei-me vós, minha mãe: Antonio nunca vos disse o nome da pessoa, que com elle aprende?...

D. ANNA *(enleiada)* — Não... nunca... nunca m'o disse... parece que... a tal pessoa... não quer que alguem o saiba... e d'ahi vem... a reserva de Antonio...

CAMÕES *(debaixo da impressão d'uma ideia)* — D'outra cousa suspeito, mãe!... Não requer o caso tanta reserva... e já tenho pensado que Antonio, para nos ajudar no amanho da vida... em mister mais rude se empregará!... Entra, ás vezes, em casa todo cançado!... parece que de andar muito... Não!... o estado de fraqueza em que agora está, não podia elle ganhal-o, em ensinar a qualquer, a lingua da sua terra!... Quem sabe se os quatro ou cinco patacões que, cada dia nos traz, os ganhará elle no vil e pesado officio de mariola... ou outro de igual trafêgo?...

D. ANNA *(afflicta)* — Não, filho!... Em tal não penses!... Parece que alguem ha, que... desejan-

do embarcar-se para a India, primeiro quer tomar conhecimento dos costumes, e linguagem de lá...

CAMÕES — Mas... aquella canceira que o deitou na cama?... que para alli o tem prostrado... em termos de nem poder fallar?... Não!... não creio... e vou-me a perguntar-lho! *(Vae para o quarto.)*

D. ANNA — Vê lá, Luiz!... que lhe vaes fazer peior!...

CAMÕES *(entrando)* — Terei cuidado, deixae... *(Entra.)*

SCENA II

D. Anna de Sá, depois Camões

D. ANNA *(só)* — Pobre Luiz!... Anda-te o coração a bacorejar a verdade, mas não na saberás, não!... que fôra magoal-os a ambos, sem melhoras de sorte!... Pobre filho!... Que feridos ficariam os teus orgulhos de poeta, se soubesses que o teu Jáu anda por essas ruas... pedindo para o teu sustento!... Mas não no saberás, não!... Nem tão pouco o has-de descobrir, que andas tomado de mais d'esses teus sonhos de gloria!... Se elle nem pensa d'onde lhe virá o sustento... sempre a scismar no nome... na fama, que á patria quer dar!...

CAMÕES *(voltando do quarto d'Antonio)* — Dorme... e em tão inquieto somno!... Mas, ha tanto já que o não faz, que me faltou o animo de o acordar... Contae porém minha mãe... que o hei-de saber!... *(a mãe encolhe os hombros)* Não me engana assim!... Vereis!... *(indo para a mesa)* E agora vou-me a acabar de dispôr o meu livro, para o caso de se alcançar a licença...

D. Anna—Mais alguma esperança tens, Luiz?... Eu... por mim... fio que a deves ter!... O senhor Rei D. Sebastião, dizem que é amante das lettras e D. Manuel de Portugal, e Diogo do Couto teus amigos leaes...

Camões *(sentando-se na cadeira junto da mesa)* — Esses são, são!.. Mas por essas duas amisades, quantos odios e malquerenças, não tenho eu por lá?...

D. Anna — Talvez não!... Quem sabe se alguns dos velhos odios estarão hoje mais desvanecidos!... De Pero d'Andrade Caminha sei eu...

Camões *(voltando-se surprehendido)* — De Caminha, dizeis?... d'elle?...

D. Anna — A D. Manuel de Portugal ouvi, ha dias, que Caminha se virára em teu favôr... que até lhe dissera haver tambem pedido a El-rei, licença para que possas imprimir o teu livro...

Camões — Caminha?... E D. Manuel em tal acreditou!... Pero Caminha deixar de ser meu inimigo?... elle, que agora se tornou um dos primeiros da côrte?... Emfim... lá tenho Pedro d'Alcáçova Carneiro, que mais do que todos vale, e que me pareceu por mim, da ultima vez que lá fui... Veremos!... *(começa a ordenar os papeis)* Veremos!... que é quanto ha tantos annos respondo, a cada novo golpe d'este meu fado!.. Veremos!... *(voltando-se para a mãe)* Veremos o que dirá... a sorte. A sorte que, depois de tantos infortunios, lá por fóra experimentados, deixou que a náu Santa Clara me trouxesse a salvamento, só para que outros viessem... maiores... aqui... na minha terra!...

D. Anna — Razão tens, filho; que nem teu pae lograste abraçar, depois de tantos annos d'apar-

tamento!... Se o visses!... Como elle morreu... o coitado!... a clamar por ti, nas ancias d'essa terrivel peste... que não me quiz a mim... velha, e pobre...

CAMÕES *(com gesto de censura)* — Então, minha mãe!...

D. ANNA — Perdôa, filho... mas é que não sabes como eu para ahi fiquei... triste e desamparada!.. Alli... ao canto da janella... a ver passar os caixões dos que morriam.. E passavam os caixões... a correr... um e outro... e mais outro... sem nunca se acabarem... nunca!... Por fim já não eram caixões!... Levavam-se os mortos nos lençoes... e os forçados das galés foram perdoados, para andarem n'aquelle officio de levar os corpos para esses monteiros, e olivaes!... até no campo da Fôrca se enterravam já... e contou frei João da Silva, n'um sermão, em S. Domingos, que se deitavam nas covas aos 50 e 60 corpos... chegando a mais de setenta mil... os pobres que morreram!... E eu alli... alli estava sosinha...

CAMÕES — Pobre mãe!...

D. ANNA — E bem pobre!... porque era mãe d'um filho que andava longe... e na mesma desgraça em que eu ficára!... Passado tempo... alguma esperança tive... com aquella idéa do ceu! quando por tua intenção me lembrei de ir na procissão de Nossa Senhora da Saude... E tive razão... ella ouviu-me!...

CAMÕES *(erguendo-se e indo á mãe)* — Quando lá vos vi, minha mãe!... quando... depois de tanto procurar... fui dar comvosco... na rua... n'essa idade... descalça, atraz do andor!...

D. ANNA — Era mãe, e não sabia de ti...

Camões — Eras! por isso te ouviu a Mãe do Ceu!... por isso te encontrei!... *(beija-a e volta para a meza)* Não sou ainda tão infeliz... que não tenha mãe!... *(alto)* Mas deixemos coisas que já la vão, e aguardemos as novas coisas!... Mister hei de ordenar estes papeis... que em tanta confusão se acham... Estes versos do Parnaso... com as estancias dos *Lusiadas*... *(voltando-se para a mãe)* Porque não sabe, minha mãe... que o seu filho póde publicar dois livros?...

D. Anna — Sim... disseste-mo já... e Deus te ajude... mais a patria, já que tanto para ella trabalhas!... que tão aturado não devêra ser esse teu trabalho, não!... porque te matas e bem devias pensar que não trouxeste d'aquellas terras, saude para tantas fadigas... mas nunca me queres ouvir...

Camões — Deixae, deixae!... que das fadigas e trabalhos me darei por bem pago; *(ergue-se)* se chego a vêr o meu livro nas mãos do povo, a vingar-me do esquecimento d'esta minha terra, que tão madrasta me ha sido em premios... e affeições...

D. Anna — Em amores... queres tu dizer!... Certo que já hoje foste á romagem do costume?... Ao jazigo da tua amada Catherina?...

Camões — Minha mãe...

D. Anna — Pois ahi tens o meu cuidado, filho!... Tão longe fica... e todos os dias... Doente vieste da India... e nem um instante pensas se te faltará a saude, que tão desprezada trazes!

Camões — Cuidarei d'ella... descançae... Depois... depois... Agora não posso, que trago o animo sobresaltado das esperanças que ainda me dão

os poucos amigos que me ficaram... Depois... *(vae para a meza)* Primeiro isto!... Aqui os *Lusiadas!... (começa a pôr os papeis n'uma das pastas, outros n'outra)* Aqui o *Parnaso!...* Hei de pedir conselho a Diogo do Couto, sobre a ordem a dar... n'estas odes, e elegias soltas... *(pegando n'um papel)* Cá estão aquellas estancias, em que eu figuro o Adamastòr no seu Promontorio das Tormentas, a dizer a sua prophecia do naufragio de Manuel de Sousa Sepulveda...

D. Anna — Penso que já mas lêste... Era casado com uma formosa senhora...

Camões — D. Leonor de Sá!... Metteram-se pelo sertão, e lá morreram de fóme... mais os filhos; abraçados uns aos outros... *(lê:)*

Alli, depois que as pedras abrandaram
Com lagrimas de dôr, de magua pura
Abraçados, as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão!...

Em todas as boccas andava o caso triste, quando desembarquei em Gôa... em Gôa!...

N'aquella desejada e longa terra
De todo o pobre honrado sepultura!...

D. Anna — Tristes casos se tem passado por essas affastadas terras!...

Camões — E por aquelles apartados mares, minha mãe!... Por aquelle mar tenebroso que, emquanto por aqui se anda a apregoar as nossas conquistas, lá está, sósinho... a conversar comsigo... irado e procelloso... e sempre a pedir uma vida, por cada sacco de pimenta que deixa che-

gar ao reino!... Por isso cresce a herva na Rua Nova, e estão desertos os lagos, e as praças!... e não fez isto só a peste, não!... Foi o mar!... a ambição!... as conquistas!... quarenta e cinco naus que se tem perdido com gente e carregamento!... Oito mil homens que, cada anno, são mandados para a India... para jámais voltarem...

D. Anna — E Portugal mais pobre sempre!...

Camões — Mais!... porque em chegando essas riquezas que ainda vem do Oriente, para logo são desbaratadas por esses fanaticos, que ahi andam tomados do terror que os padres espalharam com as suas atraiçoadas predições!... Pela peste annunciaram a destruição da cidade, e deixaram em todos os animos... o phantastico terror d'um desconhecido perigo... onde viria a morte da Nação! Assim, esses perdidos tudo desbarataram em loucuras, e torpezas... para gozarem a vida... na incerteza em que andam da morte!... Perdido vejo Portugal, minha mãe!... Perdido!... porque se entregou aos padres que o desvairam com as visões incendiadas da Inquisição, e porque se vê abandonado do seu Rei!... d'esse rapaz doido, que não quer dirigir o seu povo, para que lhe sobre tempo de caçar, e conversar, em Almeirim, com o jesuita Simão Gomes!...

D. Anna — Que certo foi quem o aconselhou... á diminuição do dinheiro...

Camões — Novo mal a accrescentar aos outros!... Foi o acabamento da obra!... Loucos!... que não viram chegar os inglezes com o cobre escondido, e levar d'ahi quanto oiro havia!... Vazio ficou tudo!... os cofres, e a terra!... Abandonou-se Arzilla á mingua de soldados... abandonaram-se os

campos á mingua de braços!... Oh!... que para isto vêr, antes eu cá não voltasse!... Antes!...

D. ANNA *(reprehensiva)* — E eu filho?... O que seria de mim?...

CAMÕES — Perdoae, mãe!... excessos de magua!... Mas que quereis? chego a ter inveja á sorte dos amigos, que por lá tive... e por lá ficaram!... Alvaro da Silveira... morto no combate de Baharem, quando já era capitão d'Ormuz!... Lopes Leitão... levado por uma onda, n'um temporal!... Tello de Menezes... n'uma briga, em Cochim!... Heitor da Silveira, o bravo Heitor da Silveira, que parece que já adivinhava isto, e se deixou morrer ahi, á vista d'esta malfadada terra... Até a triste Luiza Barbara...

D. ANNA — A captiva de quem ás vezes fallas?...

CAMÕES — Aquella desterrada do amor!... Que por amor sem esperança... veio morrer em Moçambique!...

D. ANNA — A ultima terra em que estiveste... ao que te ouvi...

CAMÕES — Sim... n'aquella

> .... dura Moçambique
> Cheia de falsidade e má vileza!

Ah!... Pedro Barreto, Pedro Barreto!... Que has de ter o teu castigo, aqui!... *(Bate com a mão n'uma das pastas.)*

D. ANNA — Tambem esse te fez soffrer...

CAMÕES — Esse era falso, e invejoso!... Affrontou-me, prendeu-me por duzentos cruzados... porque eu cantei nos meus versos, a Leoniz Pereira,

o heroe de Malaca!... *(pausa)* E como não deixou que Luiza Barbara entrasse á prisão, a pobre captiva morreu de dôr... e eu... eu estive para morrer de fome!... D'amigos vivi, minha mãe!... eu!.. o vosso filho!...

D. Anna — Tanto por lá passaste... e nada, ou tão pouco me has contado!...

Camões — Não, minha mãe!... Nada, por emquanto, quero que saibaes da minha atormentada vida!... Depois... heis de sabel-a... quando a grande magua de vêrdes quanto passei... se vos minorar com o prazer da leitura no meu livro já impresso!... Depois, em vendo a descripção de varias terras, e varias gentes, logo vos contarei o que em cada uma me succedeu, e logo sabereis tambem que tendes de contar as terras, pelos casos tristes do vosso filho!... *(erguendo-se de repente)* Ah! Antonio!... *(vae para o quarto da esquerda)* Se o acordariamos nós!

SCENA III

D. Anna de Sá, depois Camões; depois D. Manoel de Portugal

D. Anna *(só)* — Coitado!... Depois de tanto que em tão longes terras soffreste... ainda te faltava a doença do pobre Antonio!... Doença mais do espirito... que do corpo... que nem tu sabes o que lhe deves, Luiz!... *(ao publico)* Porque aquella affeição d'Antonio, não está só em deixar por elle a terra em que nasceu... Não está!... Antonio, um dia, para que nunca o tomasse a má ideia de deixar Luiz, por suas proprias mãos queimou o pa-

pel em que tinha a sua liberdade!... Como eu chorei ouvindo-lhe contar isto!... E a simpleza com que elle m'o contava... como se aquella sua grande acção... fosse a mais natural e facil!... pobresinho!... Em que transes estará elle agora, sem forças para se erguer... e sabendo que não ha em casa...

CAMÕES *(entrando apressado)* — Minha mãe!... Antonio está peior!... Tem frios os pés e as mãos, e é isto um triste signal, minha mãe!... É mister aquecer-lh'os... já!... Com agua!... Agua a ferver! Tende paciencia!... velhinha e fraca sois, mas é preciso aquecer agua!... Já!... Eu vou-me a procurar um physico, que o venha vêr!...

D. ANNA *(erguendo-se)* — Sim... sim... é preciso... *(Fica a preparar-se, hesitando.)*

CAMÕES — E rapido!... bem quente!... Mas vamos!... ides aquecer-lhe a agua... ides?... sim?...

D. ANNA *(afflicta)* — Sim, filho, sim!... mas... porém...

CAMÕES — Mas, que?... Não ha agua?...

D. ANNA — Agua... sim... mas... carvão...

CAMÕES *(apalpa-se)* — Não ha?... vou eu por elle... já...

D. ANNA — Quatro maravedis... basta...

CAMÕES *(depois de vêr que nada tem, desanimado)* — Ah!... Quatro maravedis!... Não ha quatro maravedis para carvão!... *(rompendo)* E morre, o meu Jau!... o meu amigo... o melhor, o ultimo de todos!... porque Luiz de Camões não tem quatro maravedis para carvão!... Ao que se póde chegar!... *(vendo entrar D. Manoel de Portugal)* Ah!... Manoel de Portugal!... *(vae para elle, e hesita)* Não!... não!... *(revoltando-se comsigo mes-*

mo) Não... porque?... Eu já não posso ter orgulhos!... *(estendendo a mão)* Dá-me quatro maravedis para carvão!... *(Fica a soluçar com a mão estendida.)*

SCENA IV

Os mesmos. D. Manoel de Portugal

D. Manoel *(rapido)* — Que tens tu, Luiz!... tudo que possuo é teu!... Toma!... *(dá-lhe a bolsa. Camões faz gesto de recusar)* Emprestado!...

Camões *(aceita e dá a bolsa á mãe)* — Graças, Manuel!... Algum dia t'o pagarei... *(para a mãe)* Ahi tendes, minha mãe! *(D. Anna recebe a bolsa e sae á esquerda, fundo.)*

SCENA V

D. Manoel, Camões

D. Manoel — Pouco é... dois cruzados!... Sabes bem que de cabedaes não ando eu muito abonado... agora que a pobreza... tanto vae entrando no reino... se ao menos eu fosse mercador...

Camões — És poeta, como eu!... Mas algum dia chegará!... que a patria não póde esquecer-se sempre!... Vou-me á cata do physico!...

D. Manoel — Do physico?... para quem?... Antonio não está melhor?...

Camões — Não está! Vão-lhe esfriando os pés, entendes?... e eu... não tinha com que aquecer agua!... Nem um pouco de lume se póde já fazer n'esta casa!...

D. Manoel — Vae meu amigo, e esperança! que não serão baldadas as nossas diligencias!...

Camões *(surprezo)*— Sim?... Diogo do Couto?...

D. Manoel — Diogo do Couto... e... maravilhar-te vaes!... e Pero Caminha!

Camões — Disse-m'o já minha mãe... mas... acreditas tu?...

D. Manoel — Não sei!... depois... veremos!... Foi Diogo do Couto quem me disse... ha pouco...

Camões *(alegre)* — Está cá?

D. Manoel — Está. De Almeirim veio esta manhã... e com feliz nova!... E agora que te dei forças para a caminhada, vae-te em busca do physico, que eu me ficarei a velar o teu Antonio... Vae!... Olha!... procura Martim Zarco!... é o mais chegado!... largo d'Alfama!

Camões— Em sahindo aqui da Mouraria... sei!... logo á esquerda!... *(Sáe apressado.)*

SCENA VI

D. Manoel de Portugal, depois D. Anna de Sá

D. Manoel *(só)* — E ahi vae esse homem... o primeiro poeta das Hespanhas, pedir a esmola d'uma receita para o seu escravo!... E á India foi!... Á India, d'onde todos se voltam ricos, e d'onde elle se voltou, ao cabo de dezeseis annos de trabalhos, e revezes, trazendo, por todo cabedal, um livro... um escripto que ninguem lê... nem quer!... Que passado vae já um anno, sem que elle alcance uma licença, porque trabalha sem descanço!... E El-rei anda em caçadas e saráus... o povo chora de dôr e miseria... Portugal definha-

se... e morre... e não pensa ninguem... ninguem pensa!... que ao afundar-se esta terra no oceano immenso em que desapparecem os povos, só ha de sobrenadar nas revoltas aguas, um livro que lhe atteste os feitos, e lhe assegure a nacionalidade que quer perder!... Vae, desgraçado! vae! e lucta, e soffre, e morre!... que a posteridade te vingará!... *(quer ir ao quarto d'Antonio, e detem-se, vendo sahir D. Anna)* Então?...

D. ANNA — Pedi ao filho do gravador que alli temos defronte... que me trouxesse o carvão... e já deixei a agua ao lume... Pareceu-me agora mais descançado... Probresinho!... Nunca se queixa!... E Luiz?...

D. MANOEL — Foi-se a procurar um physico... e oxalá, que o encontre... tão raros são... agora...

D. ANNA *(indo para o escabello)* — Se são!... que a peste a ninguem poupou!... Se até os mandaram vir de fóra... tantos dos nossos haviam já morrido no seu officio...

D. MANOEL — E dos proprios estrangeiros?... Quantos não ficaram por cá?...

D. ANNA — Certo que sim!... Contava-se que muitas vezes succedeu entrarem a ver os enfermos d'uma casa... e de lá serem levados, com toda a familia... morta!... *(começa a coser o gibão)* Castigo foi do Ceu, pela quebra da moeda, mandada ordenar pelo senhor rei D. Sebastião...

D. MANOEL — Em tal não penseis, senhora!.. antes culpae os jesuitas, que tudo fizeram, com os conselhos que deram a El-rei...

D. ANNA — Bem no dizia eu... ainda agora... a Luiz! que foram elles!... Por isso levaram o rei para Almeirim, onde não ouvisse as queixas, e as

supplicas do seu povo!... Que andavam por ahi todos tão afflictos, e assombrados, que até a camara e a misericordia da cidade tiveram de mandar dar conta a El-rei do reboliço que por cá ia... e bem sabeis, sr. D. Manoel, o que lhe respondeu El-rei!...

D. MANOEL — Ou os jesuitas, pela sua bôcca... Que sem remissão se cumprisse o que mandado havia...

D. ANNA — E assim se cumpriu... cumpriu!... Mas houve por ahi desesperados que, com sentirem o perdimento do dinheiro, perdiam as vidas enforcando-se... e os mais andavam pasmados!... E logo veio a grande força da peste... d'esta que chamaram *grande*, por ser maior do que a outra... ha hoje quarenta annos... que até o senhor D. João III, mais a côrte... fugiram para Coimbra!... Atraz d'elle nós fomos tambem... e lá gastou meu marido Simão Vaz os seus haveres, para acudir ás faltas d'El-rei... Tinha n'esse tempo o meu Luiz oito annos d'idade!... Ah!... o que eu fui!... e o que hoje sou!... Mas aqui estou eu a aborrecer-vos com estas memorias de mulher velha... e vós a ouvir-me... por delicadeza de cavalleiro que sois...

D. MANOEL — Ao contrario, senhora minha: antes me deleitam as vossas lembranças, ao ver como n'ellas andam sempre os pensamentos amoraveis do vosso esposo e filho...

D. ANNA — D'ellas só vivo ainda... e com ellas morrerei contente!... Quando o meu filho fôr grande na memoria do povo, ninguem, por certo, falla na mãe de Luiz de Camões, como hoje se não falla na mãe de Homero, ou de Virgilio... Oh!... mas n'esse tempo estarei eu com as outras mães, em

melhor mundo, e juntas choraremos d'alegria, quando virmos como, cá por baixo, o povo tece capellas, e levanta estatuas áquelles a quem nós, felizes mães!... demos um dia a existencia!...

D. MANOEL *(á parte)* — E' certo!... Felizes as mães que teem por historia, a historia dos seus filhos!...

D. ANNA *(erguendo-se)* — Ah!... Mas dae-me licença, sr. D. Manoel: vou-me a ver se já ferverá a agua! *(vae para a esquerda)* Se Antonio chamar, ou gemer, clamae por mim, que logo acudirei. *(Sáe.)*

D. MANOEL — Confiae, que ficarei vigiando...

SCENA VII

D. Manoel de Portugal, depois D. Francisca d'Aragão

D. MANOEL *(só)* — Ah!... Que é deveras para espanto, o pensar como em tão apertado recinto, cabem tão grandes corações! *(Batem á porta da direita)* Batem!... *(indo para abrir)* Quem virá?... certamente Diogo do Couto... *(abre e recua)* A senhora D. Francisca d'Aragão!?...

D. FRANCISCA *(á porta, hesitando)* — Ah!...

D. MANOEL — Parece que vos fiz medo, senhora minha?...

D. FRANCISCA *(descendo)* — Não fizestes, sr. D. Manoel... mas... sobresalto... por aqui vos encontrar... surpreza...

D. MANOEL — Maravilhado fico eu... mas da vossa surpreza! Sabeis que, desde muitos annos, sou amigo de Luiz de Camões... e, sabendo-o doente

e pobre, mais motivo devo ter para lhe procurar a casa...

D. Francisca — Nem capaz d'outro proceder vos achei nunca.

D. Manoel — Deixae pois a vossa surpreza... para mim!... A sr.ª D. Francisca d'Aragão... a valida da senhora rainha D. Catherina, em casa do poeta... pobre e esquecido?...

D. Francisca — Pobre será... mas esquecido...

D. Manoel *(tomando calor)* — Esquecido, senhora! e, por esquecido, pobre!... Porque tenho que deve sempre fugir a pobreza, em chegando a gratidão dos reis! Pois não chegou ainda, a gratidão!... e, emquanto não chega... olhae para isto!... *(mostra o quarto em roda)* E alli dentro um desgraçado, para o qual Luiz de Camões foi rogar os soccorros da sciencia, a quem lh'os quizer dar, de graça!... Já podeis contar isto na côrte d'El-rei!... D'esse rei... que um dia lhe ouviu o primeiro canto do seu grande poema, e o despediu no começo do segundo, porque o seu caçador lhe veio dizer que haviam chegado d'Inglaterra dois falcões de raça nova!...

D. Francisca — D. Manoel!...

D. Manoel *(com força)* — Contae lá o caso, contae!... Certo estou de que a historia d'estas lastimas, bom azo dará a alguma jogralidade dos bobos do Paço!... Do D. Briando!... que, emquanto Camões, aqui, tem fome... lá vae entretendo a côrte e rindo d'ella... com a cruz de S. Thiago ao pescoço!...

D. Francisca — D. Manoel... basta...

D. Manoel — Ah!... sabeis bastante?... senão, para acabar o quadro, podia-vos ainda amostrar

o escravo... que está á morte... alli... Se quereis?... para o conhecer?...

D. Francisca — Injusto sois, D. Manoel!... Conheço o escravo, e por elle vim...

D. Manoel — Ah!... Por elle?...

D. Francisca — Tenho de vos dizer tudo... Pois ouvi... ha oito dias... quando me partia para Almeirim, de fazer visita a minha tia D. Joanna... vi, na Ribeira, o escravo de Camões... pedindo esmola!... A mim propria... a pediu...

D. Manoel *(admirado)* — Antonio?...

D. Francisca — Antonio, sim!... E eu nada levava que lhe désse!... e assim lh'o disse... mas logo lhe vi tamanha afflicção no rosto... que tirei um dos meus anneis, e quiz dar-lh'o!... Mas Antonio andava já longe, a pedir... a pedir sempre... a um, e a outro, com o açodamento de quem tem pressa de alcançar o pão que falta em casa...

D. Manoel — Pobre Antonio!...

D. Francisca — E aquelle pão era para Camões!... E eu... eu sou sobrinha de Francisco Barreto, e prima de Pedro Barreto!... os dois que, na India, mais o affrontaram... bem sabeis!... Supponde pois como me parti... e como por lá andei emquanto não pude voltar!... Agora que chego, mal sahi no caes, enxerguei Luiz de Camões que sahia d'uma porta, e rapido se partia para os lados de Santa Clara. Segura, então, de o não encontrar, vim logo...

D. Manoel — Segura?... Pois não quereis... encontral-o?... porquê?...

D. Francisca—Porquê?... Certo que não consentirão os brios do poeta, na dedicação do escravo!... Camões não póde saber do que Antonio por elle

faz, nem serei eu que lh'o diga! E depois... de mim... jámais aceitaria elle... confiada vinha em poder fallar com Antonio...

D. Manoel — Perdoae, senhora, as más palavras que ha pouco vos disse! Sois sempre a boa D. Francisca d'Aragão, dos serões da infanta D. Maria! *(toma-lhe a mão e beija-a)* A generosa e discreta confidente de D. Catherina d'Athayde!... Perdoae!...

D. Francisca — É que nunca bem me entendestes, D. Manoel! Nem a todos perde aquelle ar do Paço; deveil-o saber por vós que, depois de dezesete annos, aqui estaes ainda em casa do vosso amigo, pobre, e desamparado como nunca!...

D. Manoel — E invejado sempre, até na desgraça, que tem isto comsigo o talento!... Mas havemos de alevantal-o, nós! Nós todos que conhecemos o bom quilate do oiro d'aquella grande alma!... Prometteu-me já El-rei a licença para se publicar o seu poema... e, em querendo El-rei, facil correrá a censura...

D. Francisca — Passado um anno de baldados exforços!... E d'aqui até que appareça o livro, quanto tempo ainda, de ancias, e de desalentos!... Tomae, D. Manoel! *(dá-lhe uma bolça)* Fazei tudo por vossa conta... e não lhe falleis em mim... Tomae!... De vós, que sois amigo leal, não se pejará elle de aceitar...

D. Manoel *(tomando a bolça e prendendo-lhe a mão)* — Deixae-me outra vez beijar a mão do Evangelho!... a que faz o bem e logo se esconde, porque o não saiba a outra!... *(beija-lha e larga-lha)* E poderam acabar os nossos amores?... Tão boa para os mais... e tão cruel para mi!

D. Francisca *(descuidando-se)* — Não fui eu... que...

D. Manoel *(atalhando)* — Tal não digaes, por Deus!... Que não deixei eu um instante de vos querer... e, mal de mi!... que vos quero ainda!

D. Francisca *(voltando a si)* — Passados tantos annos!... Ah! ah! ah!... Pouco azado é o logar para galanteios, D. Manoel!... Guardae-os para o Paço, onde elles se ouvem... para matar o tempo...

D. Manoel *(furioso)* — E corromper o coração!... Que de ouvir fallar d'amores, e rir com elles, vós, damas da côrte, mais corrompidas sois... do que as mulheres...

D. Francisca *(revoltada)* — D. Manoel!...

D. Manoel *(ironico)* — Perdoae, senhora minha!... como não estava no Paço já me ia esquecendo a dizer o que sentia... Perdoae!... Isto... estas franquezas são effeitos da honestidade que a gente respira n'esta casa...

SCENA VIII

Os mesmos. D. Anna de Sá

D. Anna *(entrando da esquerda com uma chaleira antiga, na mão)* — Ainda vem a ferver!... *(vendo D. Francisca)* Ah!...

D. Manoel *(apresentando)* — Sr.ª D. Anna de Sá! Esta senhora, dama d'honor da Rainha D. Catherina, é a sr.ª D. Francisca d'Aragão!

D. Anna *(assumindo logo ares fidalgos, sem largar a chaleira)* — Conheci vossa mãe na côrte do senhor Rei D. Manoel, e mais de perto a tratei

depois, em Coimbra, na do senhor D. João III! Da vossa idade vejo que, n'esta ultima, havereis conhecido meu filho?...

D. Francisca — Senhora, sim!... Em Cintra o ouvi discretear nos serões da senhora Infanta D. Maria, quando elle era o galanteador e poeta da moda...

D. Anna — E ainda se lembram d'isso?... Vindes, por certo, com recado da Rainha, para que Luiz volte de novo á côrte?... Hum!... suspeito bem que o não fará... ao menos por emquanto... Mal fechado traz ainda o golpe que lá soffreu... e depois... tem o seu Jáu muito doente... e não o deixará sem saude! Por emquanto... depois, talvez... depois...

D. Francisca *(embaraçada)* — Sim... depois...

D. Anna — Magoa... e grande... terá certamente Luiz... magoa de não...

D. Manoel *(ajudando D. Francisca)* — E penso que não devemos nós acrescentar-lh'a... fazendo-o sabedor... Melhor será, senhora, nada se lhe dizer... não vos parece? Deixal-o andar entregue aos cuidados do seu Antonio, mais do seu poema... que de sobra são já... para lh'os acrescentarmos...

D. Anna *(atalhando)* — Sim... sim... acertado me parece... Depois...

D. Francisca *(aproveitando o auxilio de D. Manoel)* — E melhor será não me encontrar aqui... *(cumprimenta D. Anna)* Acceitae os meus respeitos, senhora... e contae com a filha da vossa amiga... para em tudo vos servir...

D. Anna *(cumprimentando)* — Com Deus vos ide... e dizei lá á senhora Rainha, D. Catherina,

que ainda vive D. Anna de Sá de Macedo, mulher de Simão Vaz de Camões, cavalleiro fidalgo da sua côrte!...

D. Francisca *(da porta, cumprimentando)* — Darei o vosso recado, descançae!... *(Sáe.)*

SCENA IX

D. Anna de Sá, D. Manoel de Portugal

D. Anna *(voltando-se satisfeita para D. Manoel)* — Sempre ha uma justiça, sr. D. Manoel!... Vêde vós como a Rainha lá quer o meu Luiz!... Mais bem avisados andariam os nossos Reis, e bem melhor iria ao Reino, se sempre foram chamados para junto do throno os homens de bom conselho, e consciencia limpa!... *(dando pela chaleira na mão)* Ah!... Vou-me ao nosso Antonio, que se me esfria a agua!... *(sahindo, á parte)* Nada!... não se lhe deve dizer!...

D. Manoel *(só)* — Pobre velhinha!... As forças que ainda tiras, do teu amor de mãe! *(com a bolsa na mão)* Mas... como lhe darei agora este dinheiro?... Depois do que lhe deixamos julgar... coitada!... *(indo ao pé da mesa)* Deixar-lh'o aqui... não!... Luiz quereria saber... e certo recusaria!... *(voltando-se)* Ah!... sim!... Antonio!... Alguma traça haverei para a explicação!... *(Quer ir para o quarto d'Antonio, mas pára, vendo entrar Camões, pallido e abatido)*. Então?...

SCENA X

Camões, D. Manoel de Portugal

Camões — Nada!... A seis portas bati, e todas se me fecharam!... Todas se negaram a vir, quando eu lhes disse — era o meu dever! — que não podia pagar!... Ah!... meu velho Garcia d'Horta!... meu mestre!... meu amigo!... soubesses tu d'isto, que, da India virias tu!... para curar o meu Jáu!... tu sim!... mas estes!

D. Manoel — Se eu tal soubera!...

Camões — Que mais podias fazer, tu?... déste-me os dois cruzados... e sem nada ficaste...

D. Manoel *(embaraçado)* — Sim... ha pouco... mas agora?...

Camões *(admirado)* — Agora?...

D. Manoel *(embaraçado)* — Agora... agora... mister é que um venha, entendes?... E eu... eu vou por elle!... e conta que virá!... tenho aqui!... *(contendo-se)* tenho aqui... dois braços com que o trazer de rojo!... Espera!... *(vae á porta)* Hei de trazer um!... *(Sáe. Camões fica a olhar a porta, e faz um gesto d'amisade.)*

SCENA XI

Camões, D. Anna de Sá

Camões *(voltando-se ao sentir a mãe que vem do quarto d'Antonio)* — Então, minha mãe?... como vae elle?...

D. Anna — Sempre a tremer de frio... apesar

do banho... Vinha á cata d'alguma coisa que lhe deitasse em cima...

CAMÕES *(olhando em roda)* — Sim... *(faz o gesto de desanimo)* — Alguma coisa!... Olhae!... *(Vae á parede e tira a capa)* A minha capa!... Velha, e remendada!... Melhor!... Assim pesará mais!... Vamos lá!... Andae adeante... *(Dirigem-se para o quarto d'Antonio, mas deteem-se, ouvindo bater á porta)* Quem virá?... *(dando a capa á mãe)* Levae vós a capa... *(D. Anna entra com a capa: Camões vae á porta, abre, e recua espantado.)*

SCENA XII

Camões, Pedro d'Andrade Caminha

CAMÕES *(recuando)* — Pero Caminha!... Em minha casa!... Pero d'Andrade Caminha, em casa de Luiz de Camões?!...

CAMINHA *(entrando e descobrindo-se)* — Sim!... Pero d'Andrade Caminha que foi o maior inimigo de Camões, quando elle era novo, e invejado, e que vem, dezesete annos depois, a offertar-lhe a sua amisade e valimento, quando o vê pobre, doente, e de todos abandonado... e esquecido...

CAMÕES *(tomando calor)* — Esquecido... Mas então, tambem a vós... vos esqueceu o passado!... Tambem!... porque já vos não lembraes que, ás vossas intrigas e calumnias... eu devo... isto que hoje sou! Não vos lembraes que, por vossa causa fui expulso da côrte... para um desterro de dezeseis annos!... Que fostes vós, vós!... que levastes a El-rei D. João III o auto do rei Seleuco, e que a vosso sabor lh'o explicastes!... Que o mesmo rei

trouxestes á salla, onde me encontraria com Catherina d'Athayde?... e que a propria Catherina fizestes morrer de dôr... com vinte e tres annos de idade?...

CAMINHA *(á parte)* — Quem tanto lhe diria?... *(alto, grave)* Ouvi-me, Luiz de Camões!... Primeiro me ouvi, e obrareis depois... Odiei-vos, sim!... Comecei a aborrecer-vos, logo que de Coimbra viestes para a côrte... Porque logo senti que ia perder toda a fama que lograra alcançar, entre os poetas que seguiam a escóla italiana... a escóla de Sá de Miranda!... Porque Luiz de Camões improvisava, como ninguem, as redondilhas dos serões, e fazia sonetos como Petrarca, deixando muito atraz Garcillano, e Boscan!... Mais tarde, porém... quando vos vi desterrado... quando, por amigos, sube a malaventurada historia da vossa vida na India, comecei tambem a perceber as injustiças de quem não vos conhecera o valor, e vieram-me tristezas de pensar quanto Portugal perderia, perdendo Luiz de Camões!... E aqui está porque agora me ajuntei a Diogo do Couto... e pedi a El-rei licença para a publicação dos vossos *Lusiadas*, e vos quero ainda tornar favoravel a censura do santo officio...

CAMÕES *(admirado)*— Vós?... quereis?... Vós?...

CAMINHA — E porque não?... Sabeis... deveis saber, quanto na côrte hei crescido em cabedaes e honrarias?... Tenho que posso tanto, no animo de D. Sebastião, como Pedro d'Alcaçova Carneiro, ou o seu valido Martim Gonçalves da Camara!... Emquanto que vós... para aqui estaes... sósinho... doente... e sem valimento... Com que empenho viria eu, pois, a procurar-vos, se não me trouxera

um bom sentimento de paz, um puro desejo de vos dar auxilio?... Se eu venho a pedir-vos amisade, e o esquecimento de passadas injurias?...

Camões—E bem mal avisado andarieis, se com outro intento viesseis!... Pouco honra a victoria, que sem batalha se alcança!... Em outro tempo... ah!... em outro tempo... nem começar-vos deixaria eu, não!... Mas hoje!... Hoje... de todo me abandonou o antigo animo! *(tomando calor)* Se nem ha pouco o tive, para esmagar um homem... que não quiz praticar, por esmola, um acto do seu officio!...

Caminha—Não vos entendo...

Camões—Nem podeis entender estas coisas... que nunca as passastes! Pois ajuntae este caso, aos tantos que de mim vos contaram!... Luiz de Camões está prestes a perder o seu melhor amigo, porque não achou um physico que, por caridade, lhe queira receitar!...

Caminha *(á parte)*—Ah!... que ideia! *(alto)* Entendo bem a vossa magua... entendo!... e para vol-o provar... deixae que aproveite o ensejo!... Quero amostrar-vos bem clara, a honestidade da intenção com que vim!... Quereis, sem demora, um bom assistente para o vosso enfermo?

Camões *(sobresaltado)*—Se quero?...

Caminha—Pois bem!... O physico-mór d'El-rei, Affonso Annes, virá logo aqui, se de mim lhe levardes recado!...

Camões *(alegre)*—Ah!... Tendes que virá?...

Caminha—Inteira certeza! E não o deixará senão curado!... Quereis ir por elle?

Camões *(muito contente)*—Certo que sim!... E vós!...

Caminha — Aqui vos aguardarei... para vos mostrar o que posso, e para vos convencer com o que faço!...

Camões *(indo para a porta doido d'alegria)* — Ficae pois... que breve voltarei... *(Na porta volta-se, com olhar interrogador.)*

Caminha — No largo do Rocio vos dirão a sua morada... e dizei-lhe bem que vos envia Pero Caminha!...

Camões *(sahindo, á parte)* — Pero Caminha!... Por Deus que é um milagre!...

SCENA XIII

Caminha. Depois Antonio

Caminha *(só, mal Camões sáe)* — Ah! Que são bem innocentes, estes homens honrados!... E, ao cabo que facil victoria, foi esta de o convencer!... O parvo! que se deixou levar por umas palavras de sentimento... a ponto de pensar que já não ha odio... aqui! *(bate no peito)* Se ha!? e mais acrescentado cada dia tem elle sido, pelos louvores de Manoel de Portugal, e Diogo do Couto!... Mais crescido, a não me caber no peito, desque a El-rei ouvi dizer que déra a licença para a impressão do maldito livro!... E eu... eu approvei El-rei... approvei... que remedio havia já? Mas parti logo! em seguida!... *(passeia agitado e aproxima-se da porta do quarto d'Antonio)* Vim logo!... á ventura... á espreita do primeiro accaso que me... *(olha em roda)* pois chegou, o accaso!... Chegou!... Ordenou o accaso essa affeição que ao teu escravo tens, pobre louco! *(olhando a mesa)* Alli estão

duas pastas!... N'uma d'ellas terá os *Lusiadas!...* Pois não se imprimirão, que eu vou roubal-os!... *(Vae á mesa, abre uma das pastas e começa a metter no peito os papeis que tem dentro. N'este momento sáe do seu quarto, Antonio, fraco, vacillante a arrastar-se quasi.)*

ANTONIO *(caminhando a custo para Caminha)* — Não!... não!... *(vae indo, ao passo que Caminha espantado, quer recuar sem poder)* E' o que lhe resta!... Não quero!... Não quero!... Dá cá! *(Chega a Caminha, e deita-lhe as mãos ao peito)* Dá cá!... Ladrão!...

CAMINHA *(lucta com elle e quer repellil-o)* — Não!... Larga-me!... larga-me!... Senão!... *(Quer repellil-o.)*

ANTONIO *(sempre agarrado mas mais fraco)* — Não!... Matta-me!... mas, dá cá!... *(Caminha em um ultimo impulso, atira Antonio ao chão. Antonio ao cahir, agarra-se á capa, que Caminha lhe deixa na mão, e foge.)*

ANTONIO *(cahido)* — Ah!... que foi o ultimo alento!... E, vou morrer, sem lh'arrancar... vou!... vou morrer!... Mas... eu não queria morrer... sem o dizer a alguem... *(vae-se arrastando a custo, para a frente, por deante da mesa)* Senhora!... senhora!... Não me ouve!... Já não tenho força... para chamar... Já não posso!... ai! que eu morro!... mas... ao menos... morro... por elle! *(Cáe inanimado. N'este momento entra D. Manoel de Portugal seguido d'um medico.)*

SCENA XIV

D. Manoel de Portugal, o Medico e Antonio *(morto)*

D. Manoel *(entrando com um papel na mão)* — Luiz! Luiz!... Victoria!... A tua licença! *(vê no chão o corpo d'Antonio)* Ah! *(corre a elle, e n'esse momento deixa cair o papel sobre a mesa)* Antonio! *(apalpa-o mais o medico)* Desacordado! morto, talvez! *(ao medico)* Senhor! aqui tendes a paga do vosso trabalho!... *(da-lhe a bolça)* Tomae!... tomae tudo, mas salvae-o!... salvae-o, que são duas vidas a salvar!...

O Medico *(apalpando o corpo)* — Temo bem... que nada haja a fazer!... já!...

D. Manoel *(perdido)* — Não!... E' impossivel!... Elle não póde morrer assim!... Levemol-o para o leito... é alli!... *(Pegam ambos no corpo e levam-no para o quarto d'Antonio. Depois de entrarem, entra D. Anna pela porta do fundo esquerda.)*

SCENA XV

D. Anna de Sá, depois D. Manoel de Portugal; depois Camões, e o Medico

D. Anna *(indo á porta do quarto d'Antonio)* — Afigurou-se-me ouvir maior ruido... *(olhando para dentro e vendo os dois)* Ah! chegou emfim!... De que haveis mister?

D. Manoel *(sahindo afflicto)* — Senhora!... De nada carecemos... porque... Olhae, senhora, não

entreis... Deixemos o assistente... elle, melhor de que nós, sabe...

D. Anna *(reparando no gesto de D. Manoel)* — Mas... que tendes?... o que é?... que mais haverá, senhor Deus!...

D. Manoel *(enleiado)* — Socegae... e esperemos Luiz... não póde tardar...

Camões *(entrando na direita)* — Minha mãe!... Vem ahi!... Vem ahi já!... *(vendo os dois, e indo a elles)* Está socegado?... está?... *(reparando-lhes no ar)* Mas... que tendes, mãe?... que tens tu, Manoel?...

D. Manoel *(querendo sorrir)* — Eu!... nada!... socega!... Antonio...

Camões *(rompendo)* — Antonio está peior!

Medico *(apparecendo á porta)* — Antonio... está morto! *(D. Manoel agarra-se a Camões.)*

Camões *(desenvencilhando-se de D. Manoel)* — Morto!... Quero vel-o!... *(Quer ir ao quarto.)*

D. Manoel *(rapido, ao medico)* — Não deixeis!... Não o deixeis entrar!... que morrerá de dôr!...

Camões *(voltando-se, sem tentar resistir ao medico que não o queria deixar entrar. Triste)* — Eu?... morrer?... Já não! Tanto tempo tenho eu levado a morrer por esse mundo... que já não posso morrer... senão devagar... muito devagar, como a luz a que vae faltando o oleo... *(Abraçando a mãe)* Vês, minha mãe... vês?... bem te dizia eu... que todos os que à mim se chegam... tem esta sorte! *(rompendo, a D. Manoel)* Mas... como foi isto!... Como? Como foi?...

D. Manoel *(apontando)* — Achamol-o alli... cahido... sem vida!...

Camões *(que foi ao logar apontado, voltando-se*

para D. Manoel) — Aqui?... Mas como?... Como veio elle aqui?... Ah! minha mãe que o abandonastes!...

D. Anna *(chorando)* — Insultas-me, filho... e eu perdôo-te!...

Camões *(indo á mãe)* — Oh! minha santa mãe!... Não! não!... *(rompendo e indo)* Mas o que vinha elle fazer aqui?... Sim!... o que?...

D. Manoel — Não sei!... vi-o no chão... ao entrar com a licença... que está sobre a meza... *(Aponta a meza.)*

Camões *(olhando machinalmente na direcção apontada por D. Manoel, vê a pasta aberta e salta á meza)* — Ah! *(bate na pasta)* Roubado!... roubaram-me o *Parnaso!...*

D. Manoel *(que foi atraz d'elle, vendo a capa no chão)* — Espera!... Uma capa! .. *(Pega-lhe.)*

Camões *(deitando-lhe os olhos)* — Caminha!... Pero Caminha!... O infame!...

D. Manoel *(pasmado)* — Que dizes tu, Luiz?... Elle?...

Camões *(com força)* — Sim!... Esteve aqui!... Roubou-me o *Parnaso*, e matou Antonio!... Ah!... que já me esquecia do meu Antonio!... *(Vae ao fundo e dependura a espada com a qual volta.)*

D. Anna *(que viu)* — Filho, filho!... o que vaes fazer?...

D. Manoel — Luiz!

Camões *(ironicamente, triste)* — Socegae, que o não vou matar!... Eu... já não mato ninguem! É que Antonio... o meu Antonio... morreu... e nada me resta já... senão... a minha espada!... Vou empenhal-a, para lhe fazer o enterro!... *(Sáe. D. Anna chora. Cáe o panno.)*

ACTO V

PERSONAGENS DO 5.º ACTO

(ÉPOCA 1580)

Camões (57 annos, incompletos)
D. Manoel de Portugal (56)
Um fidalgo (60)
D. Anna de Sá de Macedo (89)
D. Francisca d'Aragão (49)
Vozes na rua.

ACTO V

(1580)

Habitação de Camões, no Hospicio de Sant'Anna, pegado á capella. Quarto pequeno e miseravel. Á direita, fundo, uma cama pobrissima. Á frente e um pouco á esquerda, uma banca velha, com um escabello ao pé. Ao fundo, meio, uma janella, e junto d'ella, da esquerda, uma velha cadeira de pau. Pela janella vê-se o telhado, e parte da parede da casa fronteira. Á esquerda, porta para o interior da casa. Á direita, porta d'entrada. Sobre a meza alguns papeis, e os *Lusiadas* (edição de 1572).

SCENA I

Camões. D. Anna de Sá

(Ao subir o panno, vae saindo para a direita um fidalgo. Camões faz um gesto de desgosto, designando-o, emquanto da esquerda entra D. Anna de Sá.)

CAMÕES *(apontando para o fidalgo que sáe)* — Tambem este!...

D. ANNA *(entrando com um castiçal ou palmatoria antiga, com vella accesa)* — O que foi, Luiz? Certo te magoou... esse fidalgo?...

CAMÕES *(com grande desconsolo)* — Não, minha mãe!... Já nada me magôa... nada!...

D. ANNA — Mas... contristado ficaste... Novas, talvez te deu, do que por ahi anda fazendo o Prior do Crato?...

Camões — Nada do que dizeis, mãe!... Os fidalgos... já não querem saber do que faz o Prior do Crato... o unico dos principes... que ainda lucta... e braceja, como o marinheiro que se afoga... O partido nacional... esses minguados portuguezes... que forcejam por travar esta roda de desgraça... esses... lá andam... errantes, e vagabundos pelos desvios das serras... e já nenhum procura o Hospicio de Sant'Anna, onde, por caridade d'umas santas mulheres... foi recolhido Camões, no extremo da pobreza... e da doença!... Já não!... Agora... vem d'estes!... *(depois de pausa)* Esse fidalgo que d'ahi se foi, minha mãe, chama-se Ruy Dias da Camara, e vinha a pedir-me que lhe trasladasse para a nossa lingua, os Psalmos Penitenciaes!... *(ironico)* E tinha razão, o fidalgo!... Se eu sou agora o poeta da fama... mais bem acceites serão os Psalmos Penitenciaes!...

D. Anna — E podem lembrar-se de taes devaneios... no estado em que vêem o Reino?!...

Camões — Por isso mesmo se lembram, minha mãe!... Bem conhecem elles que vae morrer Portugal... e, já que o não querem salvar, andam a contentar as consciencias... ordenando os Psalmos que se lhe hão de rezar no enterro!... E já não fazem pouco, os fidalgos!... O resto fica para Filippe d'Hespanha, o Prudente... que cedo virá a premial-os com honrarias, e prebendas... *(rompendo)* E aos poetas, tambem!... que tão degenerados são como elles!...

D. Anna — Não saias de ti, filho!... attenta no estado em que estás... e lembra-te do pobre Antonio... que, da mesma doença...

Camões *(atalhando)* — Não falleis de Antonio,

minha mãe!... se não me quereis peior!... Bem vistes, como eu vi!... que Antonio, o nosso Antonio, não morreu de morte natural!...

D. Anna — Tal não digas, Luiz!... Ficaram-te essas imaginações... que cada dia mais crescem com os desvarios da fraqueza em que estás!... Pois se tu... só de ideiar vives!... *(chegando-se a elle, meiga)* Olha, meu Luiz!... se tu quizesses... aquella receita que, ha dias, ordenou o nosso visinho?... Tambem me deu as hervas... queres?

Camões — O bom do hervanario!... Leu os *Lusiadas*, e fez-se meu amigo!... O unico que comtigo ganhei, meu pobre livro!... *(rompendo com força)* Os mais... oh! os mais!... os que tambem fazem livros, esses!... Esses, roubam os dos outros!... Esses, roubaram-me o *Parnaso!*

D. Anna — Deixa, filho!... deixa-os lá!... por ti tens o povo... e, quando o povo quer...

Camões — Sim... o povo sente os meus versos... sente... mas não os entende ainda... é cedo!... Por emquanto o meu livro... é para o povo... como uma novella de cavallaria... Mais gostará d'elle... talvez, porque lhe conto aquellas aventuras em verso... depois... depois...

D. Anna — Repara porém, que, no mesmo anno de 1572, em que pela primeira vez appareceu... logo esse anno Antonio Gonçalves o imprimiu duas vezes!...

Camões — Sim... e vae sahir em Hespanha, traduzido... e louvam-no Herrera, e Tasso!... Torquato Tasso!... aquelle infeliz que, lá da sua terra de Italia, saúda o maior infeliz de Portugal!... Esses... sim!... mas, cá dentro, minha mãe!... na minha terra!... esses que ahi nasceram commigo!?...

D. ANNA — Deixa, filho... deixa, que, a esses, o futuro lhes fará justiça...

CAMÕES — O futuro?... mas quando?... e o que dirá o futuro?... Que era bom o poema?... que exaltava a patria?... Mas então a historia, minha mãe... a historia que é a consciencia do futuro, dirá tambem que o auctor dos *Lusiadas* morreu *pobre* e *miseravelmente* no Hospicio de Sant'Anna!... E a historia, mãe!... a historia virá deshonrar a patria que os *Lusiadas* levantaram!... *(desanimado)* Não!... para isto... não valia a pena trabalhar... e soffrer!... não valia... nem mesmo nascer!...

D. ANNA *(reprehensiva)* — E a mim o dizes... tu...

CAMÕES *(com dor)* — Perdoae, minha boa mãe!... sou um egoista!... Não tendes d'isto a culpa... e eu... que nem em vós penso!...

D. ANNA *(rapida)* — Não penses, filho!... Cuida antes de ti, que não rompas em excessos... Bem sabes... que... sem socego...

CAMÕES — Sim... sim!... Mister hei agora de socego... emquanto não chega o outro... o ultimo... o que não tem fim... *(a mãe chora)* Pobre mãe!... lá vos magoei outra vez!... Sou, em verdade, um triste doente!... Olhae!... Chegae-vos aqui... chegae... *(a mãe chega-se, e elle, acariciando-a)* Vá!... Nada de lastimas!... Ora dizei-me cá... veio alguem com a resposta da tença?...

D. ANNA — Ninguem... ninguem veio...

CAMÕES — Ninguem!... E nada havemos recebido... ha mais d'um anno!... E, ha mais d'um anno que vivemos... do pouco que podem mandar-nos as pobres freiras... nossas visinhas... e das esmolas de Manoel de Portugal!... Nem tão

mesquinha quantia querem pagar, os fieis empregados... do thesouro... *Quinze mil réis de tença, por tres annos sómente... ao auctor dos* LUSIADAS, *pelo engenho e habilidade que mostrou no livro que fez das coisas da India!...*

D. ANNA — E por tanto que batalhou... e soffreu... nada!...

CAMÕES — Nem o eu aceitára, minha mãe!... Não!... Para mim só batalhei e soffri! Para a patria... escrevi este livro!... *(bate nos* LUSIADAS*)* De nada valeria á nossa terra um desconhecido soldado a pelejar na Africa, ou na India... mas tudo poderá valer um livro que conte ao mundo a historia dos nossos grandes capitães... e das nossas grandes victorias! oh! minha mãe!... Se soubesses!... se soubesses dos sonhos... das phantasias que, ás vezes me vem!... *(puchando-a para si, e tomando calor)* Ás vezes... quando eu me fico... alli... ao pé d'aquella janella... horas e horas... a olhar para a rua... oh! minha mãe!... Eu vejo... vejo bem d'alli... que Portugal está perdido!... que morreu com D. Sebastião... na jornada d'Africa, e que o estrangeiro vem ahi... e que seremos escravos!... Bem o vejo!... Mas, ás vezes, minha mãe!... ás vezes, quanto mais desalentado me acho, quanto mais enterrado me sinto n'estas tristezas... mais me assaltam umas ideias... tão doidas... e tão grandes... que a mim mesmo hei medo de as contar!... *(erguendo-se a custo)* Porque então, mãe!... então... eu penso que o meu livro virá a ser... talvez... a liberdade da nossa terra! Sim! porque d'aqui a cincoenta... a sessenta annos... haverá aqui uma geração d'homens... nascidos na dominação castelhana!... E então... os

paes contarão aos filhos como isto se fez... como nós fomos fracos... como os jesuitas perderam o reino... mais a India!... E os filhos quererão saber o que era a India... e então hão de lêr... aprender... decorar os *Lusiadas!*... E então, minha mãe!... então esses filhos, esses homens novos e fortes, ao vêr como nós fomos grandes, e como se perdeu, pelos nossos erros e vicios, o maior imperio do mundo... esses homens, hão de erguer-se todos como um só... e sacudirão o jugo estrangeiro, e formarão outra vez um reino... um reino novo, com a restauração da sua patria!...

D. Anna — E tu, filho!... tu serás então lembrado, como sendo o auctor dos *Lusiadas*... *(cahindo em tristeza)* que morreu pobre e abandonado!... E, quando elles forem á procura do teu tumulo escondido... nem os teus restos encontrarão, talvez!

Camões — Sim!... tarde se lembrarão... de que viveu Camões!... Mas, isso virá!... depois!... Agora não!... Mais tarde!... Deixae que bem lhes rasgue as carnes, a garra do leão de Castella, que então... a dôr os fará lembrar!... Hoje não!... que tão perdidos andam de brio, e sentimentos d'honra... que muitos haverá ahi... a desejarem o jugo... na esperança do proveito... os vilões! *(depois de pausa)* Emtanto me vou eu morrendo... e a minha só consolação... é ter adivinhado tudo isto... quando escrevia; já desalentado das coisas... e desenganado dos homens:

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até ao outomno :
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já me não jacto, nem me abono...
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno somno...

Do negro esquecimento... da minha terra... d'estes homens... que me mataram a vontade... *(com mais força)*

Não mais, musa, não mais que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favôr com que mais se accende o engenho,
Não n'o dá a patria, não, que está mettida
No gosto da cubiça, e na rudeza
D'uma austera, apagada, e vil tristeza!...

(Fica prostrado durante um espaço. Ouve-se na rua o ruido de gente em tropel, a correr. Camões ergue a cabeça) O que é, minha mãe?... Pois já?... *(ergue-se a custo)* Ajudae-me... quero ver... *(Vae-se dirigindo para a cadeira que está junto da janella.)*

D. Anna *(amparando-o)* — Mas, filho!... É noite... e começa a fazer frio...

Camões — Frio?... Pois parece-vos que terei frio... com este calôr nas mãos... *(Dá-lhe as mãos a apalpar.)*

D. Anna *(tomando-lh'as)* — Mas isto é febre, Luiz!... Menos deves ir...

Camões *(continuando até chegar á janella)* — Não!... Não é de doença do corpo, esta febre... é

d'outra!... *(Chega á janella e olha para a rua)* Passaram já!... *(sentando-se)* E' o povo que já sente no ar... os annuncios da proxima desgraça... e anda inquieto... o pobre povo... como as aves do mar em chegando o vento do levante... *(olhando)* Lá vem chegando duas mulheres, que vem para a ermida de Nossa Senhora da Salvação e Paz!... Nem salvação, nem paz terão ellas, que são hypocritas e mentidas essas romarias em que ora andam, pelas ruas e egrejas!... Ordenam-lh'as os Jesuitas, e ellas vão... e perdem-se em galanteios sem pudôr, e assim não terão tempo de dar aos homens a coragem que perderam!... a honra que já não têem!... Assim os homens não pensam nos males da patria... antes vendem as consciencias, e denunciam-se uns aos outros... com medo do santo officio!... O que os padres fazem, minha mãe!...

D. Anna — Ao senhor rei D. Henrique, certo o perderam elles, na hora da morte, tirando-lhe as forças, e a rasão!...

Camões — Como já haviam feito ao rei... áquelle doido rapaz, a quem, nem deixaram casar, para que em Alcacer ficassem enterrados juntos... o reino... e o rei! Porque não teve culpa D. Sebastião!... não teve!... era um rapaz! Mas o outro... o cardeal... o velho que os devia conhecer... esse... esse, desque D. Sebastião se perdeu, ficou-se para ahi, a chorar... e a rezar... até que se morreu, deixando a patria á mercê do primeiro que a quizesse!... *(Ouve-se na rua uma voz, e logo tres em côro:)*

VOZES NA RUA

Viva o rei D. Henrique
No inferno muitos annos,
Que deixou, em testamento,
Portugal aos Castelhanos!...

CAMÕES — Ouvistes, minha mãe?... Ouvistes!... «Que deixou em testamento, Portugal aos Castelhanos!...» Ahi tem o que fez o ultimo rei de Portugal!... E' o povo quem o diz... o povo! O eterno poeta de todos os tempos! A grande consciencia austera das nações agonisantes!... *(Debruçando-se)* Quero ver quem canta!

D. ANNA — Luiz, que te matas, ahi!...

CAMÕES — Não!... Não me tireis d'esta janella, minha mãe!... Quero ver!... Quero ver isto!... Porque isto, mãe!... isto é um auto!... uma comedia, de sangue!... E assim devia de ser!... O Cardeal D. Henrique foi Inquisidor geral d'este reino! Pois bem, mãe!... isto é um auto de fé do reino inteiro, feito pelo Cardeal D. Henrique! *(Cahindo na cadeira, exhausto)* Ai! que eu morro!...

D. ANNA *(agarrando-se ao filho)* — Filho!... Filho!... *(N'este momento entra D. Francisca d'Aragão que corre a Camões, e ajuda D. Anna a trazel-o para a cadeira junto da mesa. Camões cáe na cadeira e fica prostrado.)*

SCENA II

Os mesmos. D. Francisca d'Aragão

D. FRANCISCA *(correndo a ajudar D. Anna)* — Ah!... Deixae ajudar-vos!... Peior está! *(vindo pa-*

ra a cadeira) Como se vae acabando a vida... n'este grande coração!... *(para D. Anna, quando Camões cáe na cadeira)* Olhae, senhora: não havereis alguma bebida... que lhe dê forças!...

D. Anna — Sim... sim... lá dentro... Mas elle nada quer tomar!...

D. Francisca — Tentae sempre... tentae...

D. Anna *(chamando o filho)* — Luiz!... Luiz!...

Camões *(sem se mecher)* — Minha mãe...

D. Anna *(com muito carinho)* — Olha!... Se tu quizesses, filho!... tomar aquella bebida que o visinho ordenou?... Se tu quizesses?...

Camões — Sim... minha mãe... sim... eu já quero tudo!... *(D. Anna vae apressada para o interior da casa)* E, mais do que tudo... não ver o final da comedia!... *(vae voltando a si)* Mas, como vim eu?... ella, tão velhinha... não podia... *(volta a cabeça, e vê D. Francisca)* Ah!... *(tenta erguer-se)* Senhora!...

D. Francisca *(segurando-o para não se erguer)* — Não... não!... Deixae-vos estar!... *(Camões olha para ella admirado)* Não me conheceis!... Pois já me não conheceis?...

Camões — Como quereis que vos conheça... se nem a mim proprio... me conheço eu já... *(attentando mais)* Certo é... que... uma apagada ideia...

D. Francisca — Francisca d'Aragão...

Camões *(estremecendo)* — Francisca d'Aragão!... a amiga d'ella!... de Catherina!...

D. Francisca *(fazendo com a cabeça signal affirmativo)* — A Rainha... morreu... e eu não quiz partir... sem vos dizer adeus...

Camões — E tinheis razão... Se mais tarde chegasseis... não me acharieis... já...

D. Francisca *(rapida)* — Não!... não me entendestes!... quem parte... sou eu... para a provincia... já cá não posso estar... e parto...

Camões — Sim... mister é partir... Ninguem cá fica!... nem no reino... nem n'este mundo!... por isso tambem ella se partiu... *(de repente)* Vistel-a morrer... vistes?...

D. Francisca *(triste)* — Nos meus braços!...

Camões — A minha dôce Catherina!... Como suave devia de ser a sua morte?... Um dia... á tarde... conversando... disse-vos adeus... e expirou!... *(Fica a olhal-a com olhar d'interrogação.)*

D. Francisca — Não! A morrer levou oito annos... contados desde o instante em que vos partistes da côrte... Todos os dias fallava das suas esperanças... e, todos os dias, precisava de novas forças, para d'ellas fallar ainda...

Camões — Como eu!... Tantas mil leguas apartados um do outro... e tão unidos sempre nos destinos!... Tambem eu, cada dia me encontrava mais desalentado, e cada dia tambem tirava da sua lembrança, coragem para novos desenganos!... E nas viagens, nos combates, nos naufragios, era sempre a imagem de Catherina, que eu só via ao longe... como um barco distante a que acena, já sem forças, o desgraçado que vae... á tona d'agua... apegado a uma taboa... Mas, se aquillo era destino!... Se mais não era aquillo, do que uma ordem da minha sorte escura:

...........porque ficasse a vida
Pelo mundo em pedaços repartida!...

(Cae-lhe a cabeça no peito: passado tempo:) Mas

dizei: dizei tudo... mal posso já fallar... mas dizei vós... depois?...

D. Francisca — Um dia... correu na côrte... a noticia de que havieis morrido...

Camões — Ah! Com intenção... foi espalhada... talvez...

D. Francisca — Talvez... Levara-a o pae d'ella... e... *(Calla-se.)*

Camões *(sorrindo triste)* — Hesitaes?... Bem sei!... e Catherina?...

D. Francisca — Quando ouviu a nova, metteu-se na capella, e lá ficou a noite inteira... Ao outro dia cahiu na cama...

Camões — E de lá se partiu a esperar-me em melhor mundo!... Não esperarás muito, descança!... Que já nada me prende cá em baixo! Nada!... *(estremecendo)* Ah!... a minha pobre mãe!...

D. Francisca — Vossa mãe... e a patria!...

Camões *(exaltando-se)* — A patria?... A patria é mentira! Que por eu andar toda a vida atraz d'essa mentira... é que me encontro hoje n'este estado!... É! porque não tive a coragem de cumprir o juramento que, ao deixal-a, proferi!... *Ingrata patria, não terás os meus ossos!* Não tive! Fui um covarde, que, no meio dos móres perigos e desventuras, andava com o nome d'ella nos labios, e por ella luctei, e por ella soffri, e por ella, ao cabo, morro, para aqui, abandonado... como um cão!... A patria?... Maldita seja ella... já que...

SCENA III

Os mesmos. D. Manoel de Portugal

D. Manoel *(entrando de chofre)*—Luiz! Luiz!... Perdidos!... Temos o estrangeiro na terra da nossa patria!

Camões *(saltando de pé como que por commoção galvanica)*—É mister defendel-a!... Expulsal-os!... Onde vem elles?...

D. Manoel *(desanimado)*—Já não é possivel!... Filippe d'Hespanha está em Badajoz, e o Duque d'Alva vae entrar no Alemtejo, com dois mil cavallos, e vinte mil infantes!... Nada se póde fazer já!... Nada!...

Camões—Nada?... E os portuguezes?... o que fazem os portuguezes?... O Prior do Crato?... D. Diogo de Menezes?...

D. Manoel—D. Diogo de Menezes vae metter-se na fortaleza de Cascaes, com uns poucos d'homens que encontrou... O Prior do Crato... O Prior do Crato quer hoje repetir a façanha do Mestre d'Aviz, fazer a historia de 1385... mas não tem um Nun'Alvares Pereira nas armas, nem um João das Regras na politica!... Por ahi anda tudo desordenado... doido... até se fazem hostes de mulheres... armadas de pás, como Brites d'Almeida!... Impossivel será resistir!... impossivel!... todo o nosso exercito... são mulheres, creanças, e escravos!...

Camões—E soldados?...

D. Manoel—Soldados?

Camões *(desanimado)*—Tens razão!... Os soldados ficaram todos em Alcacer-Quibir!

D. Manoel — Todos!...

Camões *(rompendo)* — E o partido nacional por que os não faz?... novos?... Onde está o partido nacional?... O conde de Vimioso?... D. Francisco d'Almeida?

D. Manoel — O conde de Vimioso... o querido do povo, nada póde fazer!... Todos os planos lhe destróe a ambição e desatinado orgulho do Prior do Crato!... D. Francisco d'Almeida... lá anda por Lamego a ajuntar gente... mas não chegará a tempo!...

Camões — Mas os fidalgos?... O que fazem os fidalgos?... O Duque de Bragança?...

D. Manoel — Os fidalgos... sahiram de Lisboa... uns!... Os outros... estão á espera de Filippe II d'Hespanha, para lhe chamarem Filippe I de Portugal!...

Camões *(com raiva)* — Ah!...

D. Manoel — O Duque de Bragança... esse... caça, indifferente á sorte do Reino, na sua tapada de Villa Viçosa!...

Camões — E o povo?... o povo?...

D. Manoel — O povo?... pois perguntas pelo povo?... tu?...

Camões *(desanimado)* — Tens outra vez razão!... Já não ha povo!... O povo acabou-se!... Sacrificado nos areiaes da Africa... e da India... engulido pelo mar tenebroso... devorado pelas pestes ardentes!... Acabou-se! Ficou só essa coisa que não tem valor... os restos vís que se tiram ao de cima, quando se derrete o metal!...

D. Manoel — Inutil é pois luctar... bem vês?...

Camões *(irritado)* — Não!... não quero ver!... Não póde acabar assim uma nação!... Não póde!

(vendo D. Anna que traz na mão um pucaro) Dae cá, minha mãe!... Precisa de forças o vosso filho, porque a patria está a perder-se, mãe!... e o teu filho ainda lhe quer!... *(bebe)* D. Francisca d'Aragão!... morreu-vos nos braços a amante... a esposa de Luiz de Camões!... Ahi vos deixo minha mãe!... *(Para D. Manoel)* E agora, Manoel; vamos lá!... Vam... *(cáe na cadeira)* Ah! que já não posso!... Já não posso!... *(Fica sem acordo.)*

D. ANNA *(agarrando-se a Camões)* — Filho!...

D. MANOEL *(para D. Francisca, apontando Camões)* — Chegou-lhe a redempção!... Feliz d'elle, que não será escravo!... *(Ouve-se grande rumôr na rua, e vê-se clarão d'archotes.)*

D. FRANCISCA *(a D. Manoel)* — Ouvistes?... *(apontando)* Vêdes?...

D. MANOEL *(chegando á janella)* — E' o povo que vae desordenado... perdido, por essas ruas!... Certo sabe da invasão... e corre desvairado na incerteza do que o espera!... *(olhando attento)* Cuido ver com elle... gentes desconhecidas... enviados talvez de Filippe... para dispôr os animos com promessas!... e hão-de convencel-o... hão-de!... Voltarão de todo esse povo miseravel, que anda perdido... no terrôr d'uma sorte mysteriosa... e negra... que o espera, e que elle sente... que vem chegando... subindo sempre... como a maré... fria, constante... fatal!...

CAMÕES *(delirando, já no estertôr)* — Não!... Nada!... nem soldados... nem fidalgos... nem partido... nem povo... nada!... mas... então... esta terra...

UMA VOZ *(na rua)* — Real, real! por D. Filippe, rei de Portugal!...

Camões *(n'um ultimo arranco)* — Não!... infames!... Não, canalha!... não!... Real, real... por Dom!... por Dom!... por Dom... Ah!... que tambem já não ha rei!... Ah! Agora sim! agora, patria!... agora é que tu estás bem morta!... Agora... patria!... Morro comtigo!... *(Cáe inanimado na cadeira, D. Anna e D. Francisca seguram-no.)*

D. Anna *(agarrando-se a Camões)* — Ai!... o meu filho!...

D. Manoel *(apontando Camões)* — Morre, desgraçado!... Morre para a vida, que agora mesmo nasceste para a eternidade, no coração do povo!...

FIM.


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 25 09 013 3